



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Diogo Chaves de Almeida

**A Geografia Imaginativa e o aprender. Desaprender e reaprender sobre o Eu, o Outro e o Nós utilizando o seriado Os Simpsons na Educação Básica**

Rio de Janeiro

2019

Diogo Chaves de Almeida

**A Geografia Imaginativa e o aprender. Desaprender e reaprender sobre o Eu, o Outro e o Nós utilizando o seriado Os Simpsons na Educação Básica**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Geografia cultural

Orientador: Prof. Dr. André Reyes Novaes

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

A447 Almeida, Diogo Chaves de.  
A Geografia Imaginativa e o aprender. Desaprender e reaprender sobre o Eu, o Outro e o Nós utilizando o seriado Os Simpsons na Educação Básica / Diogo Chaves de Almeida. – 2019.  
170f.: il.

Orientador: André Reyes Novaes.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.

1. Simpsons (Programa de televisão) – Teses. 2. Geografia – Estudo e ensino – Teses. 3. Geografia – Métodos de ensino – Teses. 4. Geografia na arte – Teses. I. Novaes, André Reyes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III. Título.

CDU 911:37

Bibliotecária responsável: Taciane Ferreira da Silva / CRB-7: 6337

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Diogo Chaves de Almeida

**A Geografia Imaginativa e o aprender. Desaprender e reaprender sobre o Eu, o Outro e o Nós utilizando o seriado Os Simpsons na Educação Básica**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Geografia Cultural.

Aprovada em 28 de janeiro de 2019.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. André Reyes Novaes (Orientador)  
Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof. Dr. Ulisses da Silva Fernandes  
Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof. Dr. Pedro Paulo Pinto Maia Filho  
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2019

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a minha filha Clara, luz do meu viver.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas aquelas que me apoiaram nesse percurso longo e árduo, com muitos percalços, mas glorificante e fortificador.

Primeiro, as mais próximas, minha filha Clara que nasceu e cresceu junto com esse desafio e a minha esposa, que se dedicou (passando muitos finais de semana cuidando da pequena) e co-brou essa realização. Amo vocês!!

Meu pai, minha mãe e meu irmão pelo apoio e perguntas a respeito do andamento. A grande família formada por parentes de diferentes lados: paternos, maternos, paternos e maternos da minha esposa.

Ao meu orientador Prof. Dr. André Reyes Novaes, pelo acompanhamento e pela assistência dedicada mesmo com a situação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Aos professores e alunos da UERJ, aqueles que eu conheci e me ajudaram na caminhada, como todos os outros e a própria instituição diversificada, democrática, revolucionária. Resistam!!

A todos os meus amigos e todas as minhas amigas (difícil nomear e não causar polêmica) que participaram de alguma forma dessa construção.

Aos meus alunos e as minhas alunas que são parte disso desde meu início da carreira, ou seja, cobaias ativas que questionam (e estimulam) a mim a buscar sempre melhoras nessas práticas diárias.

As instituições de Ensino que sempre apoiaram, nesses mais de dez anos de carreira, minhas tentativas de utilização do seriado e de outras ferramentas alternativas que questiona, argu-menta, critica, constrói, desconstrói, reconstrói. Escola sem mordada!!

Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os  
homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

*Paulo Freire*

## RESUMO

ALMEIDA, Diogo Chaves de. *A Geografia Imaginativa e o aprender. Desaprender e reaprender sobre o Eu, o Outro e o Nós utilizando o seriado Os Simpsons na Educação Básica*. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar as possibilidades de uma proposta pedagógica utilizando de três episódios da série animada estadunidense Os Simpsons, em que nestas cenas os principais personagens visitam o Brasil (*Blame it on Lisa*), o continente africano (*Simpson Safari*) e a China (*Goo Goo Gai Pan*) apresentam-se como agentes questionadores e críticos das percepções do eu, do outro e do nós, conhecimentos apresentados em parâmetros curriculares nacionais e internacionais como responsabilidade da Geografia na educação básica. Utilizando uma metodologia visual crítica e tendo como ferramenta essencial as imagens do seriado produzido por Matt Groening para emissora Fox Broadcasting Company aparecem as percepções ocidentais estadunidenses das regiões (contaminadas por uma multiplicidade de imagens no mundo atual) que são somadas aos olhares e opiniões posteriores sobre os episódios de alunos e alunas do Ensino Médio em escolas no município do Rio de Janeiro, resultando na construção, desconstrução e reconstrução das interpretações desses estudantes com e a partir dos conceitos e estudos ligados a Geografia Imaginativa, dos símbolos citados e intertextualizados pelos personagens geográficos moradores da cidade fictícia de Springfield. O resultado prático é evidenciado através de questionários aplicados em sala de aula com a produção nuvens de palavras (*Word Cloud*), com destaques para as principais tendências de respostas e outros exemplos mais complexos e polêmicos. Assim, parece interessante compreender até que ponto a proposta pedagógica utilizando esse programa de televisão, e possivelmente de outros recursos audiovisuais, podem participar de forma positiva nos processos de análise de paisagens próximas e distantes no ensino da Geografia escolar.

Palavras-chave: Geografia imaginativa. Os Simpson. Proposta pedagógica

## ABSTRACT

ALMEIDA, Diogo Chaves de. *The Imaginative Geography and learning. Unlearning and relearning about Me, Us and the Other using a famous TV show The Simpsons in Basic Education*. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The present work aims to analyze the possibilities of a pedagogical proposal using three episodes of the American animated series *The Simpsons*, in which in these census the main characters visit Brazil (Blame it on Lisa), the African continent (Simpson Safari) and China (Goo Goo Gai Pan) presents itself as questioning and critical agents of the perceptions of the self, the other and the us, knowledge presented in national and international curricular parameters as the responsibility of Geography in basic education. Using a critical visual methodology and using images from the series produced by Matt Groening for Fox Broadcasting Company as an essential tool, the American western perceptions of the regions (contaminated by a multiplicity of images in the current world) appear, which are added to the later looks and opinions about the episodes of high school students in schools in the city of Rio de Janeiro, resulting in the construction, deconstruction and reconstruction of the interpretations of these students with and from the concepts and studies linked to Imaginative Geography, the symbols cited and intertextualized by the geographical characters residents of the fictional city of Springfield. The practical result is evidenced through questionnaires applied in the classroom with the production of word clouds, with highlights for the main tendencies of responses and other more complex and controversial examples. Thus, it seems interesting to understand the extent to which the pedagogical proposal using this television program, and possibly other audiovisual resources, can positively participate in the processes of analyzing near and far landscapes in the teaching of school Geography.

Keywords: Imaginative Geography. *The Simpsons*. Pedagogical proposal

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	A família reunida em frente à residência.....	14
Figura 2 –	Dr. Apu Nahasapeemapetilon, Ph. D.J.....	30
Mapa 1 –	Cidade de Springfield proposto por Jerry Lerma and Terry Hogan.....	34
Figura 3 –	A família no seu tradicional sofá assistindo televisão na famosa abertura do programa .....	46
Figura 4 –	Imagens do filme “Alô, amigos” (1942).....	50
Figura 5 –	O personagem Bart capa da revista estadunidense <i>Times</i> sobre os melhores na década de 1990.....	53
Figura 6 –	Personagem Homer Simpson.....	55
Figura 7 –	Personagem Marge Simpson.....	55
Figura 8 –	Personagem Bart Simpson.....	56
Figura 9 –	Personagem Lisa Simpson.....	57
Figura 10 –	Personagem Maggie Simpson.....	57
Tabela 1 –	Nome do episódio, destino do(s) personagem(ns), temporada, número e ano (EUA).....	59
Mapa 2 –	As três viagens selecionadas (Brasil, África e China) com cores dividindo o Mundo em “Norte-Sul” .....	66
Figura 11 –	Referências do Brasil nas falas das personagens Lisa e Homer Simpson (Legendas em inglês).....	69
Figura 12 –	Sequência de imagens em que aparece pela primeira vez no episódio o Brasil através do menino órfão Ronaldo e os macacos, com casas mal acabadas ao fundo (legendas em inglês).....	70
Figura 13 –	Viagem ao Brasil na companhia “AeroBrasil” e conversa entre Lisa e Homer Simpson (legendas em inglês).....	71
Figura 14 –	Diálogo entre Bart e Marge Simpson no avião antes da chegada (legendas em inglês).....	72
Figura 15 –	Sequencia da chegada dos personagens apresentando o “Aeroporto International de Galeão” e o Cristo Redentor em primeiro plano e plano de fundo (legendas em inglês).....	73

Figura 16 – Sequencia com a fala de Marge Simpson sobre a fila de Conga e a atuação de Homer (legendas em português).....	74
Figura 17 – Hospedagem da família na cidade ( <i>Rio Days-inn-ero</i> ).....	74
Figura 18 – Sequencia de imagens no saguão do hotel com referências sobre futebol e o livro fictício <i>How to loot Brazil</i> .....	75
Figura 19 – Sequencia com Bart assistindo ao programa infantil (legendas em português).....	75
Figura 20 – Referência a Carmem Miranda e paródia de sua música feita por Homer e Bart Simpson (legendas em inglês).....	76
Figura 21 – Lisa Simpson com o Pão de Açúcar ao fundo (Legendas em português)...	76
Figura 22 – Sequencia de imagens da visita da família <i>Simpson</i> à favela carioca.....	78
Figura 23 – Endereço e o “Orfanato dos Anjos Imundos” (legendas em português).....	79
Figura 24 – Freira e o símbolo religioso (legendas em português).....	80
Figura 25 – Sequencia de imagens na “Churrascarias” com a representação cartográfica da cidade (legendas em português).....	80
Figura 26 – Homer e Bart Simpson avistando a praia de Copacabana (legendas em português).....	81
Figura 27 – Diálogo e sequencia entre Homer Simpson e o guarda-vidas sobre os padrões de vestimenta na praia (legendas em português).....	82
Figura 28 – Referência de vestimenta no fio dental (legendas em português).....	82
Figura 29 – Camisa produzida à partir do episódio e do personagem Homer.....	83
Figura 30 – Sequencia em que os personagens Homer e Bart são furtados após tomarem suco com frutas brasileiras (legendas em português).....	83
Figura 31 – Sequencia Homer e Bart caminhando pela cidade com cozinheira ao fundo, entrando em táxi irregular e o sequestro do personagem Homer (legendas em português).....	84
Figura 32 – “Escola de Samba” e as danças criadas nesse ambiente mencionadas no episódio (legendas em português).....	84
Figura 33 – Quatis e cobras vendidas em feira livre (legendas em português).....	85
Figura 34 – Encadeamento das primeiras imagens da Amazônia, juntamente as falas do personagem brasileiro e de Homer (legendas em português).....	86
Figura 35 – Anaconda no episódio e a capa do DVD do filme (1997).....	86
Figura 36 – Posto policial e o agente da lei brasileiro (legendas em português).....	87

Figura 37 – Sequencia de imagens de apresentação do Carnaval pelas falas de Lisa e Bart (legendas em português).....	87
Figura 38 – Sequencia de zonas de contato entre os personagens do seriado e brasileiros no carnaval (legendas em português).....	88
Figura 39 – Ronaldo e sua fantasia de “Flamingo Flamengo” (legendas em português).....	89
Figura 40 – Imagens do Pão de Açúcar e do seu bondinho no episódio (legendas em português).....	89
Figura 41 – Sequencia final do episódio <i>Blame it on Lisa</i> (legendas em português).....	90
Figura 42 – Avião a caminho do Brasil da companhia <i>Air Brasilia</i> .....	91
Figura 43 – Símbolos da cidade de São Paulo (legendas em português).....	92
Figura 44 – Fala de Homer Simpson sobre o Brasil com a cidade de São Paulo ao fundo (legendas em português).....	93
Figura 45 – Cartões postais mostrados no episódio <i>You Don't Have to Live Like a Referee</i> .....	94
Figura 46 – Representações simbólicas na cidade do Rio de Janeiro no episódio <i>You Don't Have to Live Like a Referee</i> (2014).....	95
Figura 47 – Sequencia de imagens da Floresta Amazônica com falas de Lisa e Homer Simpson (legendas em português).....	96
Figura 48 – Primeira referência sobre a África na fala de Homer Simpson (legendas em inglês).....	97
Figura 49 – Caixa de biscoitos com referências turísticas da continente.....	98
Figura 50 – Sequencia da notícia da viagem da família falada em Springfield e recebida no destino (legendas em inglês).....	99
Figura 51 – Sequencia no avião sobrevoando o continente africano (legendas em inglês).....	100
Figura 52 – Mudança de presidente (legendas em inglês).....	101
Figura 53 – Local de estadia da família durante a visita.....	101
Figura 54 – Victoria Falls ou Cataratas Vitória (legendas em português).....	102
Figura 55 – Monte Kilimanjaro (legendas em português).....	102
Figura 56 – Representação do sol ao fundo e dos animais de grande porte da savana..	102
Figura 57 – Sequencia na sobre a fauna da Área de Conservação de Ngorongoro (legendas em inglês).....	104

Figura 58 – Sequencia na visita a Garganta de Olduvai (legendas em português).....	105
Figura 59 – Sequencia na visita da sociedade Masai (legendas em português).....	106
Figura 60 – Sequencia no contato com outra sociedade (legendas em inglês).....	107
Figura 61 – Animais que atuam em conjunto com os personagens (legendas em português).....	108
Figura 62 – Sequencia no fictício Joan Bushwell’s Chimp Refuge (legendas em português).....	109
Figura 63 – Consulado chinês na cidade de Springfield por fora e por dentro (legendas em português).....	110
Figura 64 – Chegada na China pelo vôo da Air China e as primeiras representações espacializadas no país.....	111
Figura 65 – Exemplos de relações comerciais/culturais entre Estados Unidos e China	112
Figura 66 – Fala da personagem <i>Wu</i> sobre o Tibete (legendas em inglês).....	113
Figura 67 – Lisa Simpson e conversa com seu irmão espião (legenda em inglês).....	113
Figura 68 – Tradicional Dragão Chinês (símbolo cultural/religioso).....	114
Figura 69 – Sequencia no Templo dos Monges Shaolin (legendas em inglês).....	114
Figura 70 – Homer Simpson e suas zonas de contato na China (legendas em inglês)...	115
Figura 71 – Orfanato e a menina Ling (legendas em inglês).....	116
Figura 72 – Referências de Mao Tsé-tung (legendas em inglês).....	116
Figura 73 – Muralha da China e a questão territorial em tom sarcástico (legendas em inglês).....	117
Figura 74 – Monumentos históricos em Pequim representados à moda dos Simpsons (sem legenda).....	117
Figura 75 – Intertextualidade entre o episódio e a famosa imagem de 1989.....	118
Figura 76 – Peça <i>Death of a salesman</i> contracenada na China (sem legenda).....	118
Figura 77 – Fala da mãe Selma para sua filha adotiva Ling (legendas em inglês).....	119
Figura 78 – Nuvem de palavras com referências positivas do Brasil propostas pelos alunos.....	124
Figura 79 – Nuvem de palavras com referências negativas do Brasil propostas pelos alunos.....	127
Figura 80 – Nuvem de palavras com localidades a serem visitadas (pontos turísticos) no Brasil propostas pelos alunos.....	130

Figura 81 – Nuvem de palavras com opiniões gerais dos alunos sobre o episódio <i>Blame it on Lisa</i> .....	133
Figura 82 – Nuvem de palavras com estranhezas e surpresas identificadas pelos alunos no episódio <i>Blame it on Lisa</i> .....	135
Figura 83 – Nuvem de palavras com mudanças no episódio <i>Blame it on Lisa</i> propostas pelos alunos.....	136
Figura 84 – Nuvem de palavras com imagens sínteses da África apontadas pelos alunos.....	138
Figura 85 – Nuvem de palavras com as últimas informações sobre a África apontadas pelos alunos.....	139
Figura 86 – Nuvem de palavras com possíveis símbolos africanos no episódio <i>Simpson Safari</i> apontados pelos alunos antes de assistir.....	140
Figura 87 – Nuvem de palavras com símbolos reconhecidos no episódio <i>Simpson Safari</i> pelos alunos.....	141
Figura 88 – Nuvem de palavras com símbolos que causaram estranhamento, surpresa e/ou não entendimento no episódio <i>Simpson Safari</i> identificados pelos alunos.....	143
Figura 89 – Nuvem de palavras com símbolos ausentes no episódio <i>Simpson Safari</i> apontados pelos alunos.....	144
Figura 90 – Nuvem de palavras com imagens sínteses sobre a China propostas pelos alunos.....	145
Figura 91 – Nuvem de palavras com as últimas informações sobre a China trazidas pelos alunos.....	146
Figura 92 – Nuvem de palavras com possíveis construções simbólicas da China no episódio <i>Goo Goo Gai Pan</i> trazidas pelas alunos antes de assistir.....	147
Figura 93 – Nuvem de palavras com símbolos reconhecidos no episódio <i>Goo goo gai pan</i> pelos alunos.....	148
Figura 94 – Nuvem de palavras com símbolos que causaram estranhamento, surpresa e/ou não entendimento no episódio <i>Goo Goo Gai Pan</i> nos alunos.....	149
Figura 95 – Nuvem de palavras com símbolos ausentes no episódio <i>Goo Goo Gai Pan</i> propostos pelos alunos.....	150

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1</b>	<b>AS CONSTRUÇÕES DO MUNDO PROPOSTAS PELAS VIAGENS DOS PERSONAGENS GEOGRÁFICOS.....</b>	<b>24</b>
1.1	<b>As viagens e os estereótipos.....</b>	<b>26</b>
1.2	<b>A Intertextualidade e os símbolos .....</b>	<b>35</b>
<b>2</b>	<b>OS RECURSOS VISUAIS E AUDIOVISUAIS NAS PERSPECTIVAS ESPACIAIS.....</b>	<b>39</b>
2.1	<b>Cinema.....</b>	<b>41</b>
2.2	<b>Televisão .....</b>	<b>45</b>
2.3	<b>Desenhos animados.....</b>	<b>49</b>
2.4	<b><i>The Simpsons</i> e seus personagens principais.....</b>	<b>52</b>
<b>3</b>	<b>O PLANEJAMENTO, A UTILIZAÇÃO E A DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS ESCOLHIDOS.....</b>	<b>61</b>
3.1	<b>Os episódios escolhidos.....</b>	<b>65</b>
3.1.1	<b><u>Brasil</u>.....</b>	<b>67</b>
3.1.2	<b><u>África</u>.....</b>	<b>96</b>
3.1.3	<b><u>China</u> .....</b>	<b>110</b>
<b>4</b>	<b>ATIVIDADES E RESULTADOS.....</b>	<b>120</b>
4.1	<b>Atividades.....</b>	<b>120</b>
4.2	<b>Resultados.....</b>	<b>122</b>
4.2.1	<b><u>Primeira atividade</u>.....</b>	<b>122</b>
4.2.2	<b><u>Segunda atividade</u>.....</b>	<b>137</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>152</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>157</b>

## INTRODUÇÃO

Os novos estudos na área da Geografia Cultural vêm abarcando diversos temas com abordagens espaciais. Entretanto, os recursos audiovisuais, mais ainda os desenhos animados, seguem sendo poucos estudos sistemáticos na disciplina. Apesar de alcançarem grandes audiências e apresentarem considerável impacto na circulação de geografias imaginativas em crianças, jovens e adultos, as animações cinemáticas e televisivas ainda carecem de uma atenção mais detalhada por parte dos geógrafos brasileiros e estrangeiros. É fácil encontrar alguém que conheça as personagens principais de animações produzidas pela indústria cultural estadunidense – em especial *The Simpsons*, série que alcançou diversos recordes e premiações – e que identifique alguns episódios ou sequências de cenas que lhes chamaram a atenção ou até mesmo que atualmente recebam memes virtuais com imagens dos protagonistas do seriado.

Figura 1 - A família reunida em frente à residência



Fonte: Site IMDb<sup>1</sup>

Essa última forma de se comunicar, cada vez mais utilizada no ambiente das redes sociais e que está inserida no cotidiano das pessoas no mundo atual, sempre abusa das intertextualidades (referências de textos sobre outros textos) de programas de televisão, filmes famosos, cartões-postais, livros, pensadores, cantores e artistas diversos. E o seriado da família amarela participa ativamente dessa nova forma de se comunicar, já que possui uma gama enorme de adjetivos que o tornam popular, como as virtudes de fazer parte e criticar o *American way of life*, fazendo dela a série que mais tempo está na televisão e em horário nobre, veiculando sua décima nona temporada no Brasil, já transmitindo sua trigésima (pode ser a última)

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0096697/mediaviewer/rm1730745600>. Acessado 01 de dez. 2018

temporada nos Estados Unidos e agora tendo uso da imagens e produtos pela Walt Disney Company, direitos adquiridos no ano de dois mil e dezoito através de compra da maioria dos ativos da 21st Century Fox.

Além da produção audiovisual e das conquistas artísticas e comerciais, a série estimulou múltiplos artigos e livros, partes destes utilizados e citados neste trabalho, traduzidos no Brasil como: Os Segredos Matemáticos dos Simpsons (2016), Os Simpsons e a Ciência (2012), Os Simpsons e a Filosofia (2004), além de outros ainda não traduzidos como *Leaving Springfield: The Simpsons and the Possibility of Oppositional Culture* (2004), *Watching with the Simpsons: Television, Parody, and Intertextuality* (2006), *What's Science Ever Done For Us: What the Simpsons Can Teach Us About Physics, Robots, Life, and the Universe* (2007) e *The Simpsons Handbook: Secret Tips from the Pros* (2007). Porém, poucas são as escritas que possuem como delineador principal os aspectos e prognósticos tipicamente geográficos, ou seja, debatendo questões espaciais, abrindo-se caminho para esse viés específico.

Assim, acompanhando a minha trajetória pessoal este projeto realmente começa na década de 1990, quando descobri os Simpsons (em português) pela primeira vez. Sendo um pré-adolescente no momento, eu, como muitos outros, pensei que Bart Simpson era o personagem mais legal da televisão. Um pouco mais velho, a dinâmica familiar, as referências diversas e a sátira da cultura popular começaram a chamar mais atenção. Até que, universitário e professor ainda iniciante, comecei a pensar sobre as formas como esses programas e outras ferramentas audiovisuais contribuem para conhecimentos para a Geografia Escolar, simultaneamente como estes alunos e estas alunas interpretam e entendem essas imagens.

Com o ingresso no magistério – após o recebimento do diploma na graduação apresentando esse tema na monografia com uma escrita mais ampla e superficial dos episódios de todas temporadas veiculadas (na época na vigésima temporada) focados em analisar a construção da cidade de *Springfield* e seus padrões urbanos espaciais ao longo do tempo, de forma cronológica, além das viagens nacionais e internacionais e seus símbolos espaciais – para lecionar aulas de Geografia em dois seguimentos do Ensino Fundamental II (oito e nono anos) e outras três séries no Ensino Médio (primeiro ao terceiro ano), esse recurso vem me acompanhando em diferentes oportunidades, atuando às vezes como introdutor, em outras como protagonista e/ou auxiliar para a construção, desconstrução e reconstrução de temas diversos ligados ao currículo escolar.

Depois de muito utilizar, acertando e errando nas formas de utilização prática em sala de aula, foram escolhidos para essa pesquisa dissertativa três episódios em que os personagens da série estadunidense saem de sua cidade natal e visitam outros países e continente (África,

Brasil, China) para abarcar no objetivo geral da dissertação: apresentar uma proposta pedagógica não convencional calcada na série animada *The Simpsons* como conduto de entendimento das diferenças e semelhanças identitárias em países e regiões das porções periféricas do Mundo.

No caso a escolha pelas três áreas periféricas do atual mundo globalizado se faz por diferentes justificativas. Em todos os casos (como seria no caso da utilização de outros recursos audiovisuais), o planejamento das escolas influencia na decisão, assim como o tempo estipulado para cada um desses temas devido a frequência de questões de vestibulares que apresentam conteúdos debatidos nos episódios. Com relação ao episódio sobre o Brasil inclui a atração pelas ideias sobre a construção do eu e do nós, assim como as percepções do outro sobre o nosso país. Sobre a China e a África, as percepções do outro feitas pelo alunado e a ida da família completa (os cinco personagens) fazendo os episódios serem focados nas paisagens serão somados aos motivos

Como objetivos específicos se propõe a análise da importância das discussões sobre o Orientalismo na abordagem regional do Mundo em jovens e a compreensão de como imagem e representação são componentes fundamentais para a formatação dos conteúdos vinculados à Geografia Regional escolar. Assim, a Geografia Imaginativa proposta inicialmente por Edward Said em seu livro *Orientalismo* (1978) e depois trazido por outros autores mais recentes em suas pesquisas aparece como conceito chave para o desenvolvimento desta escrita. Simultaneamente, é interessante identificar até que ponto até que ponto são beneficiados este e outros temas curriculares relacionados à Geografia quando usadas essas imagens sequenciadas de uma série de televisão estadunidense como prática pedagógica com estudantes que cursam o ensino médio no Brasil e seguem orientações curriculares distintas.

Nesses anos que acompanharam os trabalhos em salas diversas foram as formas de avaliar, normalmente com perguntas, os conhecimentos e referências anteriores e posteriores aos episódios veiculados no ambiente escolar, gerando resultados e debates variados. Assim, apresento no um fragmento desses resultados coletados no de ano dois mil e dezoito, em duas escolas particulares em bairros de classe média e alta da cidade do Rio de Janeiro.

Para complementar os objetivos central e específicos, três grandes bases introdutórias que justificavam e norteiam o debate da dissertação. O primeiro indaga quais seriam os conceitos e categorias espaciais que podem ser importantes para a problemática. Primordialmente a Geografia imaginativa trazida por SAID (1978) e posteriormente debatida por SHARP (2009). Outros pilares conceituais seriam: o ato de viajar, as zonas de contato construídas, os personagens geográficos, as imagens e os cartões-postais, estereótipos e a

percepção do(s) outro(s) propostos em DUNCAN e GREGORY (1999), PRATT (1999), AMANCIO (2000), CAMARGO (2001), DODDS (2005), BORIA (2006); TOMAZZONI (2006), CLAVAL (2010), COSGROVE (2010), SIQUEIRA (2010), NAME (2010, 2013) e NOVAES (2011, 2013) símbolos e intertextualidade propostos em HALL (1997), COSTA (2005), GRAY (2006) e CORRÊA (2007); o uso e o poder das imagens sequenciadas produzidas no turismo, no cinema, na televisão, nos desenhos animados e na série que chegam nas escolas e apresentam conhecimentos geográficos apresentados por LOWENTHAL (1961), AITKEN e ZONN (1994), PINSKY (2001), DUARTE (2002), NAPOLITANO (2003), GITLIN (2003), ROSE (2003), MOREIRA (2005), ARNOLD (2007), FREQUEST (2007), TERRACE (2007), FRANZÃO (2009), HOPKINS (2009), NOVAES (2013), FISHER (2013), SANTOS (2015), THOROGOOD (2016), NUNES (2017).

Segunda base seria como e por que entender e pesquisar especificamente este seriado e estes episódios ferramentas para as práticas pedagógicas centrais da pesquisa. De maneira abreviada e inicial, os criadores e escritores (atualmente uma equipe enorme e custosa, que surgiu com uma idéia do cartunista Matt Groening) de *The Simpsons* reproduzem uma construção social, cultural, espacial, etnocêntrica (uma família de classe média do meio-oeste dos Estados Unidos, maior potência econômica do Mundo) que vivem seus cotidianos permeados por questões distintas, tanto existenciais quanto imediatas. A riqueza e a diversidade ficam por conta dos personagens heterogêneos com problemas que parecem, à primeira vista, simples, mas que encerram em si indagações maiores. A profundidade dos episódios está em nos fazer rir de nossa (quando nos identificamos com os problemas) própria imperfeição frente à seriedade da situação diante de nossos olhos e especialmente nas três viagens apresenta o comportamento estadunidense no exterior, as zonas de contato e suas construções simbólicas.

A utilização de um recurso audiovisual estrangeiro como recurso didático em escolas no território brasileiro e para a pesquisa pode ser questionada, mas introdutoriamente defendida através Gitlin (2003) na passagem que apresenta que se existe uma aldeia global (discutível) proposta pelo filósofo Marshall McLuhan (1962, 1964) “ela fala americano, usa jeans, bebe Coca, come sob os arcos amarelos, caminha com tênis de marca, toca guitarra elétrica, reconhece Mickey Mouse, James Dean, ET, Bart Simpson” (GITLIN, 2003, p. 239, grifo do autor). Então, o seriado se apresenta como uma possível ferramenta para diversas realidades, não apenas no país de criação

Acrescentando que o status icônico dos *Simpsons* e a infusão na indústria cultural ao redor do mundo tornam possível estudar o programa a partir de inúmeros ângulos e âmbitos científicos, como nos livros sobre a série citados acima, e apenas arranhar superficialmente sua

ressonância cultural. No entanto, este trabalho não promete oferecer um estudo completo de todos os episódios. Em vez disso, novamente, concentra-se em três deles, focando na exposição do possível juízo de valor da sociedade americana frente às outras sociedades e paisagens com seu conceito de humor satírico, acrescentando a importância de um modo intertextual de análises geográficas feitas pelos alunos e alunas nas escolas.

O terceiro e último pilar da pesquisa foi captar nos alunos e nas alunas de diferentes faixas etárias suas Geografias Imaginativas sem fugir dos documentos curriculares oficiais que regem a educação e da prática pedagógica em sala de aula. Inicialmente com perguntas anteriores aos episódios sobre três viagens feitas pelos personagens buscam-se percepções das diferentes cabeças pensantes em uma sala de aula e suas respectivas construções simbólicas de si (como indivíduo e sociedade) e do outro (em que o seriado pode também ter participado dessas primeiras impressões se o aluno assistiu anteriormente). Somadas com as percepções do educador durante o episódio através das formas de comportamento de cada um dos alunos e das alunas (risos, angustias, insatisfações, comentários, questionamentos) pensando também na interpretação coletiva como turmas, que possuem similaridades e diferenças. Por fim, perguntas posteriores as imagens dos episódios sobre suas opiniões gerais e pontuais, possivelmente ajudando a construir, desconstruir e reconstruir essa Geografia imaginativa e seus símbolos. E essas respostas foram aqui analisadas e apresentadas através de nuvens – *Word Cloud*.

Como práticas pedagógicas, os episódios foram empregados inicialmente em turmas do Ensino Fundamental II com perguntas mais simples sobre os símbolos espaciais, funcionando como forma de introduzir países e continentes no ensino da Geografia Regional, acrescentando também outras temáticas (em outras aulas, com outros episódios) relacionadas aos processos migratórios, impactos ambientais, urbanização, globalização. É crível ainda observar outros debates complementares, interdisciplinares e transdisciplinares com outras matérias curriculares e com o próprio funcionamento do sistema escolar, pois dois dos personagens principais (Bart e Lisa Simpsons) frequentam uma instituição pública de educação básica nos Estados Unidos que quando comparada aos espaços escolares brasileiros possui semelhanças e diferenças relacionadas aos seus debates, suas virtudes, seus desafios, suas deficiências.

Para essa dissertação o público-alvo tornou-se outro, adolescentes que estão cursando o Ensino Médio no Brasil, variando entre quinze e dezenove anos, que passam por uma fase de redefinições identitárias, de questionamento do sentido existencial e social da vida e do mundo, maior capacidade de abstração, culminando em raciocínio operacional formal. Visualizando assim um possível aumento da exigência, como também no nível de complexidade dos questionamentos, abordagens de conceitos e debates sobre a Geografia imaginativa. Também

se modifica e concentra a pesquisa nesses jovens devido às mudanças profissionais, onde no momento da escrita estou trabalhando apenas nesse segmento de ensino (e em apenas nessas duas escolas), por isso as atividades foram feitas apenas nessa faixa etária, com pontos positivos e negativos dessa limitação.

Um dos argumentos favoráveis é que estes jovens, desse nível de idade, são agraciados com boa parte das produções audiovisuais comerciais, e o seriado não é diferente, apesar na maioria dos episódios ter classificação livre. A afirmação do criador da série Matt Groening (2001) sobre de o seriado ter sido idealizado para o público adulto, não para crianças, e o caracteriza pelo apelo oferecido como entretenimento familiar em um novo sentido. Os adultos irão aproveitar o diálogo espirituoso e crítico somado à história engraçada e as crianças vão gostar de algumas das piadas mais tolas. O produtor James L. Brooks (2001) da mesma forma observa que eles finalmente descobriram o que é “entretenimento familiar” ou deveria ser, afirmando conseguir sentar avós, pais e filhos jovens e todos rirem de diferentes coisas dos episódios, o que mostra a amplitude do público-alvo é maior que apenas para adolescentes.

A necessidade de se encaixar a experiência didática proposta em um currículo formal de cada uma das escolas, se insere ainda uma breve discussão do lado documentado da educação para a formação dos estudantes, no qual cada uma delas possui suas especificidades. Não é objetivo nesta dissertação apresentar, criticar e debater as leis, os documentos oficiais e currículos escolares, porém é importante apresentá-los, mesmo que resumidamente para analisarmos o papel do professor de Geografia nas instituições de Ensino Médio no Brasil, suas limitações, amplitudes, homogeneidades e heterogeneidades de trabalho.

As duas instituições (particulares) de ensino selecionadas seguem rumos distintos quando comparadas, com orientações e recomendações diferentes. Uma delas, brasileira, segue de maneira prioritária as determinações do Ministério da Educação (MEC) que no ano de dois mil e dezessete, durante o governo de Michel Temer, publicou em diário oficial uma proposta de reforma ampla na educação nacional, com aprovação em 2018 para ser colocada em prática de maneira gradativa e finalizada sua transição para 2022 através da

Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BNCC, 2017, p.7).

A educação básica citada no fragmento é formada por três etapas: a educação infantil (para crianças com até cinco anos), o ensino fundamental (para alunos de seis a 14 anos) e o

ensino médio (para alunos de 15 a 17 anos). A última fase, composta pelos três últimos anos de formação do estudante e foco da pesquisa aqui apresentada tem seu currículo

composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber

- I – linguagens e suas tecnologias;
- II – matemática e suas tecnologias;
- III – ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV – ciências humanas e sociais aplicadas;
- V – formação técnica e profissional (BNCC, 2017, p. 467).

A Geografia, como matéria curricular aparece inicialmente no Ensino Fundamental, ou seja, no segundo ciclo. No Ensino Médio conjuntamente com a Filosofia, História e Sociologia, faz parte como matéria estruturante sobre Ciências Humanas e Sociais aplicadas do Ensino Médio. No documento oficial tem o alinhamento de propor

a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas até o 9º ano do Ensino Fundamental, sempre orientada para uma educação ética. Entendendo-se ética como juízo de apreciação da conduta humana, necessária para o viver em sociedade, e em cujas bases destacam-se as ideias de justiça, solidariedade e livre-arbítrio, essa proposta tem como fundamento a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos. No Ensino Fundamental, a BNCC se concentra no processo de tomada de consciência do Eu, do Outro e do Nós, das diferenças em relação ao Outro e das diversas formas de organização da família e da sociedade em diferentes espaços e épocas históricas. Tais relações são pautadas pelas noções de indivíduo e de sociedade, categorias tributárias da noção de filia, amizade, cooperação, de um conhecimento de si mesmo e do Outro com vistas a um saber agir conjunto e ético.

No Ensino Médio, a ampliação e o aprofundamento dessas questões são possíveis porque, na passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, ocorre não somente uma ampliação significativa na capacidade cognitiva dos jovens, como também de seu repertório conceitual e de sua capacidade de articular informações e conhecimentos. O desenvolvimento das capacidades de observação, memória e abstração permite percepções mais acuradas da realidade e raciocínios mais complexos – com base em um número maior de variáveis –, além de um domínio maior sobre diferentes linguagens, o que favorece os processos de simbolização e de abstração (BNCC, 2017, p. 547, grifos do autor).

Nos grifos feitos percebe-se com clarividência a similaridade entre o objetivo principal da dissertação, talvez se ausentando apenas o termo “Geografia Imaginativa” e o eixo central das Ciências Humanas com frases do documento como: “o reconhecimento da diferença”, “tomada de consciência do Eu, do Outro e do Nós” e “simbolização e abstração”. Para reafirmar essas idéias conjuntamente ao uso do seriado, complemento com mais um fragmento da BNCC para o Ensino Médio que afirma

para a promoção de tais aprendizagens, para o desenvolvimento do protagonismo juvenil e para a construção de uma atitude ética pelos jovens, é fundamental mobilizar recursos didáticos em diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), selecionar formas de registros, valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos

históricos etc.) e estimular práticas voltadas para a cooperação. Os materiais e os meios utilizados podem ser variados, mas o objetivo central, o eixo da reflexão, deve concentrar-se no conhecimento do Eu e no reconhecimento do Outro, nas formas de enfrentamento das tensões e conflitos, na possibilidade de conciliação e na formulação de propostas de soluções. (BNCC, 2017, p. 549, grifos do autor).

Novamente, nas marcações feitas, a utilização do seriado se encaixa como um recurso de linguagem imagética, que é muito famoso no mundo e normalmente bem aceito pelas crianças e adolescentes (apesar de alguns episódios possuírem faixas etárias mínimas de doze e até quatorze anos), funcionando como eixo de reflexão do conhecimento do Eu e no reconhecimento do Outro.

A outra, internacional, por estar situada na cidade do Rio de Janeiro, também por obrigatoriedade legal segue recomendações do Ministério da Educação brasileiro, porém compatibilizadas com os outros currículos internacionais. Do pré-berçário à classe quatro, o programa da escola segue amplamente o IPC - *International Primary Curriculum*. As classes cinco, seis e sete seguem o currículo nacional britânico. Os estudantes do secundário são preparados para os exames do Certificado Geral de Educação Secundária da Universidade de Cambridge (IGCSE) que são realizados no final da Classe nove. Os dois últimos anos (Classes 10 e 11) são direcionados para o *International Baccalaureate* (IB), um curso exigente que leva a um altamente respeitado e qualificação de admissão universitária amplamente reconhecida.

Este último, *International Baccalaureate* ou IB<sup>2</sup>, é um curso pré-universitário abrangente e rigoroso de dois anos para estudantes com idade entre 16 e 19 anos (público alvo da pesquisa na escola). O currículo consiste em seis grupos de assuntos – em tradução livre: estudos em linguagem e literatura; aquisição de linguagens; indivíduos e sociedades; ciências experimentais; matemática e artes – com disciplinas oferecidas nos Níveis Superior (*High*) e Padrão (*Standard*).

A Geografia nessa divisão faz parte do *Individuals and Societies*<sup>3</sup>, unido, novamente em tradução livre, com gestão de negócios, economia, política global, história, tecnologia da informação em uma sociedade global, filosofia, psicologia, antropologia social e cultural e religiões do mundo. De acordo com o site oficial, estudar qualquer um desses assuntos proporciona o desenvolvimento de uma apreciação crítica de: experiência humana e comportamento, as variedades de ambientes físicos, econômicos e sociais que as pessoas

---

<sup>2</sup> Tradução livre do site: <https://www.ibo.org/programmes/diploma-programme/>

<sup>3</sup> Tradução nossa do site: <https://www.ibo.org/programmes/diploma-programme/curriculum/individuals-and-societies/>

habitam, além da história das instituições sociais e culturais. Além disso, cada disciplina destina-se a promover nos estudantes a capacidade de identificar, analisar criticamente e avaliar teorias, conceitos e argumentos relacionados à natureza e às atividades dos indivíduos e das sociedades.

Ainda de acordo com o site oficial, o curso de Geografia do IB Diploma integra os estudos das geografias físicas e humanas e garante que os alunos adquiram elementos de metodologias científicas e socioeconômicas, tendo como objetivos tanto no *Standard Level* quanto no *High Level*, capacitar o aluno e a aluna em três grandes vertentes:

1. desenvolver uma compreensão das interrelações entre pessoas, lugares, espaços e meio ambiente (grifo do autor)
2. desenvolver uma preocupação com o bem-estar humano e a qualidade do meio ambiente, além de compreender a necessidade de planejamento e gestão sustentável
3. apreciar a relevância da geografia na análise de questões e desafios contemporâneos e desenvolver uma perspectiva global de diversidade e mudança.<sup>4</sup> (Grifos do autor)

Com a definição do objetivo central e dos específicos definidos, além das bases que justificam a escolha do tema, o trabalho foi dividido em três grandes capítulos. O primeiro, seguindo essa introdução, apresenta o debate conceitual, com ênfase no Orientalismo e na Geografia imaginativa, nas viagens reais e virtuais, no encontro com o outro e seus processo de construções simbólicas, nos personagens geográficos e na intertextualidade em que vão desdobrar em outros termos e ideias, conjuntamente com seus respectivos autores e suas conexões com o seriado.

Seguindo para o capítulo relacionado da ferramenta audiovisual do macro ao estudo de caso, abordando a ferramenta audiovisual considerando tanto questões amplas sobre o seu uso prático na Geografia como relacionadas com o estudo de caso por meio de contribuições focadas em diferentes imagens e suportes, como o cinema, os filmes e a televisão. Aproximando-se da empiria, o capítulo explora ainda algumas características do seriado animado *The Simpson* a luz do debate metodológico explorado.

O terceiro capítulo segue debatendo a imagem do seriado, porém caracterizando e identificando os signos nos três episódios escolhidos, pensando no potencial das simbologias presentes, finalizando com a parte prática relacionada às salas de aulas através dos questionamentos propostos em duas atividades distintas. Além disso, o capítulo explora alguns resultados dos dados levantados com as atividades pedagógicas através de nuvens de palavras. Para finalizar, a conclusão dessa dissertação buscou oferecer percepções e interpretações gerais

---

<sup>4</sup>Tradução do autor e mais detalhes sobre o currículo da Geografia no site:

<https://www.ibo.org/programmes/diploma-programme/curriculum/individuals-and-societies/geography/>

sobre os resultados da pesquisa e propor novos questionamentos para possíveis caminhadas mais longas.

## 1 AS CONSTRUÇÕES DO MUNDO PROPOSTAS PELAS VIAGENS DOS PERSONAGENS GEOGRÁFICOS

As construções de mapas, as ilustrações e representações das paisagens mundiais são praticadas há bastante tempo, mesmo antes do conhecimento vivenciado e empírico de diversas regiões do planeta, criando assim uma Geografia imaginativa (sem definir como campo de estudo), uma percepção do outro e seu espaço vivido através de suposições, crenças, contos. Edward Said (1978) aparece como autor que introduz o termo “Geografia imaginativa” e abre o debate sobre a construção/percepção do outro e de si feita pelo ocidente (europeus) em seu livro “Orientalismo”. Apresenta primeiramente análogo ao título que

o orientalismo é o termo genérico que venho usando para descrever a abordagem ocidental do Oriente; é a disciplina por meio da qual o Oriente é abordado sistematicamente, como um tema de erudição, de descobertas e de prática. (SAID, p. 82, 1978).

Em outras passagens, “o Orientalista faz é confirmar o Oriente aos olhos e seus leitores; ele nem quer nem tenta abalar convicções já arraigadas.” (SAID, p. 75, 1978). Esse Oriente ou oriental pode ser árabe, islâmico, indiano, chinês ou outra coisa qualquer (brasileiro?), mas são construídos através de encarnações repetitivas que povoam imprensa e mente popular no Mundo contemporâneo (SAID, p.117, 1978). Ou seja, esse Oriente criado pelo Ocidente como forma de oposição como também de autoafirmação.

Buscando idéias em Said (1978), a geógrafa Jo Sharp define e redescobre a “Geografia imaginativa” podendo ter como exemplo a descrição do espaço antes de conhecê-lo (baseados em mitos e lendas), ou seja, existia em outras temporalidades o não conhecimento do outro, em que se criavam diferentes formas de “corpo, gênero, maneira de fazer as coisas, ciclo da vida, social, necessidades” (SHARP, 2009, p.12 e 13).

Importante diferenciar os momentos das escritas. Enquanto Said introduz o termo e concentra seus estudos com forte relação na descrição a partir de textos e referências antigas das sociedades europeias, Sharp um pouco mais de trinta anos depois, conjuntamente com outros estudiosos, com oportunidade ampla no acesso das múltiplas representações imagéticas através da internet, identifica que essa imaginação se torna cada vez mais dependente desses símbolos visuais, tornando o foco a imagem e o sentido da visão. Assim como a prática pedagógica terá como enfoque específico a visualidade dos símbolos dos episódios,

complementando com falas dos personagens que enriquecem ainda mais esses recursos denominados audiovisuais.

Denis Cosgrove, geógrafo cultural, admite que “o primeiro modo como transformação, como condição de existência humana, dá-se por meio da imaginação” (COSGROVE, 2000, p. 106). Todd Gitlin salienta que “num mundo de imagens ubíquas, de fácil mobilidade e turismo despreocupado, você chega a sentir-se não só local ou nacional, mas global - sem trancar-se numa caixa restritiva a ponto de merecer o nome identidade” (GITLIN, 2003, p.244). Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, cada vez os atos imaginativos daquilo que não conhecem presencialmente são acrescidos por imagens de forma alegórica, jornalística, histórica ou inventiva, em que Michel de Certeau (1990) chama de “a sociedade recitada”. Com isso, uma variedade extensa de imagens atinge o cotidiano dos indivíduos, criando um novo momento, diferente daquele em que os habitantes pouco conheciam o “outro” (Said, 1978).

No mesmo texto de título em português “Mundo de significados: geografia cultural e imaginação” traduzido e publicado no livro organizado por Corrêa e Rosendahl (2000), Cosgrove reafirma e caminha também para essa linha de pensamento sobre a importância dos meios de comunicação na construção da imaginação e de aspectos culturais.

Parece que, para um número crescente de pessoas, o que o mundo significa é uma questão de escolha pessoal, comunicada por meio de autorrepresentação em assuntos como habitação, roupa, culinária, música e até mesmo sexualidade. Ironicamente, à medida que os meios de comunicação – que permitem ao indivíduo participar da reprodução da cultura – ficam cada vez mais sofisticados, instantâneos e globais, os significados culturais nas sociedades modernas se tornam cada vez mais fragmentos e voláteis (COSGROVE, 2000, p.116).

A partir dessa temática proposta, voltamos na história do ensino da Geografia para resgatar e reforçar antigas formas de apresentar o mundo através da literatura de viagens, álbuns fotográficos e pinturas da paisagem. Ou seja, a produção e circulação de imagens sendo útil para mediar/descrever as paisagens é uma prática antiga no ensino da Geografia, recentemente debatidas e questionadas suas virtudes por Gillian Rose em *On the need to ask how, exactly, is geography “visual”?* (2003) e Novaes em “Uma Geografia Visual? Contribuições para o Estudo do uso das Imagens na Difusão do Conhecimento Geográfico” (2011).

E acrescento que cada vez mais surgem novas demandas para os professores e as professoras de Geografia para analisar criticamente o espaço mundial, muitas vezes também sem conhecer todas as suas vertentes, na medida em que ocorre uma produção constante e volumosa de imagens e de relatos do mundo por especialistas, viajantes, curiosos, estudiosos. Com isso a construção de perspectivas simbólicas/espaciais/culturais de regiões do planeta é cada vez maior devido aos avanços nos meios de transporte que facilitaram o ato de viajar pelo

mundo e dos meios de comunicação que dinamizaram o ato de navegar visualmente, onde se posta, se compartilha, se curte, se crítica, como também se bloqueia, se ofende e é ofendido. Bases nas transformações globalizadas, os avanços nos meios de transporte (e as viagens) e nos meios de comunicação (televisão) surgem aqui e se encontram quando personagens televisivos estadunidenses visitam outros países e regiões.

### 1.1 As viagens e os estereótipos

O geógrafo francês Paul Claval em seu livro “Terra dos Homens”, discutindo questões sobre a percepção de outras regiões e localidades, apresenta em um dos seus capítulos a ideia do “viajar”. Neste afirma que – juntando aos avanços das telecomunicações e suas formas de divulgação das imagens – no mundo atual “os transportes modernos fazem desaparecer a maioria dos constrangimentos que outrora os viajantes conheciam, mas os perigos não desaparecem”, assim como “ao acelerar e ao tornar mais seguros os deslocamentos, os transportes modernos facilitaram as peregrinações” (CLAVAL, 2010, p.48), afirmando a ideia de que o conhecimento do outro em visitas se torna mais frequentes.

O autor também abre um possível debate sobre viajar e a relação com a alteridade dos grupos sociais quando afirma que “viajar é morrer um pouco” deixando seus “laços que dão segurança, confirmam nossa maneira de ser, confortam nossa identidade” (CLAVAL, 2010. James Duncan e Derek Gregory, editores do livro “*Writes of Passage: Reading Travel Writing*” na introdução afirmam que a viagem “ainda é popularmente entendida como a imersão na paisagem pitoresca com culturas distintas e colorida” assim como “também marcou um diferencial e muitas vezes espaço combativo de alteridade” (DUNCAN e GREGORY, 1999. pp. 6, 8).

Nessas viagens, como defendido pelo geógrafo reservam-se “múltiplas surpresas: encontros felizes ou desagradáveis, pessoas acolhedoras, mas também algumas pessoas sujas, batedoras de carteira, crápulas” (CLAVAL, 2010, p.46) onde se oferece o melhor o pior. E os capítulos apresentaram exatamente estes distintos panoramas, dependendo sempre do país/região visitado. Em outras palavras, simulacros vistos como positivos e negativos serão trazidos nos três episódios selecionados para o estudo, variando e se diferenciando pelo espaço que estão ocupando.

O viajante possui uma série de motivos (econômicos, culturais, sociais, políticos, ambientais) para fazer o ato, e um deles está ligado à atividade turística, típica e centralizada no ato de viajar por uma clara escolha por parte do mesmo. O turismo cultural surgido no século XIX é resultado do ócio das classes burguesas, e criado a partir de “uma oferta de outra paisagem, uma promessa de aventura, um outro homem, [um] outro povo” (CAMARGO, 2001, p.63). Continuando com bases de estudo no Brasil, Edegar Luís Tomazzoni propõe a atividade turística como “um fenômeno de relações de produção e de mercado, inserindo-se, portanto, na economia” em que “os meios de comunicação e os instrumentos de marketing potencializam o discurso como estratégia de comercialização dos destinos turísticos” (TOMAZZONI, 2006, p. 340).

Essa atividade vista como em uma visão macro como econômica foi inicialmente voltada para a classe social mais abastada, porém atualmente se encontram mais massificada devido a algumas razões e assim como antes continua utilizando a oferta de outras paisagens que são oferecidas e escolhidas através de imagens. O sociólogo e professor de turismo Euler David de Siqueira em artigo denominado “Turismo, Imagem e Cultura: Representações sociais do Estado e do Poder nos cartões-postais da cidade do Rio de Janeiro” reafirma que “antes mesmo de visitarmos alguns desses atrativos, entramos em contato com eles através de narrativas imagéticas que circulam pela cidade e pelos meios de comunicação” (SIQUEIRA, 2010, p. 2)

Em seu livro “O Brasil dos gringos: imagens do cinema” publicado em 2000, Tunico Amancio unifica a ideia de viajar (não apenas turisticamente) e o cinema. Baseando em Dubois, (1993) mostra que a “imagem cinematográfica possuía três grandes temas centrais: as cidades, a guerra e a viagem” (AMANCIO, 2000, p.14, grifo do autor). Representando e focando em imagens apenas do território brasileiro, utiliza filmes estrangeiros para analisar a construção imaginativa dos símbolos tupiniquins. Antes de analisar os filmes e suas construções, em um dos capítulos de nome “olhar viajante” afirma que é

de interesse categorizar o olhar estrangeiro, decididamente é necessário recorrer à figura do viajante, porque a viagem é o lugar por excelência onde são postas em questão as ideias pré-concebidas. Porque na viagem o olhar percebe uma singularidade, distingue uma alteridade, estabelece uma diferença. (AMANCIO, 2000, p.40).

E amplia a argumentação com a questão do exotismo e o encontro com outro, com o diferente e não menos importante para sua afirmação como de uma sociedade ocidental (agora incluindo os estadunidenses) ou euroamericana

um exotismo que é tudo que é o outro. E aquele que sabe praticar o exotismo, quer dizer, gozar da diferença entre si próprio e o objeto de sua percepção, é o *exote*, aquele que sente todos os sabores do diverso, o viajante insaciável (AMANCIO, 2000, p.41).

Avançando além da construção do Brasil pelo estrangeiro, os três episódios escolhidos têm como referências principais outros espaços distantes dos Estados Unidos (país de origem da série) e são casos, de acordo com Amancio (2000), sobre o *exote* (visitante) e o exótico (visitado) que permitem observar uma junção entre uma vertente projetiva, nos quais demonstra um plano, um projeto, uma construção imaginativa anterior ao ato e uma vertente efetiva, onde o personagem se encontra fora seu país de origem, com propósitos distintos e visões distintas sobre o outro. Acrescentando que as viagens e o encontro do outro no e pelo recurso audiovisual ser muito fácil de fazer dentro de um projeto escolar do que um trabalho de campo mundial ao longo dos ciclos educacionais, contudo que poderia ser pensado em longo prazo (como já ocorre em viagens propostas pelas escolas na qual trabalho para outras localidades).

Uma das formas de construir simbolicamente a si mesmo e ao outro é através de estereótipos. Recurso escancaradamente usado em muitos episódios no seriado, incluindo os três selecionados, e que se apresenta como um conceito que deve ser analisado com mais atenção. O professor de cinema se dedica ao debate conceitual do termo. Primeiro afirma que

Simplificação, generalização, esquematização, o campo da estereotipia compreende desde a idéia comum, da opinião corrente e banal, até o qualificativo preconceituoso e desabonador, cristalizado nos diversos discursos por um processo de repetição. Componentes de um mesmo núcleo semântico que designa ‘as unidades pré-fabricadas’ através das quais se revela o discurso do Outro, sendo o já dito a marca da banalidade e também da submissão à ideologia dominante (AMANCIO, 2000, p. 135).

Depois considera autores que definem o conceito desde o mais conhecido clichê acadêmico “uma imagem em nossa mente” (LIPPMAN, 1997), seguindo para “imagens de segunda mão que mediatizam nossa relação com o real, através do que a nossa cultura definiu previamente por nós” (AMOSSY, 1991, p. 26), trazendo também “uma forma invariável, artificial e superficial que se repete automaticamente ao infinito” (STARFIELD, 1993, p.32) e apresenta quatro critérios para a sua identificação: quantitativo, histórico, formal e qualitativo (DUFAYS, 1994, p.53). Finalmente apresenta a sua definição

O pensamento estereotipado se define aqui por ser uma imagem ou opinião aceita sem reflexão por uma pessoa ou um grupo e exprime um julgamento simplificado, não verificável e às vezes falso sobre tal grupo ou sobre algum acontecimento (AMANCIO, 2000, p.137).

Saindo do panorama da conceituação do termo pelos autores, é significante identificar outro nível de importância no debate sobre o estereótipo atualmente. O autor aponta que “na

reflexão contemporânea, entretanto, o estereótipo é antes de mais nada, um objeto de estudo empírico nas ciências sociais” (AMANCIO, 2000, p.138), base importante para a dissertação já que o seriado escolhido é caracterizado e criticado (positiva ou negativamente) pelo uso constante dessa forma de representação e segue analisando que “sua utilização possui sua vertente positiva que se assenta na construção de uma identidade social, sua vertente negativa que se assenta no preconceito e nesses dois registros repousa a tentativa de uma definição precisa” (AMANCIO, 2000, p. 138), que também aparecem na série. Entretanto podemos pensar também nas respostas dos alunos e das alunas que aparecerão possivelmente os mesmos (ou não) estereótipos de si e do outro.

Continua analisando visões dos estereótipos criados pelo mundo Ocidental nas ciências sociais e recoloca o papel construtor dos grandes meios de comunicação, que ganharam muita importância e se multiplicaram ao longo dos séculos XX e XXI, e claro se modificaram, quando apresenta

Uma tripla relação se impôs, desde os anos 60, distinguindo o componente cognitivo (por exemplo, o estereótipo do negro) do componente ativo (o preconceito ou a hostilidade em relação a ele) e o componente comportamental (a discriminação ou desfavorecimento do negro por conta de sua filiação a uma categoria sem relação com suas capacidades e seus méritos individuais”. São esses componentes que vão ser base de questionamentos mais incisivos a partir dos anos 80, pondo em cheque as construções imaginárias que se propagam sem qualquer base objetiva e que os meios de comunicação de massa tendem a oferecer. Assim se forjam as idéias sobre grupos nacionais e sobre minorias culturais, desvalorizando-os e reforçando uma imagem de diferença e inferioridade (AMANCIO, 2000, pp.138, 139, grifo do autor).

Segundo Adorno (1990, p. 237) “a propósito, a televisão valoriza os estereótipos na organização e antecipação da experiência, nos impedindo de cair na anarquia mental e do caos” (apud AMANCIO, 2000, p.238), e nos dias atuais com a internet essas antecipações acontecem com mais evidência e volume, então a mídia aparece como a principal culpada na produção e permanência de estereótipos porque eles criam uma extensa cultural matriz em que a imagem pode se desenvolver e manter sem respeitar a realidade que procura representar, em alguns casos de maneira pejorativa.

Aprofundando para os estereótipos nacionais, o artigo *One Stereotype, Many Representations: Turkey in Italian Geopolitics* de Edoardo Boria (2006) publicado na revista britânica *Geopolitics Journal* apresenta que é bem sabido que a população de qualquer Estado é reconhecida e identificada pelas representações, por exemplo, os clichês sobre austero e trabalhador alemão, cavalheiros ingleses ou franceses refinados. Esses estereótipos satisfazem uma necessidade humana básica de "conhecer o mundo", fornecendo o conhecimento cognitivo adequado com categorias para esse fim. Esses rótulos ajudam a definir a imagem de uma

população nos olhos dos outros, levando a percepções baseadas em comportamentos esperados, podendo ocorrer ou não quando forem visitados e conhecidos na prática. Além disso, esses rótulos podem permanecer no imaginário coletivo por muito tempo, não afetado pela mudança política.

A utilização dos estereótipos podem ajudar no ensino das ciências sociais, e em especial na Geografia Regional do Mundo, porque eles têm capacidade de auxiliar a comunicar uma nova informação. No entanto, é importante que entendam que eles são apenas estereótipos. Com essa característica muito evidente, muito pela facilidade de ser desenho animado, *The Simpsons* vem passando por um questionamento. O personagem muito popular chamado *Apu Nahasapeemapetilon*, indoamericano, morador de *Springfield*, dono de um mini mercado chamado “*Kwik E Mart*” e presente desde a primeira temporada vem sendo criticado pelos próprios indoamericanos e/ou imigrantes indianos sobre sua forma estereotipada, podendo até ser excluído do seriado<sup>5</sup>.

Figura 2 - Dr. Apu Nahasapeemapetilon, Ph. D.Jr



Fonte: Site WikiSimpsons<sup>6</sup>

Isso mostra que as polêmicas e possíveis estudos sobre o seriado não só estão nas suas produções de imagens no mundo atual, como também nas interpretações destas que estão presentes há bastante tempo (trigésimo ano dessa série) na mídia e que vão ganhando do público outras formas de entender e aceitar essas construções estereotipadas, em especial pelas ditas minorias. Assim, se torna importante articular diferentes ideias partindo das potencialidades das caricaturas/fragmentos/estereótipos mundiais, regionais e locais e criando assim uma proposta pedagógica. O geógrafo Novaes salienta a questão quando afirma

---

<sup>5</sup> O documentário *The problem with Apu* produzido em 2017 abriu o debate o quanto esse estereótipo influenciou a vida dos indianos (naturais e/ou descendentes) nos Estados Unidos e houve uma resposta do seriado no episódio *No Good Read Goes Unpunished*, aumentando ainda mais a polêmica sobre a questão.

<sup>6</sup> Disponível em: < [http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Apu\\_Nahasapeemapetilon](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Apu_Nahasapeemapetilon)> Acesso em: 24 ago. 2018

o importante aqui é destacar a necessidade de se discutir cuidadosamente as formas de apropriação das imagens na difusão do conhecimento. Essa tarefa requer muita pesquisa empírica, mas também não pode prescindir de um desenvolvimento teórico interdisciplinar que viabilize a construção de ferramentas conceituais apropriadas para a reflexão sobre o “visual” no interior da geografia (NOVAES, p. 18, 2011).

Então, começa a clarear a importância das imagens e como estas criam referências para grande parte das pessoas que dificilmente vão conhecer in loco as diversas paisagens do mundo. Como citado e sendo apresentado com mais detalhe a frente, as mídias estadunidenses atualmente são as mais globalizadas. Leonardo Name, em seu livro “Geografia Pop: O Cinema e o Outro”, publicado em 2013, volta-se para uma perspectiva mais geográfica de percepção do outro e de si nos filmes Indiana Jones, King Kong e Anaconda. Primeiro insere uma perspectiva do estudo das regiões mundiais

do emaranhado de representações hoje produzidas a respeito de vários lugares do mundo, chama a atenção a descrição das várias porções da superfície terrestre não vão estar restrita às aulas de geografia, à *National Geographic*, ao *Atlas Universal* e à *Enciclopedia Conhecer*: filmes, desenhos animados e videoclipes, por exemplo, apresentam personagens em situações singulares em várias partes do mundo que não seu local de origem (NAME, 2013, p.17, grifo do autor)

A busca por outras fontes audiovisuais de percepções/construções do mundo além dos documentários da *National Geographic* ou do *Discovery Channel*, que são formas imagéticas muitas vezes vistas como entediadas pelos estudantes, a serem propostas no âmbito escolar e voltando ao objetivo de seu estudo exposto no título Geografia Pop

trata, então, de uma geografia que está em toda parte e que é uma geografia pop, porque se refere à cultura de massa, está contida em objetos acessíveis a uma parcela significativa da população mundial e é reproduzível em grande escala, mesmo que supostamente de forma furtiva e efêmera (NAME, 2013, p.18).

Continuando com a linha de pensamento voltada para os conhecimentos e conceitos geográficos, ou seja, a busca pelo melhor entendimento espacial do mundo no passado, presente e (quem sabe) futuro a partir das imagens sequenciadas quando afirma que

estamos afinal, imersos numa infinidade de objetos da cultura audiovisual e de massa que, inseridos no cotidiano, contêm geograficidades bastante evidentes, seja por revelar questões importantes no que diz respeito à relação das pessoas com espaços, paisagens e lugares, seja porque em última análise esses objetos apresentam e representam variados espaços, paisagens e lugares” (NAME, 2013, p.30).

A partir disso identifico e caracterizo aqui o recurso audiovisual de estudo, o desenho animado *The Simpsons*, inserido na Geografia Pop, globalizado, de *ethos* americanizado, criador/reprodutor de estereótipos, parte da cultura de massa que uma parcela significativa do mundo tem acesso e que possui geograficidades. No caso do presente estudo, busca revelar a

relação dos personagens nos espaços do outro quando praticam o ato de viajar e criam as “zonas de contato” (Pratt, 1999).

O autor do livro reapresenta o conceito denominado de “zonas de contato”, proposto sendo “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam um com a outra, frequentemente em relações assimétricas de dominação e subordinação” (NAME, 2013, p.32) e volta no Orientalismo de Said (1978) para falar sobre essas relações de poder existentes nas imagens do cinema, atualizando o mundo “Ocidental” quando admite

A posição hegemônica que os discursos do eurocentrismo objetivam manter não é somente a da Europa e nem está somente na Europa. Há, por um lado, lugares ‘neoeuropeus’, como a Austrália, o Canadá e sobretudo os Estados Unidos” (Name, 2003, p. 40, grifo do autor).

Complementando a percepção de Amancio (2000) e sua escrita a respeito desse olhar estrangeiro do cinema que visita as paisagens brasileiras, visto por um outsider ocidental novamente europeus e estadunidenses com

dotado de alto grau de autoridade e de crença em uma suposta superioridade, por conta de sua formação cultural, a condição do estrangeiro europeu/ocidental em terras não européias/não ocidentais não traz em si a vontade xenófoba de eliminação do Oriente e do oriental, tampouco contém em si mesma um desejo de isolamento cultural. A *terrae incognitae* e o nativo, recortados e classificados pelo olhar. (Name, 2013, p.44)

Esse estrangeiro viajante que cria zonas de contato, no caso do seriado multiplicado por cinco, é definido por Name como “personagem geográfico”. Afirmando que em diferentes áreas das artes, como a literatura, o cinema e os quadrinhos, insiro aqui a televisão, “existem personagens aos quais estão indissociavelmente ligados determinados espaços” (NAME, 2013, p.77) e a família amarela, com certeza, está associada à sua cidade e seu país natal: *Springfield*, nos Estados Unidos.

Interessante falar um pouco da cidade fictícia, pois como afirmado acima, é parte inseparável dos personagens. Vista como um universo completo, no qual os personagens têm a oportunidade de enfrentar os mais diversificados problemas de uma sociedade contemporânea, sempre se inovando e atualizando, relacionando casos e tendências do mundo contemporâneo passando para o desenho animado, do mesmo modo cria tendências para o mundo, em especial por ser fruto da indústria cultural<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Um exemplo da transformação do desenho para o mundo seria um dos parques temáticos da *Universal Studios* em Orlando (Flórida) ser baseado em Springfield e seus personagens geográficos que foi inaugurado em 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/08/parque-tematico-dos-simpsons-e-inaugurado-em-orlando.html>. Acesso em: 01 ago. 2018

Começando pelo nome *Springfield* o segundo mais repetido, com quarenta e uma cidades, perdendo apenas para Washington (88 repetições), passando pelo mistério referente à verdadeira localização, com diversas referências desencontradas e confusas (muito bem pensadas e criadas) ao longo dos episódios e no filme *The Simpsons Movie* (onde a cidade foi interdita por uma cúpula devido a problemas ambientais). Em 2012<sup>8</sup>, Matt Groening confirmou em uma entrevista que se refere ao estado da *Oregon*, cidade onde passou sua infância, assim como os nomes dos cinco personagens são referentes à sua família real, mudando o seu nome para Bart (mais informações sobre os mesmos mais à frente). Referências espaciais repetidas desde a primeira temporada (algumas muito comuns em pequenas e médias cidades americanas) são importantes de serem apontadas como: o endereço oficial da família (742 *Evergreen Terrace Avenue*), a Escola Elementar, a Usina Nuclear, o Bar do Moe, o mini mercado *Kwik E Mart*, a praça central da cidade aonde se encontra a estátua do fundador *Jebediah Springfield* e nos arredores a delegacia de polícia, a sede da prefeitura, o tribunal de justiça, a loja de revistas em quadrinhos, a Igreja Protestante. Cada um dos quais com um ou mais personagens geográficos (novamente estereotipados) representantes dessas localidades.

Não apenas se fazem presentes na paisagem esses símbolos espaciais antrópicos e mais frequentes, os naturais são muitos e incluem montanhas, ravinas, sequóias gigantes, um deserto, uma floresta, lagos, rios, um vulcão e uma grande cadeia montanhosa. Também é afetada por quase todos os desastres, incluindo avalanches, terremotos, chuvas ácidas, furacões, tempestades de raios, tornados, erupções vulcânicas, e até de um impacto de meteoro. Sobre as condições do tempo, existem momentos em que recebe muita chuva e neve pesada, mas a maior parte dos episódios apresenta dias ensolarados

Essa complexidade de símbolos na formação do espaço vivenciado pelos personagens fez com que pesquisadores tentassem mapear a cidade com essas e todas as outras referências ao longo das temporadas, porém sem muito sucesso pelo nível de detalhamento e pela atualização frenética que necessita. Além claro, de ser um desenho animado, que tem extrema facilidade e liberdade com as representações imagéticas gerando um espaço urbano de *Springfield* extremamente mutável. Dentre as tentativas, destaca-se a criação de Jerry Lerma e Terry Hogan (2004) com espacialização urbana mais bem detalhada, seguindo padrões urbanos de algumas cidades estadunidenses onde, por exemplo, os subúrbios são ocupados pela classe

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/matt-groening-reveals-the-location-of-the-real-springfield-60583379/?utm\\_campaign=20120410&utm\\_medium=socialmedia&utm\\_source=twitter.com&utm\\_content=retinamattgroeningthesimpsons](https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/matt-groening-reveals-the-location-of-the-real-springfield-60583379/?utm_campaign=20120410&utm_medium=socialmedia&utm_source=twitter.com&utm_content=retinamattgroeningthesimpsons). Acessado em 01 ago. 2018

social mais elevada (no caso o homem mais rico da cidade, dono da Usina Nuclear Senhor Montgomery Burns). Contudo tendo como última atualização o ano de dois mil e quatro, na décima quinta temporada, ou seja, muito defasado em relação as outras quinze temporadas posteriores.

Mapa 1 – Cidade de Springfield proposto por Jerry Lerma and Terry Hogan



Fonte: Lerma, J. e Hogan, T. (2004)<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Disponível em: < <https://brilliantmaps.com/springfield-simpsons/>>. Acessado em: 22 set. 2018

Sendo assim todos os personagens da série são construídos, desconstruídos e reconstruídos com múltiplas referências espaço-temporais. Posteriormente Name define esses personagens

Como personalidades que, reais ou não, estão intrinsecamente relacionadas a determinados espaços e suas práticas. O personagem geográfico é, em si mesmo, uma forma de representação espacial, pois a ele se associam um ou mais espaços cuja singularidade se revela a partir de sua constante relação com o mesmo. (NAME, 2013, p.78)

Além de Name, o professor de Geopolítica Klaus Dodds (2005) em um de seus artigos para a revista *Geopolitics* nomeado *Screening Geopolitics: James Bond and the Early Cold War films (1962–1967)* apresenta um estudo sobre os filmes do agente britânico James Bond durante parte da Guerra Fria e toda a geopolítica do período, sem conceituar o termo personagem geográfico. Enquanto ambos os autores apresentam estudos de apenas um personagem estrangeiro/viajante central nos filmes (principalmente Indiana Jones e James Bond) o seriado apresenta cinco personagens principais (Homer, Marge, Bart, Lisa e Maggie Simpson) que possuem diferentes formas de vivenciar, interpretar e de construir suas referências simbólicas, apesar de serem moradores da mesma cidade. Aqui é importante notar que além do espaço de moradia que é a cidade fictícia de *Springfield*, outras referências influenciam a formação dos personagens do desenho animado e suas atuações, como a idade, o hábito da leitura, a profissão, o QI, os ídolos, os hobbies, os programas televisivos assistidos enfim, as suas atividades cotidianas e seus interesses maiores.

Assim, atendendo a ideia da “importância de encontrar personagens geográficos e seguir suas pistas deslocar-se junto com eles, observar seus atos e seus diálogos, com quem interagem e dialogam, torna-os instrumento metodológico” (NAME, 2013, p.79), sigo os caminhos dos heterogêneos personagens do seriado (em especial os cinco centrais) nessas três viagens internacionais.

## 1.2 A Intertextualidade e os símbolos

Corroborando com a riqueza do seriado, outra técnica (existem mais que não serão definidas aqui como paródia, ironia, sátira) muito utilizada na construção dos episódios e que se entrelaça nas imagens com os estereótipos e os personagens geográficos com grande destaque é a intertextualidade. Jonathan Gray em seu livro *Watching with the Simpson:*

*Television, Parody and Intertextuality* de 2006 discute a ideia de intertextualidade utilizando o seriado. Coloca logo na introdução do livro uma breve descrição de um entre os mais de 600 episódios chamado *E-i-e-i-do h* (já no nome do episódio o termo *Do h* é um bordão utilizado pelo personagem Homer Simpson) e discorre sobre a quantidade enorme de referências de outros textos presentes apenas no início da trama, defendendo já de início a quantidade enorme de intertextualidades e como são desenvolvidos os capítulos da série.

Identificando que existem tentativas de entender o texto como uma entidade singular e autônoma e como um pacote selado de significados, assim como existe outra tradição de pesquisa que examina a interrelação entre esse pacote de significados e seus públicos, vendo como um público interage com seu conteúdo após abrir o pacote. No entanto, ambos de maneira incompleta, pois os textos não interagem apenas com o público: eles interagem com outros textos, e como Johan Fornäs (1995, 2000) argumenta, existe uma área de estudo excitante e relativamente nova para estudiosos da mídia no exame das "passagens" e "mediações" entre textos. Assim, o texto só pode existir dentro e através de outros textos, com também, incluso, pelos alunos/leitores/espectadores.

Em tradução livre, o professor de Mídia e questões culturais apresenta no livro sobre o seriado debates em torno dos conceitos de humor, paródia e de intertextualidade muito importantes para a construção dos episódios e, logicamente, da atuação dos personagens. Identificando e definido a intertextualidade:

para uns é um mero sinônimo de desconstrução e / ou pós-estruturalismo (Mai, 1991), enquanto para outros é a palavra alusão (ver Iampolski 1998; Riffaterre 1990). Da mesma forma, as percepções variam desde a avaliação entusiasmada da intertextualidade de Bakhtin (1981, 1986) e Kristeva (1980a, 1980b) a muitos críticos do pós-modernismo, aos quais ela representa o 'esgotamento' cultural (Sharrett, 2002) e a reciclagem, onde 'tudo é justaposto a tudo o mais porque nada importa' (Gitlin 1988: 36). Em alguns contextos, a intertextualidade refere-se ao espaço infinitamente aberto da interação textual (Barthes 1990; Collins 1992; Fiske 1989a), e em outros contextos significa simplesmente 'todos os textos considerados'. A intertextualidade parece poderosamente camaleônica. Vou sugerir que aumenta o grau do conceito de intertextualidade com as concepções de textualidade de muitos meios de comunicação e televisão. Por agora, deixe-me propor a definição de trabalho de intertextualidade como 'a interdependência fundamental e inescapável de todo o significado textual sobre as estruturas de significado propostas por outros textos.' Questões de gênero, estética, identidade, poder textual, ideologia e recepção do público se reúnem na estação da intertextualidade, e eu vou lê-los através de outros textos ou gêneros. (Gray, 2006, p.17, 18, grifos do autor)

Em outras palavras, intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando do sentido e os textos interagem. É importante também frisar que a intertextualidade não é apenas sobre significado e interpretação, pois há

ainda interesse pelas relações de poder, sendo que os estudos de televisão e mídia podem se beneficiar de um maior uso da prática intertextual.

Complementando o debate de estereótipos proposto por Tunico Amancio (2000), mas focado no seriado e em seus personagens, em tradução livre, novamente o estudioso especialista em televisão coloca que o seriado tem algo a mais, pois

os Simpsons empregam o que poderíamos chamar de hiper-estereótipos. Do proprietário do Scottish Groundskeeper Willie (personagem escocês) e Apu, do *Quik e Mart* (personagem indiano), às representações do show do Japão, Austrália, África Oriental, Canadá e Brasil em episódios de viagem em família, o espetáculo se multiplica em si, é tornar estereotipado o processo, em vez das próprias pessoas. Certamente, enquanto muitos australianos ficaram ofendidos com um episódio dos Simpsons ambientado na Austrália, por exemplo, (ver Beard 2004), os principais alvos do episódio foram o comportamento americano no exterior e a mentalidade americana de pequena cidade que vêem outros países de formas unidimensionais. (GRAY, 2006, p.78)

Lembrando que os espaços estudados nesta dissertação são apenas Brasil, China e África, entretanto existem outras viagens internacionais como as listadas na citação acima e complementadas mais à frente com uma tabela. Maria Helena B. V Costa também debate e apresenta o conceito de intertextualidade em seu artigo “Geografia Cultural e Cinema: Práticas, Teorias e Métodos” publicado em “Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço” inserindo em uma proposta teórico-metodológica para orientar a investigação geográfica através de vertentes de estudo.

As representações fílmicas, estruturadas de uma maneira particular pelo cineasta – por meio da narrativa, da escolha das locações, dos diferentes posicionamentos e movimentos de câmera, do uso do som, da intertextualidade e da audiência -, moldam nossa percepção, imaginação e memória de vários espaços, lugares e paisagens, fazendo parte de um constante processo de rearmar e construção de “novas” geografias” (COSTA, p. 74, 2005, grifo do autor).

A autora afirma que diversas devem ser as considerações ligadas aos saberes da Geografia Cultural, entre eles, para o presente trabalho se destaca a intertextualidade, marcada na citação acima e muito importante, pois

Trabalhar com filmes significa prestar atenção ao conceito contemporâneo de intertextualidade. Filmes são influenciados por outros filmes e por outros tipos de textos. Portanto, o conhecimento desses textos torna-se primordial para a interpretação e a análise fílmica. Em alguns casos, não é fácil encontrar todos os elementos referenciados no filme. Alguns são conscientes referenciados pelo cineasta, outros têm relação com uma maneira comum de representar o lugar, os humores ou os tipos e personagens. (COSTA, 2005, p. 70, 71)

E como a dissertação analisa viagens dos personagens geográficos estadunidenses e as paisagens simbólicas que estes flutuam em outros países, acrescento outra vertente com considerações sobre as construções dessas locações na perspectiva da pesquisadora que

de maneira geral, deve-se pensar sobre o significado das locações. Supondo que os lugares significam, é necessário que os significados sejam questionados em relação à maneira como se apresentam e são manipulados no filme. De grande importância também é compreender o modo como certas locações fazem sentido ao concederem significado particular a determinados espaços, personagens ou evento. (COSTA, 2005, p.63)

Retornando a série, por exemplo, podemos observar as inúmeras instâncias de simulacros reais e fictícios em cada episódio, quando o programa se baseia e faz referência a filmes populares, televisão, arte, literatura, acontecimentos, polêmicas. E os três selecionados para a pesquisa não fogem da regra, com isso existe um grande trabalho em identificar todas estas intertextualidades por parte do pesquisador. Também se admite que seja de extrema importância observar as intertextualidades das regiões do mundo nas percepções dos alunos e das alunas participantes prática pedagógica que receberam as perguntas (mais adiante apresentadas) e assistiram o seriado, buscando identificar de onde surgiram suas referências sobre determinados países/regiões.

Nessas passagens intertextuais e estereotipadas das viagens dos personagens do seriado, símbolos, simulacros (mais ou menos conhecidos) são expostos. Conceituação proposta por Stuart Hall (1997), citada no texto de Roberto Lobato Corrêa que definem as formas simbólicas como “representações da realidade, resultantes do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre pessoas de um mesmo grupo cultural” (apud CORREA, 2007, p.7). Importante ressaltar que estas formas possuem polivocalidade, como já dito, podem ser interpretadas de maneiras distintas. Aqui entra novamente a riqueza do debate em sala de aula, principalmente posterior a veiculação em que todos assistiram e vão interpretar de formas diferentes as mesmas cenas.

Tendo como foco a análise geográfica, o autor define que são formas simbólicas espaciais quando constituídas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerários, tendo como exemplos:

palácios, templos, cemitérios, memoriais, obeliscos, estátuas, monumentos em geral, shopping centers, nomes de logradouros públicos, cidades e elementos da natureza, procissões, desfiles e paradas, entre outros” (CORREA, 2007, pp.8 e 9).

Apresentando essas bases conceituais e estudos similares, a interrelação entre a Geografia Imaginativa, o Orientalismo, as viagens, as zonas de contatos, os personagens geográficos, os estereótipos criados, as intertextualidades, os símbolos espaciais e não espaciais nesse produto audiovisual que completa trinta anos de existência em dois mil e dezoito aparece como resultado de uma busca por um recurso didático alternativo e atraente servindo como pano de fundo para debates geográficos em sala de aula, assim como fonte de pesquisa .

## 2 OS RECURSOS VISUAIS E AUDIOVISUAIS NAS PERSPECTIVAS ESPACIAIS

As imagens, com ou sem sonoridade, estão cada vez mais difundidas, multiplicadas pelo mundo. Muitos são os autores de diferentes áreas do conhecimento que debatem a questão e buscam a melhor conceituação do termo imagem. Então aqui cabe um parecer com menos amplitude, seguindo focos ligados a produção e a importância de como essas imagens influenciam na dinâmica do turismo, na ciência geográfica e no ensino da Geografia. Primeiro referente à atividade turística/viagens. Voltando ao professor Siqueira (2010) coloca que

imagens são superfícies que representam algo ou alguma coisa presente no mundo. Elas nos informam sobre algumas das propriedades, valores, situações ou idéias presentes naquilo que é representado. Como sempre busco deixar claro, imagens não são simples cópias de um mundo objetivo e exterior, dado a priori um observador neutro. A imagem é uma relação, social e simbólica, acima de tudo, pois informa também acerca daquele que busca representar algo. A dimensão subjetiva do sujeito que efetua a fotografia é fundamental, então, na conformação do que vai ser retratado. (SIQUEIRA, 2010, p.6)

Sobre as viagens e os pontos turísticos mais famosos, a representação imagética do cartão postal, fragmento de paisagem percebido por um ângulo, de algo simbolicamente importante e valorizado muitas vezes é a única e/ou principal referência espacial de determinada localidade na geografia imaginativa das pessoas, podendo ser considerada uma imagem-síntese. Seguindo essa linha de pensamento, na tese de mestrado Nunes (2017) debatendo a Geografia e o Turismo intitulada “Categoria paisagem e sua comercialização pelo turismo, no contexto da região das baixadas litorâneas”, reforça que “a imagem começa a ser imagem quando uma figura é reconhecida naquele substrato material” (NUNES, 2017, p. 2) e aprofunda quando afirma que a

criação de representações a partir das imagens dos locais turísticos permite uma aproximação do observador com locais até então desconhecidos, estimulado assim o desejo de visitá-los, porém a não correspondência quando da viagem pode proporcionar frustração extrema ao visitante. (NUNES, 2017, p.6)

Por isso é importante analisar quem são os diferentes agentes produtores dessas imagens, quais são seus objetivos no atual momento em que essas representações estão sendo multiplicadas pelos meios de comunicação, principalmente a internet. Sobre a produção de imagens e sons, Gitlin (2003) identifica Hollywood como à capital cultural global, onde dificilmente em ambientes urbanizados alguém esteja livre da força dos Estados Unidos.

Características distintas fizeram essas produções estadunidenses de entretenimento obter tanto sucesso. Novamente baseando no autor, os artistas do país dão preferência à

popularidade e a diversão, não o refinamento; o inglês é o segundo idioma nativo mais falado do mundo e como segunda língua o inglês é mais falado e lido do que qualquer outra e a linguagem de imagens é ainda mais acessível que a linguagem estadunidense de palavras (GITLIN, 2003, p.251-252). Acrescento, não só para o seriado, mas para outros recursos audiovisuais a facilidade de dublagem e legenda (por ser a segunda língua mais utilizada atualmente), como também as inovações tecnológicas desenvolvidas a partir da internet como a televisão *on demand*, que apesar de terem produções internacionalizadas, se concentram nos EUA (vide *Netflix e Apple TV*) o que aumenta a probabilidade de mais e mais pessoas no século XXI vivam o tipo de existência que as prepara para o gosto popular ao *American Way of Life*.

Apesar da cultura hollywoodiana ser hoje a que mais se aproxima de um acesso global, levando particularmente os urbanos e jovens a uma zona comum (GITLIN, 2003, p.241) a cultura pop do país não apaga todas as alternativas regionais, todas as formas locais sob as quais artistas e escritores produzem seus estilos e histórias. O surgimento de uma semicultura de expansão global coexiste com a sensibilidade local e a produção em ritmo industrial foi especialmente poderosa no cinema e na televisão, onde a promoção em massa tem ligação direta com à produção em massa e ajudados pela tradições locais não serem tão importantes quanto da música popular, por exemplo (GITLIN, 2003, p. 248).

Na percepção geográfica das imagens muitos são os estudos feitos. Novaes (2011), mais próximo da realidade da dissertação, propõe dois questionamentos iniciais em seu artigo intitulado “Uma Geografia visual? Contribuições para o uso das imagens na difusão do conhecimento geográfico” relacionados à proposta aqui apresentada. Primeiro se a disciplina é particularmente caracterizada pelo “visual” e depois busca entender como os geógrafos vêm fazendo uso das imagens no processo de produção e difusão do conhecimento. E alerta, baseando-se em Rose (2003) que são perguntas difíceis de serem respondidas, “pois requerem pesquisas empíricas cuidadosas sobre as distintas formas de apropriação das imagens na disciplina” (NOVAES, 2011, p.6).

Mais uma vez, não é objetivo principal da pesquisa investigar outros autores e suas visões, porém importante apontar que os estudos em torno das imagens são antigos na Geografia como também no reconhecimento de que esta disciplina apresentaria uma característica essencialmente estruturada na visão. Oferecendo alguns argumentos para a presente dissertação, o autor afirma:

Além de reconhecerem a importância das imagens na produção do conhecimento geográfico, muitos autores também valorizam de forma explícita a participação das representações pictóricas no ensino da disciplina. De acordo com Yi-Fu Tuan (1979, p. 413), por exemplo, uma aula de geografia sem imagens corresponderia a "uma aula

de anatomia sem esqueleto”, pois o geógrafo “depende mais da câmera do que outros cientistas sociais” para apresentar o mundo aos alunos.

Este tipo de declaração evidencia como o processo de incorporação de tecnologias visuais nas aulas de geografia não é recente, muito menos exclusivamente associado com o crescimento da circulação de imagens nas últimas décadas. Como nos alerta Driver (2003), a exibição de slides era uma questão muito frequentemente discutida nos ciclos geográficos britânicos já no final do século XIX e início do século XX, dominando as páginas de periódicos especializados na educação da disciplina, como o *Geographical Teacher*. (apud NOVAES, 2011, p. 7)

Essas argumentações iniciais e breves sobre as imagens e suas espacializações evidenciam simultaneamente a importância de estudos empíricos, do peso das mesmas na ciência e no ensino de Geografia, como também negam que estudos sobre representações imagéticas utilizando panoramas geográficos tenham surgido apenas nos dias atuais, dada a importância da imagem para o conhecimento espacial das regiões do mundo, reforçado com o processo de globalização gerar uma expansão da produção e consumo destas, surgindo múltiplas opções a serem analisadas.

## 2.1 Cinema

Uma das formas de grande importância na reprodução e divulgação de imagens sobre o Mundo são as produções fílmicas para o cinema. Não é propósito aqui debater a sétima arte, contudo é importante identificar a ida ao espaço cinema como uma excelente atividade pedagógica, e não apenas ver o filme dentro de sala de aula. Focalizo aqui as imagens sequencias e filmadas como fonte de estudo nos ambientes escolares e mediadas pelo professor. Apenas para introduzir uma breve passagem do seu surgimento e de seu uso

No começo do século XX, o cinema inaugurou uma era de predominância das imagens. Mas quando apareceu, por volta de 1895, não possuía um código próprio e estava misturado a outras formas culturais, como os espetáculos de lanterna mágica, o teatro popular, os cartuns, as revistas ilustradas e os cartões-postais. Os aparelhos que projetava filmes apareceram como mais uma curiosidade entre as várias invenções que surgiram no final do século XIX. Esses aparelhos eram exibidos como novidade em demonstrações nos círculos de cientistas, em palestras ilustradas e nas exposições universais, ou misturados a outras formas de diversão popular, tais como circos, parques de diversões, gabinetes de curiosidades e espetáculos de variedades. (MASCARENO, 2006, p.17)

Similar ao que ocorre com as imagens estáticas, as fílmicas e o cinema também são estudados em diferentes áreas de conhecimento. Mantendo a concentração nos aspectos centrais da pesquisa que são a Geografia como ciência e no ensino escolar, além autores antes aqui

citados, o debate em relação ao cinema novamente inclui “O cinema é contador de histórias por excelência, um narrador onipresente da sociedade ocidental” (NAME, 2013, p. 74) e

a imagem do filme narrativo só permite acesso à ficção através do filtro simbólico, em particular pelo uso do que Pierre Francastel chamou de objetos figurativos: representações que não remetem a um objeto do mundo natural, mas a um valor de um universo cultural. (AMANCIO, 2000, p.18)

Sobre a Geografia, o cinema e os filmes, Aitken e Zonn organizam o livro “*Place, power, situation, and spectacle: a geography of film*” (1994), em que debatem a relação entre conceitos e percepções do olhar geográfico nos filmes cinematográficos. Dois artigos deste livro que foram traduzidos em “Cinema, Música e Espaço” (2009), organizados por Corrêa e Rosendahl. No capítulo intitulado “Re-apresentando o lugar pastiche”, os autores e organizadores apresentam algumas ideias a partir de exemplos do cinema e seus estudos. A primeira quando afirma que “o estudo das interrelações entre o cinema e a política da representação social e cultural e do uso do cinema como um meio de compreender nosso lugar no mundo continua provocador, mas, em grande medida, inexplorado na geografia” (AITKEN e ZONN, 2009, p.19) e depois reafirmam

a própria essência da geografia – a busca do nosso sentido de lugar e de self no mundo – é constituída pela prática de olhar e é, na verdade um estudo de imagens. Nossa cultura é visual, de vídeo, cinemática. É uma colagem, um pastiche dominado pelo texto multimeio/vídeo-áudio. O cinema e a televisão transformaram a sociedade (e talvez todas as outras sociedades que tiveram contato com a câmera) no Oeste contemporâneo. Estudiosos dessa cultura e sociedade contemporâneos observam uma convergência entre aquilo que no cotidiano é real e como nos imaginamos o cotidiano.” (AITKEN e ZONN, p.23, 2009, grifos do autor).

Os termos sublinhados na citação anterior são importantes porque voltam a debater temas já proposto na Geografia Imaginativa e do Orientalismo com a construção do “Oeste contemporâneo” e “da percepção da existência do real e do imaginado”. Reforçam e complementam os conceitos dessa dissertação quando também trazem como argumentação o conceito de intertextualidade nas imagens em que

embora os filmes não sejam referenciais a uma realidade além deles próprios, soam claramente intertextuais no sentido de incorporaram outros textos culturais e, como consequência, produzirem e comunicarem significado. Esse significado será distinto para pessoas de diferentes lugares, culturas, classes e momentos históricos. Desenredar essa intertextualidade é um problema que apresenta alguma complexidade e torna-se mais confuso se admitimos que hoje a maioria das culturas de algum modo atingida pelo cinema e pela televisão. A capacidade do espectador para ler um filme depende, além de tudo, de uma familiaridade com estruturas intertextuais. (AITKEN e ZONN, 2009, pp. 25, 26)

O outro artigo traduzido no livro organizado por Corrêa e Rosendahl, Jeff Hopkins (original em inglês presente no livro *Place, power, situation, and spectacle: a geography of film*)

introduz os conceitos de “lugar cinematográfico” e “paisagem cinematográfica” através de uma abordagem semiótica. Limitando apresentar a segunda definição mais relacionada à proposta da dissertação quando afirma que

uma paisagem fílmica, ou uma paisagem cinematográfica, poderia ser definida, no sentido mais amplo do termo, como uma representação fílmica de um meio ambiente real ou imaginado, visto por um espectador. Tal paisagem, devido a seu meio de expressão, é uma forma de representação especialmente sofisticada e poderosa. (HOPKINS, 2009, p. 64)

A atenção está voltada para esse termo porque essa condição espacial que promove a atuação das já assinaladas e debatidas ferramentas da Geografia Imaginativa, da intertextualidade, dos estereótipos, dos símbolos e dos personagens geográficos atuantes nos episódios sobre as paisagens do mundo, como também das opiniões dos alunos e das alunas sobre as mesmas. Dentro dessa perspectiva simbólica da paisagem afirma que “a paisagem cinematográfica constitui uma série extremamente complexa de sistemas de signos auriculares e visuais criados por quem faz cinema, pelo meio de expressão e pelo espectador” (HOPKINS, 2009, p.67). No caso da prática pedagógica feita, a paisagem cinematográfica é construída por quem faz o seriado, veiculado em sala de aula e tendo como espectadores os estudantes.

Sobre a importância dos filmes na educação de uma forma geral, Rosália Duarte sugere em seu livro “Cinema e Educação” (2002) pensamentos para dentro e fora de sala de aula. Inicialmente afirma que “em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais” (DUARTE, 2002, p.14) e confirma com a ideia de que “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p. 17).

Por isso, a autora afirma que “tudo indica que o significado das mensagens seja produto muito mais de uma interação entre produtor e receptor do que da imposição de sentidos de um sobre o outro” (DUARTE, 2002, p.65) e para procurar já que “o olhar do espectador nunca é neutro, nem vazio de significados. Ao contrário, esse olhar é permanentemente informado e dirigido pelas práticas, valores e normas da cultura na qual ele está imerso” (DUARTE, 2002, p.67).

No livro “Como usar o cinema na sala de aula” (2003), Marcos Napolitano apresenta formas aceitas de se inserir, assim como formas de não utilizar o filme como recurso. Inicialmente vê uma vantagem muito grande no uso em sala de aula com o professor como intermediário entre a obra e os alunos, propondo desdobramentos com outras atividades, fontes e temas. Assim, recurso vai

além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de linguagem do filme com conteúdo escolar (NAPOLITANO, 2003, p.15).

Apesar de o educador estar presente em sala de aula, ele e/ou ela podem usar de formas nas quais queremos e devemos evitar como exemplos apontados por pelo autor do vídeo-tapaburaco (devido a algum problema), o vídeo-enrolação (sem muita ligação com a matéria), o vídeo-deslumbramento (empolgação e uso em todas as aulas) e só o vídeo (sem discuti-lo). Então, adicionado a figura do educador, é necessário ter a construção plano seguindo cronograma para realizar a prática em sala, que claro, pode e deve ser transformado, prolongado, horizontalizado e verticalizado de acordo com a demanda das turmas.

A prática com os três episódios (que não são filmes e tem sua natureza melhor debatida mais à frente) apresentam-se com duas perspectivas nomeadas por Napolitano (2003). Usando os episódios sobre a China e a África, coloco o recurso como sensibilização, ou seja, um bom vídeo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para debates sobre temas polêmicos – complementadas com a forma ácida do seriado. Isso facilitará o desejo para aprofundar e discutir assuntos com os alunos. No caso do Brasil, coloco como o vídeo espelho, onde os estudantes podem ver e se compreender na tela para descobrir seus gestos, seus cacoetes, seus estereótipos, suas construções feitas pelo outro.

As formas de utilização dos episódios como introdutor de assuntos ligados a regiões e países do Mundo e espelho quando aborda questões brasileiras se complementam no momento que o autor foca no ensino da Geografia por meio do recurso audiovisual

O cinema europeu, americano e mesmo brasileiro sempre se inspirou em lugares e culturas distantes para usar como temas. Basicamente, os filmes que falam de culturas não-ocidentais e lugares exóticos são os mais afeitos ao trabalho de Geografia. Mas não apenas. Filmes que tratam da representação da vida nas grandes cidades, dos problemas ambientais, do convívio entre etnias no mesmo país têm sido recorrentes no cinema atual. Se no passado o cinema comercial americano e europeu abusou do etnocentrismo para representar outras culturas e outros lugares (índios, africanos e asiáticos), muitos filmes sugerem a possibilidade, pelo próprio conteúdo, de crítica ao etnocentrismo e à mentalidade imperialista. Assim, a grande armadilha é aceitar a representação ideológica do outro sem críticas, pois isso acarreta, entre outras coisas, a simplificação de culturas e lugares que, na realidade, são diversos e complexos (NAPOLITANO, 2003, pp. 39 e 40, grifo do autor).

Acredito que estas não sejam as únicas formas de utilizar vídeos nas aulas de Geografia, porém essa escrita fortalece essas perspectivas, nos argumentos sublinhados, a utilização dos episódios do seriado em que os personagens estadunidenses de um desenho animado viajam para outros continentes (sulamericano, africano e asiático), visitando o Mundo visto como não

ocidental, exótico, sendo etnocêntricos e criticando o próprio etnocentrismo estadunidense. E acrescento que o professor deve sempre tomar muito cuidado com o tratamento dado ao outro, sobretudo nos filmes de gênero comerciais, lembrando que uma das responsabilidades da Geografia propostas da Base Nacional Curricular Comum divulgada em dois mil e sete é conscientizar o eu, o nós e os outros.

Ampliando o debate nessa perspectiva de utilização dos filmes em sala de aula, se torna parte da discussão o livro “Novas imagens do desaprender – Uma experiência de aprender cinema entre a cinemateca e a escola” (2007) organizado por Adriana Fresquet. No prefácio apresenta que

o cinema possui um caráter socializador, que se efetiva tanto na perspectiva mais ou menos hegemônica de conservar e difundir valores instituídos, quanto na de criticar e questionar esses valores, de modo a transformar o instituído que é também o que caracteriza todas as formas de arte (Fresquet, 2007, p.12).

Nesse mesmo livro, uma coletânea de textos de autores e autoras diferentes sobre atividades e caminhos para a utilização e produção de imagens no ambiente escolar e é desse jeito que surgem as ideias propostas pela organizadora/professora argentina e repetidas durante os artigos que é a questão do “aprender, desaprender e reaprender” através do cinema. Acredito que esse seja um dos caminhos possíveis para apresentar conhecimentos geográficos, ou seja, o confronto entre diferentes idéias provocando o deslocamento e, assim, a ampliação dessas representações espaciais, além de identificar o espectador como um ser ativo, que se posiciona diante do que está assistindo, em especial os alunos e as alunas que serão avaliados, construindo, desconstruindo e reconstruindo a si, a outro e ao grupo social do qual pertence.

## 2.2 Televisão

As imagens fílmicas inicialmente produzidas apenas para o cinema quando criado também possuem o seu espaço na televisão, com lançamentos posteriores em canais abertos ou por assinatura. Entretanto não podemos esquecer que a imagem televisiva se sobrepõe em quantidade a imagem cinematográfica, pois inclui produtos específicos em volumes cada vez mais amplos, incluindo filmes que não são veiculados no cinema, apenas em aparelhos televisivos, como também seriados, reportagens, documentários, desenhos animados, programas esportivos, talk-shows, reality shows.

As estatísticas brasileiras referentes mostram à diferença de acesso ao espaço do cinema e assistir televisão em residências, onde de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) contemplada no quarto trimestre de dois mil e dezesseis, dos 69,3 milhões de domicílios permanentes, 97,2% possuem televisão. Esses números provavelmente poderão mudar devido à conversão para o sistema digital em que nem todas as residências possuem acesso, mas continuará sendo expressivo. Enquanto o número de cinemas no Brasil de acordo com o anuário da Agência Nacional de Cinema (Assine) de 2017<sup>10</sup> o encerrou o ano de 2017 com 3.223 salas em funcionamento, em apenas 396 municípios diferentes.

Mais uma vez, não é caminho preferencial analisar a história do uso da televisão no Brasil, nem a sua formação histórica como meio de comunicação de massa, mas mostrar a importância do seu funcionamento como modelador cultural, e principalmente sua importância na leitura do mundo. Sendo assim, entendemos que a televisão exacerba, assim como o cinema, principalmente um dos nossos sentidos – o olhar. Diante da imagem da narrativa televisiva podemos tecer muitas associações de sentido intertextual quanto nosso imaginário (também geográfico) nos permitir.

O telespectador senta-se diante da TV esperando ser surpreendido em poucos segundos por uma situação nova e inusitada, determinando, assim, se o programa a que assiste é interessante ou não, ainda mais com a concorrência ampla que existe atualmente, em especial das redes sociais e de outras centenas de canais de entretenimento/informação. Para continuar atraindo o público, a televisão se reconstrói, mas continua seguindo padrões médios de compreensão e absorção, incluindo questões espaciais.

Figura 3 - A família no seu tradicional sofá assistindo televisão na famosa abertura do programa



Fonte: Site da Revista Veja<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Disponível em: < [https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario\\_2017.pdf](https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario_2017.pdf) > Acessado em 01 dez. 2018

<sup>11</sup> Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/entretenimento/misterio-na-tv-os-simpsons-estao-chegando-ao-fim/> > Acessado em: 24 ago. 2018

E quem reafirma essa importância da televisão é o próprio o seriado, pois enquanto outros programas televisivos raramente mostram seus personagens na frente da telinha, demonstrando, assim, que o esse objeto possui pouca importância para produção de sentido pelo texto, os autores da família amarela invertem essa questão ao colocarem os seus personagens frequentemente em frente ao aparelho, de onde por muitas vezes surge o mote para desenrolar a narrativa do episódio ao qual se assiste<sup>12</sup>. Ao colocar a família Simpson, ou membros dela, frente à telinha da forma descrita anteriormente, o enunciador TV pretende ativar no enunciatário o processo de identificação com a ficção por meio da valorização de um ato praticado todos os dias por grande parte da população mundial: reunir a família para assistir TV como forma de ver/entender o mundo e o que se passa nele.

O livro de Rosa Maria Bueno Fisher “Televisão e Educação: fluir e pensar a TV” (2013) em sua quarta edição, além da interseção entre educação e televisão promove nas notas iniciais um debate sobre as transformações tecnológicas nos últimos anos quando apresenta

Em primeiro lugar, é inegável que nossos aparelhos de televisão não cessam de aperfeiçoar-se, seja quanto ao design e ao tamanho e formato das telas, seja particularmente quanto à definição e qualidade da imagem. Em segundo lugar, a proliferação de canais a cabo passa a ser responsável por uma oferta cada vez maior de programações, nacionais e, especialmente, internacionais. Por fim, não se pode desconsiderar o papel revolucionário da comunicação via Internet, com uma presença quase infinita de sites, muitos deles de acesso a todo tipo de vídeos, programas de TV, filmes, desenhos animados, peças publicitárias; nesse particular, cito o papel fundamental de sites como o *Youtube* e o *Google* (FISHER, 2013, p.7).

Adiciono as inovações identificadas anteriormente, o atual serviço de televisão via *online streaming* e *on demand* que vem ganhando cada vez mais importância. Essa tecnologia é uma forma de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo através de redes, onde é possível assistir a filmes ou escutar música sem a necessidade de fazer download e também pelo qual o assinante escolhe, de uma lista grande, qual produto audiovisual assistirá através uma TV interativa ou outro aparelho eletrônico que tenha acesso à internet.

O exemplo mais conhecido é o *Netflix*, empresa sediada na Califórnia (EUA) com mais de 100 milhões de assinantes no mundo<sup>13</sup> no primeiro trimestre de 2018, que vem produzindo conteúdo próprio, além de aquisições do direito de apresentar filmes e programas

---

<sup>12</sup> Uma das características mais marcantes da série é a sequência de abertura. Na maioria dos episódios a câmera vai passando do título do programa (com trilha sonora famosa) para Springfield. Então, as imagens seguem os membros da família até em casa, passando pelos principais símbolos da cidade onde sentam no sofá para assistir televisão. Para ver as mudanças ao longo do tempo <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=7&v=C6oSzWHwKtk](https://www.youtube.com/watch?time_continue=7&v=C6oSzWHwKtk)> acessado em 01 dez. 2018

<sup>13</sup> Fonte: Site da Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/04/netflix-atinge-1189-milhoes-de-assinantes.shtml>> acessado em 01 dez. 2018.

(principalmente seriados). Porém também existem outros serviços fornecidos por grandes empresas como *Apple TV*, *HBO GO*, *Amazon*, que vem criando uma vasta produção de séries<sup>14</sup>, em que pessoas vêm se tornando cada vez mais seriéfilas, tornando as conversas diárias relacionadas às tramas dos personagens.

Assim, continuando com a autora e pesquisadora que busca o pensar, o conhecimento com e pela televisão e que aponta para a expansão das imagens televisivas além do próprio aparelho televisivo fixo nas residências.

A tela da TV e tudo o que ela continua a nos oferecer, parece-me, agora se expande para outros lugares de televisibilidade: está no nosso celular, no *Smartphone*, no *iPod*, no *iPhone*, no *iPad*, no nosso computador pessoal. Nada se perde, nada se ficará sem saber ou ver (...) nosso tempo é o tempo de acessar (FISHER, 2013, p.7).

Voltando para o tema central do livro, que seriam práticas pedagógicas a partir de programas de televisão, Duarte apresenta a sua maior preocupação, muito relacionada ao debate proposto na presente dissertação, que é a “educação do olhar” de professores e alunos, não os vendo como simples espectadores de imagens televisivas, mas igualmente “criadores e pensadores”. E questiona

em que medida tantas produções audiovisuais, ao se ocuparem primordialmente de nós mesmos, se mostrariam abertas a acolher as histórias ‘do outro’, a assumir-se diante do acontecimento radical da alteridade? (FISHER, 2013, p.9, grifos do autor)

Novamente aparecem os questionamentos centrais já debatidos sobre a construção de si, o outro e do nós presentes na BNCC, agora se relacionando com o modo de produção das imagens televisivas. E amplia a importância do histórico aparelho eletrodoméstico quando afirma que defende que

Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos os quais por sua vez estão relacionados a modo de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida (FISHER, 2013, p. 19, grifo do autor).

Entretanto é de extrema importância entender que os números apresentados acima são sobre o acesso a televisão de sinal aberto, que se reduzem consideravelmente quando apresentamos usuários de imagens de televisão por assinatura (a cabo e/ou por demanda). No caso dessa pequena pesquisa com o alunado de um grande centro urbano, de uma instituição particular, acreditamos que a maior parte deles (se não todos) estão inseridos e interagidos com

---

<sup>14</sup> SILVA, M. V. B. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014115810>.

essas inovações audiovisuais pagas e como essa variedade de ilustrações são importantes para suas formações como cidadãos.

### 2.3 Desenhos animados

Os programas televisivos são muitos e sua concepção é extremamente útil para introduzir os alunos mais cedo nos estudos de televisão. Todd Gitlin direciona a questão da produção de imagens e som nesse mundo de mercados a três fórmulas estadunidenses, ou melhor, hollywoodianas, e agora globais, que são especialmente formidáveis: “o faroeste (com a variante, o road movie), o filme de ação e o desenho animado” (GITLIN, 2003, pp. 255, 256, grifo do autor). No fragmento voltado para os desenhos animados, o foco central da discussão são as produções de Walt Disney e afirma

como um Henry Ford dos desenhos animados, conseguiu produtividade com métodos de linha de montagem, dividindo o trabalho entre várias equipes de animadores. Como a General Motors, aperfeiçoou seu produto com mudanças regulares de modelo (GITLIN, 2003, p. 266).

Os estadunidenses podem parecer homens primitivos de desenho animado, “gente selvagem e maluca”, mas não são moldados apenas como o princípio do prazer do mundo, “são sua tela de projeção, seu fora-da-lei, bufão e xerife globais embrulhados em um só pacote”. (GITLIN, 2003, p.271). As produções audiovisuais seguem, portanto, um padrão de produção, não apenas veiculando determinadas imagens do país para os espectadores nacionais, como também consolidando e propagando valores ideológicos e morais do *American way of life* hegemônico no mundo ocidental ou ocidentalizado.

Um exemplo de destaque anterior e muito conhecido pelo público relacionando as viagens e as zonas de contato foram as produções feitas por Walt Disney que no ano de 1941 visitou alguns países da América Latina, resultando na criação dos programas *Saludos Amigos* (1942), no Brasil traduzido “Alô, Amigos” e *The Three Caballeros* (1944), no português “Você já foi a Bahia?”. Naquele momento, as imagens produzidas, de um modo geral, são positivas e o Rio de Janeiro é uma das localizações representadas, seguindo os ideais da *Good Neighbor Policy*, em português “Política da Boa Vizinhança”, propostos durante os governos do presidente Franklin Delano Roosevelt nos Estados Unidos (1933 a 1945) com os países do continente americano.

Figura 4 - Imagens do filme “Alô, amigos” (1942)



Fonte: Site Youtube<sup>15</sup>

Se optarmos pelo critério cronológico para estabelecermos quando a produção de desenhos animados se inicia, de acordo com a dissertação de mestrado em comunicação de Cláudia Regina da Silva Franzão de título “A Intertextualidade Geradora de Sentido no Gênero Desenho Animado de Núcleo Familiar ‘Os Simpsons’” (2009), mais um exemplo de estudo sobre o seriado e com um breve histórico dos *cartoons* apresenta que

registros do ancestral Humorous Phases of Funny Faces (“Fases Cômicas das Faces Engraçadas”), filmado pelo inglês James Stuart Blackton, em 1906, como o primeiro desenho animado produzido para o cinema e, valendo-se ainda do critério marco temporal, veremos que o princípio do desenho animado na TV se dá com a transmissão de Donald’s Cousin Gus (O Primo Gus do Pato Donald) de Walt Disney, em 19 de maio de 1939 pelo canal experimental NBC em Nova York. O apogeu do gênero para a TV na nação do Tio Sam, entretanto, só terá início no ano seguinte, 1940, segundo fontes consultadas, principalmente com as produções dos estúdios Disney para TV (FRANZÃO, 2009, p.45).

Na televisão *The Flintstones* (produzida inicialmente entre 1960 e 1966) foi à primeira série de desenho animado a ser exibida em horário nobre na TV, buscando atrair a atenção de crianças, jovens e adultos. Uma família da idade da pedra formada por Fred, Wilma e Pedrita, formato pioneiro também como um sitcom animado. Outro exemplo similar seria *The Jetsons* (uma família do futuro produzida inicialmente na década de 1960 e voltando em 1980, projetando dinâmicas no ano de 2062). Os Simpsons possui esse mesmo formato familiar, animado, voltado também para adultos, porém com abordagens de temas mais complexos e de maneira mais crítica e sarcástica como os mais recentes seriados animados estadunidenses *Family Guy*, *South Park* (esses bastante violentos), *American Dad!* e *Futurama* (do mesmo criador Matt Groening).

<sup>15</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=I-\\_u3K2XZN4](https://www.youtube.com/watch?v=I-_u3K2XZN4)>. Acessado em: 10 dez. 2018

Para muitos os desenhos animados não são factíveis de estudos, pois produzem imagens muito alteradas e suas construções artificiais, por isso são programas televisivos pouco estudados até o momento. O artigo de Thorogood (2016) *Satire and Geopolitics: Vulgarity, Ambiguity and the Body Grotesque in South Park*, publicado na *Geopolitics Journal* sobre o seriado *South Park*, produção animada também *made in US* mais contemporânea, contrapõe essas ideias e analisa os episódios desta animação como simultaneamente progressivos e racistas, ou educacional e ofensivo, destruindo a fronteira entre sátira e paródia, com o primeiro entendido como erros grosseiros para o propósito de informar ou mudar o comportamento, e o último como um simples meio de comédia via imitação e exagero. É essa capacidade, que o seriado *The Simpsons* se encaixa e talvez seja precursor dessa onda crítica nesse formato de ser ao mesmo tempo politicamente informado e surpreendentemente vulgar tornando a pesquisa extremamente rica em aspectos a serem analisados.

O produtor executivo do seriado estudado James L. Brooks (2001) também identifica alguns dos benefícios da forma animada, como a facilidade de adicionar localizações e novos personagens, mas acrescenta que existem regras para a construção dos episódios, como os animais não falarem, não ter risadas track, se houver alguém machucado, ter sangue e não possuir personagens esmagados por bigorna ou olhos saindo das cabeças, apesar de serem amarelos. A principal exceção às regras de Groening (criador) e Brooks para animação são os desenhos animados dentro do desenho animado chamado *The Itchy & Scratchy Show*. Uma paródia intertextual do famoso desenho de perseguição entre gato e rato *Tom & Jerry*, mostra cenas extremamente exageradas e em especial relacionadas com a violência.

Sobre as construções das animações e seus aspectos de interpretação e leitura, Hopkins (2009) demonstra através do exemplo da cidade que a imagem do desenho animado também é constituída pelos três modos de significação ícone, índice e símbolo – assim como a imagem de um documentário, mas em graus diferentes e com efeitos variados. E oferece uma vantagem dessa representação que é

devido ao fato de uma série de ‘animadas’ de desenhos fotografados de eventos, pessoas, objetos, tempos e espaços fictícios, o espectador se disporá menos a aceitar a imagem como do filme como ‘real’ e antecipa – na verdade, pode deleitar-se com – distorções daquilo que poderia experimentar visualmente em uma cidade do mundo material cotidiano. A impressão de realidade é diminuída, enquanto se intensifica o esforço necessário para voluntariamente se suspender a descrença (HOPKINS, 2009, p.73).

Assim, os autores têm à sua disposição não apenas recursos televisivos fornecidos pelo discurso da comunicação verbal e não-verbal que o meio audiovisual proporciona, mas também os recursos fornecidos pelo próprio gênero, desenho animado, crítico, de núcleo familiar, atual

e ao mesmo tempo criaram sua história. Essa gama de recursos característicos favorece os autores da obra *Simpsoniana* na formulação dos episódios da série e na maneira como envolvem o público em sua enunciação.

#### 2.4 *The Simpsons* e seus personagens principais

O seriado, como antes apresentado, adota um formato híbrido entre desenho animado e série de TV do tipo sitcom<sup>16</sup>, alguns o consideram como um *TV show*. De acordo com Terrace (2007), autor da “*Encyclopedia of television shows, 1925 through 2007*”, em tradução livre, *The Simpsons* é uma série animada para adultos sobre os Simpsons, uma família escandalosa que vive em uma cidade chamada Springfield, EUA (que foi fundada por Jebediah Springfield na década de 1840).

A criação do cartunista Matt Groening foi introduzida em pequenos segmentos variando entre um e dois minutos de duração no *The Tracey Ullman Show* da Rede Fox nos Estados Unidos em 1987<sup>17</sup>, debutando nas noites de domingo, horário nobre e tipicamente familiar, mais do que qualquer outra noite da semana. Nesses curtas-metragens, conseguiram se mostrar realmente um programa adulto cuja mensagem atrai pessoas entediadas com programas convencionais de outros canais, atraindo também as crianças por ser um desenho animado e transmitido no início da noite.

Devido à boa aceitação do público, conseguiu evoluir para um programa com episódios que normalmente tem duração entre vinte e vinte dois minutos (atendendo as demandas da televisão comercial), estreando com o especial de Natal em 17 de dezembro de 1989 e posteriormente como série regular em 14 de Janeiro de 1990. Muito elogiada pela crítica, conseguiu ganhar diversas premiações individuais (por personagens ou por episódios) e coletivas (pela série). Na coleção estão prêmios como *Peabody*, *Emmy*, *Annie*, *Genesis*, *International Monitor*, *Environmental Media*, *British Comedy*, *People’s Choice Awards*. Josh Ozersky, crítico de mídia resume bem a importância do seriado quando coloca que é uma coisa

---

<sup>16</sup> Série de televisão, onde situações de comédia são encenadas, em ambientes comuns e familiares, com personagens comuns, nas mais diversas situações: escola, trabalho, festas de família, entre outras.

<sup>17</sup> Exemplos desses curtas metragens podem ser vistos no Youtube e em outros endereços eletrônicos como <https://nanu.blog.br/simpsons-anos-80/>

estranha quando uma série de desenhos animados é elogiada como um dos programas mais incisivos e realistas na TV.

Figura 5 - O personagem Bart capa da revista estadunidense *Times* sobre os melhores na década de 1990



Fonte: Site da revista *Times*<sup>18</sup>

Essas conquistas apontadas se delinearão devido uma escrita inteligente, em que faz alusões a diferentes fatos populares e acadêmicos, sempre procurando fazer com os telespectadores se lembrem de certas coisas – intertextualidades – e deixem outras fluírem livremente. O criador do programa televisivo afirma que ele usa o show para despertar as pessoas "de algumas maneiras em que estamos sendo manipulados e explorados" pela cultura estadunidense moderna (PINSKY, 2001, p. 133). No entanto, não podemos esquecer que a marca *The Simpsons* também é um grande negócio e, se faz crítica a televisão comercial e a sociedade (principalmente a dos Estados Unidos), é também uma das favoritas da televisão como um produto rentável e a uma marca mundial. Com suas características e grande popularidade vem trazendo muito dinheiro para seu criador, seus produtores e para a *21st Century Fox*, agora braço da *Walt Disney Company*.

Globalizado e veiculado em mais de 70 países<sup>19</sup>, Os *Simpsons* têm milhões de fãs em todo o mundo, sendo a série animada que está o maior tempo e com maior número episódios na história da televisão – entrando no trigésimo ano e na trigésima temporada nos Estados Unidos com mais de 630 episódios completos. Visto até mesmo como adivinhador do futuro<sup>20</sup>,

<sup>18</sup> Disponível em: < [http://img.timeinc.net/time/magazine/archive/covers/1990/1101901231\\_400.jpg](http://img.timeinc.net/time/magazine/archive/covers/1990/1101901231_400.jpg)>. Acessado em: 10 dez. 2018

<sup>19</sup> Mais informações sobre a amplitude das imagens na Rússia, China, Egito e França disponível em: <https://medium.com/@benkurzrock/the-globalization-of-the-simpsons-a-study-of-satire-in-international-media-e0c0bf5aace1> . Acessado em 01 de setembro de 2018.

<sup>20</sup> Dois grandes exemplos são a eleição de Donald Trump para presidência dos Estados Unidos e a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014.

possui um sucesso imenso, mas é importante identificar, de acordo com estudos recentes, a diminuição do número de espectadores da série nos Estados Unidos, muito possivelmente fruto do cansaço do formato e de seus personagens, do surgimento de outras mídias de comunicação que também, como dito anteriormente, mudam a forma de assistir imagens televisivas. Como reforço, o seriado ainda não está disponível nas grandes operadoras de serviço *via streaming*.

No Brasil desde 1991, o seriado passou pelas três grandes emissoras de televisão aberta, começando pela Rede Globo, depois indo para o SBT e posteriormente na Rede Bandeirantes. Com a chegada da televisão por assinatura no país a partir da década de 1990<sup>21</sup>, a *Fox Channel Brasil* (detentora dos direitos de transmissão) começa a veicular com mais intensidade, diminuindo o número de repetições e aumentando o número de episódios inéditos. Ainda assim não seguem o calendário de lançamento dos Estados Unidos, ou seja, enquanto ocorre a transmissão de episódios da trigésima temporada no país produtor, aqui ainda é veiculada (reprise) da vigésima nona no ano de dois mil e dezoito.

Os cinco personagens geográficos<sup>22</sup> principais são: Homer Jay Simpson, o patriarca dessa família, apesar de ser desastrado e considerado pela família e pelos amigos como de baixa inteligência, ama-os acima de tudo e possui frases pontuais brilhantes. Representante estereotipado do cidadão da classe média americana tem 36 anos<sup>23</sup> desde a criação do seriado, pois assim como todos os outros personagens não envelhece, trabalha (na maioria dos episódios) como supervisor de segurança na Usina Nuclear de Springfield, todavia bom lembrar diversas outras coisas como astronauta (episódio *Deep Space Homer*) e fazendeiro (episódio *E-I-E-I-D'oh*). É atualmente o personagem mais popular e atua como criador/afirmador de símbolos americanos como a cerveja, no caso a fictícia marca “Duff” (hoje realmente sendo produzida), a rosquinha americana conhecida como *Donut* e a calça jeans, que complementada com blusa branca faz uma referência a Marlon Brando no filme *A Streetcar Named Desire* (1951), no Brasil conhecido como “Uma Rua Chamada Pecado”.

---

<sup>21</sup> Mais detalhes sobre a história da televisão por assinatura em: <<http://www.abta.org.br/historico.asp>> Acessado em: 01 dez. 2018

<sup>22</sup> O livro “Os Simpsons e a Filosofia” (2001) analisa os personagens separadamente nos capítulos intitulados “Homer e Aristóteles”, “Lisa e o antiintelectualismo americano”, “A importância de Maggie: sons do silêncio, leste e oeste”, “A motivação moral de Marge” e “Assim falava Bart: Nietzsche e as virtudes do mal”. Além desses artigos, Gray (2006), Franzão (2009) e a experiência do pesquisador com os episódios ajudam nas referências sobre os personagens.

<sup>23</sup> As idades de Homer e Marge possuem polêmicas, pois ao longo do tempo referências foram se negando e criando outras. A princípio aponto para uma diferença de dois anos entre os personagens.

Figura 6 - Personagem Homer Simpson

Fonte: Wikisimpsons<sup>24</sup>

Marjorie Jaqueline Bouvier-Simpson, mais conhecida como Marge tem 34 anos (com controvérsias), tem como símbolo mais famoso os longos cabelos azuis e para cima, possivelmente uma referência ao filme “A noiva Frankenstein”. A mãe e esposa gasta a maior parte de seu tempo como dona de casa, assim como outras personagens femininas das séries de televisão estadunidense de formato familiar. Possui suas fugas dessa rotina ao longo dos episódios, como desenvolver problemas com jogo (episódio *Springfield (Or, How I Learned to Stop Worrying and Love Legalized Gambling)*) ou se tornar policial (episódio *The Springfield Connection*), mas em grande parte das vezes está preocupada em agradar ao marido e cuidar do seu filho e das suas filhas. Possui extremo e rotineiro cuidado com Maggie, a caçula, auxilia Lisa em seus estudos e em questões pessoais, porém é muito questionada pela filha do meio por sua opção de fazer apenas a função domiciliar e se abdicar dos outros talentos que possui, e/ou defendendo Bart ora para tirá-lo de confusão, ora para controlar a fúria do pai (que também é muito apoiado pela esposa, apenas dos atos impensados que pratica). Em resumo, é a típica imagem estereotipada da década de 1960: sempre cuidando da dinâmica familiar e com pouco tempo para si mesma.

Figura 7 - Personagem Marge Simpson

Fonte: Wikisimpsons<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Disponível em: <[http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Homer\\_Jay\\_Simpson](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Homer_Jay_Simpson)> Acessado em: 01 dez. 2018.

<sup>25</sup> Disponível em: <[http://pt-br.simpsons.wikia.com/wiki/Marge\\_Simpson](http://pt-br.simpsons.wikia.com/wiki/Marge_Simpson)>. Acessado em: 01 dez. 2018.

Bartholomew J. Bouvier Simpson é o filho mais velho (10 anos) do casal Homer e Marge. Estudante da Escola Primária de Springfield é uma criança criada pelo autor a partir do estereótipo da rebeldia e experimentação do mundo que o cerca, visto como o mau menino da TV e ao mesmo tempo o mais amado pelos adolescentes durante a década de 1990. Apesar das notas baixas, possui grande senso de liderança e outras habilidades não típicas da sua idade, como dirigir (episódio *Bart on the Road*). Usa camisa vermelha e short jeans, representando possivelmente as cores da bandeira e a vestimenta típica de um jovem americano, tem ainda seu skate e seu estilingue como companheiros e símbolos de suas atitudes rebeldes – objetos menos presentes nas últimas temporadas (fruto do acompanhamento das referências simbólicas temporais que estão em constante atualização).

Figura 8 - Personagem Bart Simpson



Fonte: Wikisimpsons<sup>26</sup>

Elizabeth Marie Bouvier Simpson, ou Lisa Simpson, filha do meio, oito anos de idade, inverte a lógica do estereótipo do irmão, sendo o lado intelectual na série. Uma das melhores alunas da Escola Primária de Springfield, ativista e defensora dos direitos humanos e da dignidade, com convicções políticas contestadoras. Além de diversas atividades por motivos éticos, feministas, ambientalistas, também toca saxofone (história da compra no episódio *Lisa's Sax*), é vegetariana (episódio *Lisa, the vegetarian*) e budista (episódio *She of Little Faith*). Veste-se com vestido vermelho e colar branco (cores da bandeira dos Estados Unidos) e possui o cabelo em formato de estrela, que pode estar relacionado à estrela de Davi e/ou a Estátua da Liberdade.

---

<sup>26</sup> Disponível em: < [http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Bart\\_Simpson](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Bart_Simpson)>. Acessado em: 01 dez. 2018.

Figura 9 - Personagem Lisa Simpson

Fonte: Wikisimpson<sup>27</sup>

Margaret Evelyn Simpson, ou apenas Maggie, é a mais jovem com apenas um ano de vida, tornando-se, devido ao não passar dos anos para os personagens, uma eterna bebê. Observa tudo enquanto chupa sua chupeta (símbolo principal), com destaques de atuação para o tiro no o Senhor Burns, chefe do seu pai e homem mais rico da cidade (no episódio duplo entre a sexta e a sétima temporada *Who shot Mr. Burns part 1 and 2*) e quando pronunciou sua primeira palavra Maggie (no episódio *Lisa's First Word*). Inteligente, prefere inventar um código próprio para se comunicar com o mundo, sabe tocar saxofone e vive se metendo nas situações mais perigosas e inusitadas, porém, sempre é salva por outros personagens do seriado (da família ou não).

Figura 10 - Personagem Maggie Simpson

Fonte: Wikisimpson<sup>28</sup>

Devido a um grande número de capítulos (a trigésima temporada transmitida nos EUA em setembro de 2018 começou com episódio de número 640), diversos são os temas sociais, ambientais, políticas, econômicos, sociais e culturais debatidos e mostrados com percepções e atuações desses personagens principais heterogêneos, em todas às vezes de maneira polêmica,

---

<sup>27</sup>Disponível em: <[http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Lisa\\_Simpson](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Lisa_Simpson)>. Acessado em: 01 dez. 2018.

<sup>28</sup> Disponível em: <[http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Maggie\\_Simpson](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Maggie_Simpson)>. Acessado em: 01 dez. 2018;.

lúdica, paródica, irônica, estereotipada, dinâmica e didática, em um modo *Simpsonianos* de ver o mundo. Dentre estes, como citado anteriormente, foram separados para essa pesquisa os episódios em que ocorrem três viagens internacionais dos personagens do seriado *The Simpsons*, questionando e identificando visões dos estadunidenses sobre diversos símbolos e que se tornam xerifes globais (juízes das paisagens, dos símbolos e do modo vida) quando viajam para outros países e, de novo, criticam o comportamento das pessoas da maior potência econômica do mundo nessas zonas de contato.

A própria produção do seriado vem dividindo em subtemas, para possivelmente também vender mais de seus produtos e divulgar os episódios. No caso das muitas viagens, *The Simpsons: Around the World in 80 D'ohs*, um antigo produto (para os jovens) conhecido como DVD produzido em 2005 agrupou as idas para o Japão (episódio *Thirty Minutes Over Tokyo*), a África (episódio *Simpson Safari*), o Brasil (episódio *Blame It on Lisa*) e a Inglaterra (episódio *The Regina Monologues*). Percebam que esses quatro episódios do especial pelo mundo são apenas uma pequena amostragem dos destinos dos personagens.<sup>29</sup>

Importante lembrar que as viagens feitas pelas cidades estadunidenses e encontrando o outro de mesma nacionalidade (ou o nós) dos personagens do seriado repetem o modelo de construção baseado em estereótipos e imagens-símbolos, muitas vezes com pontos turísticos atuantes nos enredos dos episódios. Coloco como exemplo o episódio *The City of New York vs. Homer Simpson*<sup>30</sup> a ida a cidade de Nova Iorque (EUA) em que a trama foi amarrada ao estacionamento irregular do carro de Homer Simpson entre as antigas duas torres gêmeas do *World Trade Center*.

Como Tunico Amancio afirma e abre um debate acerca do limite do termo estrangeiro, talvez ampliando para o conceito de visitante, pois ocorre também para viagens em cidades do mesmo país

o estrangeiro (visitante) vai ser fruto de uma leitura em dois registros: a repetição e a caracterização pelo excesso... Fantasia de singularidade, defesa cultural, imitação grotesca e reprodução simplificada, o estrangeiro se intromete no cenário das pretensas igualdades e dos purismos étnicos para marcar ali, com sua presença, uma prerrogativa de estranhamento. (AMANCIO, 2000, p. 99)

Por fim, a partir de conhecimento empírico, assistindo todos os episódios da série até o ano de dois mil e dezesseis, proponho uma tabela onde pelo menos um dos cinco personagens

<sup>29</sup>Mapeamento detalhado on line encontrado em: [http://www.slate.com/blogs/browbeat/2012/02/17/\\_the\\_simpsons\\_are\\_going\\_to\\_a\\_map\\_of\\_every\\_simpsons\\_destination\\_over\\_500\\_episodes.html](http://www.slate.com/blogs/browbeat/2012/02/17/_the_simpsons_are_going_to_a_map_of_every_simpsons_destination_over_500_episodes.html). Acessado em: 01 dez. 2018

<sup>30</sup> Episódio produzido anteriormente do atentado e censurado após o acontecimento de onze de setembro de 2001.

centrais viaja para outro país e sua atuação fez parte do episódio de maneira clara e ampla, tornando-se um possível material pedagógico para as aulas de Geografia Regional. Não incluo os famosos especiais de Dia das bruxas ou *The Simpsons Treehouse of Horror episodes*, pois diferente dos capítulos padrões do seriado, ocorrem mortes e transformações nos personagens, que depois voltam sem, digamos, sequelas.

Tabela 1 - Nome do episódio, destino do(s) personagem(ns), temporada, número e ano (EUA)

<b>Nome do episódio original</b>	<b>Região visitada</b>	<b>Temporada/ Número/ Ano</b>
<i>The crepes of wrath</i>	França	1 <sup>a</sup> / 11 / 1990
<i>The Devil Wears Nada</i>		21 <sup>a</sup> / 446 / 2009
<i>To Courier with Love</i>		27 <sup>a</sup> / 594 / 2016
<i>Kampy Krusty</i>	México	4 <sup>a</sup> / 60 / 1992
<i>Homer and Apu</i>	Índia	5 <sup>a</sup> / 94 / 1994
<i>Kiss, Kiss bang Bangalore</i>		17 <sup>a</sup> / 373 / 2006
<i>Bart vs Australia</i>	Austrália	6 <sup>a</sup> / 119 / 1995
<i>The trouble with trillions</i>	Cuba	9 <sup>a</sup> / 198 / 1998
<i>Havana Wild Weekend</i>		28 <sup>a</sup> / 603 / 2016
<i>Thirty minutes over Tokyo</i>	Japão	10 <sup>a</sup> / 226 / 1999
<i>Simpson Safari</i>	África	12 <sup>a</sup> / 265 / 2001
<i>The Bart wants what it wants</i>	Canadá	13 <sup>a</sup> / 280 / 2002
<i>Midnight Rx</i>		16 <sup>a</sup> / 341 / 2005
<i>The Regina Monologues</i>	Inglaterra	15 <sup>a</sup> / 317 / 2003
<i>Blame it on Lisa</i>	Brasil	13 <sup>a</sup> / 284 / 2002
<i>You Don't Have to Live Like a Referee</i>		25 <sup>a</sup> / 546 / 2014
<i>Goo Goo Gai Pan</i>	China	16 <sup>a</sup> / 347 / 2005
<i>The italian Bob</i>	Itália	17 <sup>a</sup> / 364 / 2005
<i>In the name of the grandfather</i>	Irlanda	20 <sup>a</sup> / 434 / 2009
<i>The Greatest Story Ever D'ohed</i>	Israel	21 <sup>a</sup> / 457 / 2010

Fonte: O autor, 2019.

Assim essas repetições, esses excessos, essas simplificações, essas imitações grotescas, essas singularidades, esses estereótipos, esses pontos turísticos veiculados a partir das zonas de contato entre os personagens centrais e os outros, esses símbolos espaciais e não espaciais que juntos propõem enredos para todas as viagens (nacionais e internacionais) do seriado devem ser

estudados de maneira mais profunda. No caso aqui os escolhidos foram: Brasil (episódio *Blame it on Lisa*), sobre a África (episódio *Simpson Safari*) e sobre a China (episódio *Goo goo gai pan*).

### 3 O PLANEJAMENTO, A UTILIZAÇÃO E A DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS ESCOLHIDOS

As formas de utilizar as imagens audiovisuais com perspectivas geográficas em sala de aula são diversificadas. De acordo com Santos (2015) a primeira maneira e mais recorrente é o uso *ilustrativo*, por exemplo, a projeção do filme de Charles Chaplin *Tempos Modernos* (1936) para explicar a Revolução Industrial e o modelo fordista de produção, sendo que Campos (2006) e Rodrigues et all (2012) fizeram um trabalho de seleção de filmes para serem utilizados na sala de aula de acordo com conteúdos curriculares. Uma segunda forma de utilização de cunho *problematizante* dos filmes, ou seja, a busca por um problema claro e objetivo dentro da película. Por exemplo, como Santos (2015) aborda trabalhando violência urbana com o filme *Cidade de Deus*. E uma terceira forma seria a percepção geográfica através da *representação*, ou seja, a reprodução da “realidade” a partir das imagens sequenciadas arbitrariamente escolhidas pelo diretor/roteirista/produtor.

Esses três caminhos possuem limitações. O *ilustrativo* é limitado quando foca apenas em um determinado tema, não permitindo que o aluno forme outros significados a partir das imagens. O *problemático* também projeta os significados e informações previamente construídas pelo professor, que se utiliza de conceitos e conteúdos programáticos e científicos presentes no filme. Por fim, o *representativo* também apresenta limitações ao usar os filmes como cópia do real. Percebe-se, então a dificuldade de conduzir a produção audiovisual a se tornar uma parte de uma prática pedagógica.

Acredito em um caminho que interrelaciona os três exemplos e traz de novidade uma maior participação dos e das estudantes. Nos três episódios o uso ilustrativo apresenta-se sendo parte das explicações sobre os países e seus temas ligados a Geografia Escolar, como exemplo ditador Mao Tsé Tung no episódio sobre a China ou a Savana africana presente em *Simpson Safari*; o uso problemático aparece na discussão sobre estereótipos e alteridade, conceitos das Ciências Humanas debatidos em sala de aula à partir do seriado e o representativo, com o professor direcionando a análise e a discussão com os alunos e as alunas para os problemas e as situações surgidas com base no argumento, no roteiro, nos personagens geográficos, nos valores morais e ideológicos que constituem a narrativa da obra. Neste caso, mesmo quando está articulado a um conteúdo curricular ou a um tema específico, é o episódio que vai delimitar a abordagem e levar para possíveis outras questões.

Como venho escrevendo e concentrando a pesquisa, a atenção maior está nas representações simbólicas dos três episódios, somadas as interpretações anteriores e posteriores dos alunos e alunas. Apresentando como bases teóricas mais complexas e abrangentes para os episódios, o texto de David L. G. Arnold “‘E o resto se escreve sozinho’: Roland Barthes assiste a Os Simpsons”, publicado no livro “Os Simpsons e a Filosofia” (2001) indica que na estonteante e rápida série de mensagens busque-se a análise semiótica, em outros termos, estudos dos significantes e significados, do denotativo e do conotativo e Hopkins (2009) acrescenta que estudos sobre cinema, semiótica e geografia partilham uma conexão visual e apresenta a interpretação de filmes através de paisagens semióticas. Assim as interpretações dos três episódios da série televisiva seguem essas ideias.

É importante lembrar que o uso de material didático visual por si só não é suficiente para melhorar o pensamento visual. Ver não significa perceber; percepção precisa de trabalho específico. Para o estudo de regiões do mundo através de filmes, o primeiro passo era passar da observação inicial desses locais por alunos para um ambiente geográfico mais estruturado, no caso sobre o Brasil, a China e a África. Possivelmente todas as pessoas tem um mapa mental pessoal do mundo, mas nem todos têm um conhecimento geográfico do mundo e observo que "ele / ela quando atentamente observa o mundo ao seu redor está de alguma maneira sendo um geógrafo”(LOWENTHAL, 1961, p. 242). O objetivo primário de um professor de Geografia é, portanto, encontrar uma maneira de transformar as visões e experiências pessoais de alunos e alunas (muitas vezes superficial e acrítica) em observações atentas, criando um ambiente mais proeminente através de um método ativo e participativo, tornando seus olhares geográficos.

Para conseguir centralizar a prática pedagógica nos episódios de forma planejada e bem executada, volto em algumas pontuações trazidas por Napolitano (2003):

- a) Possibilidade técnicas e organizativas: com tempos de aula que variam entre 45 e 50 minutos em cada turma torna-se possível veicular o episódio, que possui em torno de 20 minutos, por completo e não o fazendo em partes, como normalmente acontece com os filmes, além de abrir espaço para o debate antes e depois e responder às perguntas. As escolas (particulares) trabalhadas possuem acesso à internet e projetores em todas as salas. E estes episódios são encontrados *on line* ou através de download, podendo ser dublados, legendados em português ou em inglês. Também é possível ter acesso comprando os DVDs *The Simpsons: Around the World in 80 D'ohs* e/ou os *boxs* com as temporadas dos respectivos episódios;

- b) Conteúdo curricular: A Geografia na aprovada Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tem como um dos objetivos a tomada de consciência do Eu, do Outro e do Nós através dos três episódios e relacionando ao conteúdo programático do Ensino Médio a Geografia Regional do Mundo (China e África), somado a introdução sobre a construção e percepção do espaço geográfico brasileiro (episódio sobre o Brasil);
- c) Habilidades e competências: Observação da Geografia Imaginativa dos estudantes e treinamento do olhar (geográfico) nas interpretações das representações audiovisuais;
- d) Conceitos: Discussões sobre alteridade, estereótipo, símbolos, preconceitos, intertextualidade, pontos turísticos, cartões-postais, imagem.

Como o seriado é um produto televisivo estadunidense (apesar de existir um filme com os personagens) de alcance global, acredito ser importante complementar na justificativa e no planejamento para a escolha dos episódios a partir de seis questionamentos de Duarte (2013) para um programa de televisão como roteiro de estudo.

Pergunta número um: Que tipo de programa é esse? É uma definição complexa (e já debatida) para *The Simpsons*, contudo podemos colocar como uma ficção, um programa de humor, um *sitcom*, um desenho animado e para alguns um show.

Pergunta número dois: Quais objetivos desse artefato? Quais são suas estratégias de veiculação? A quem “se endereça”? Também respondida anteriormente, é um produto da indústria cultural de Hollywood e ao mesmo tempo crítico da sociedade – e consequentemente da indústria cultural –, globalizado, aceito em diferentes faixas etárias, possui site oficial<sup>31</sup>, *Instagram*, *Twitter*, *Facebook*, *Wikisimpsons*. No Brasil, é transmitido por canais abertos e por assinatura, além de ser encontrado com fartura na internet.

Pergunta número três: Qual estrutura básica do programa? Como dito antes, os episódios variam entre 20 e 22 minutos, com algumas exceções como os especiais de Natal e, principalmente, os de *Halloween* (normalmente os picos de audiência do programa). Na televisão, fruto dos comerciais e do enquadramento da grade horárias, tem duração de 30 minutos, divididos, normalmente, em três blocos. Possui uma linearidade entre introdução, desenvolvimento e conclusão, normalmente com *Happy End* e uma mensagem final. Múltiplos são os pontos altos do programa, devido à diversidade de referências, pois com pouquíssimos

---

<sup>31</sup> Interessante notar que devido a região (América do Sul) na qual moramos, o acesso ao site oficial não é permitido. Disponível em: <<http://www.simpsonsworld.com/region-simpsons>>. Acesso em: 01 dez. 2018

desvios do padrão, a trama começa e termina no mesmo episódio não havendo continuação como normalmente acontece em outros seriados de televisão.

Pergunta número quatro: Afinal, de que se trata esse programa? Quem fala e de que lugar? O seriado (novamente) em formato de desenho animado possui uma extensa lista de temas, possuindo mais de seis centenas de episódios, em grande parte das vezes centralizada em um dos cinco personagens estadunidenses típicos do meio-oeste (*Middle west*), estereotipados, heterogêneos, que expõem o *American way of life* e ao mesmo tempo o criticam. Outros personagens com as mesmas características dos cinco principais criados por Matt Groening também possuem participações numerosas e importantes na série, além de participações especiais como ídolos do esporte, estrelas de Hollywood, bandas famosas e até políticos.

Pergunta número cinco: Com que linguagens se faz esse produto? O *sitcom* estadunidense que usa e abusa de linguagens paródicas, estereotipadas, intertextuais, debatendo questões atuais e fazendo críticas sociais, produzido atualmente por uma equipe ampla e qualificada de produtores. Novamente por ser um desenho animado, possui como destaques atitudes e falas com tom de comédia/humor dos personagens, porém sem deixar de ressaltar outros símbolos criados e recriados nos episódios através da sonorização e da espacialização. Possui uma amostragem global (apesar de censuras), pois feito em inglês, possui tradução em diversos países, além de possíveis legendas e vem se adaptando as transformações sociais, como exemplo o aumento da velocidade na veiculação das imagens, o uso de celulares pelos personagens.

Pergunta número seis: Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias ou temáticas de interesse para a educação? Muitas são as relações entre o seriado e problemas, teorias, dilemas, inovações ou temáticas de interesse da educação. Primeiramente dois dos personagens possuem idade escolar, por isso o espaço da escola é frequentemente veiculado e se colocam casos relacionados ao cotidiano de estudantes, professores, diretores e funcionários. Na Geografia Escolar, as viagens feitas (escolhidas para este trabalho e também as outras listadas acima) pelos personagens em diferentes episódios podem abrir debates sobre a construção do espaço geográfico mundial (Geografia Regional) a partir da percepção dos norte-americanos, que muitas vezes se identifica com a concepção dos alunos e das alunas. Acrescenta-se a inserção dos conceitos-chaves das Ciências Humanas (estereótipo e alteridade), além de outros como os personagens geográficos para melhor interpretar essas imagens.

Assim, utilizando e sendo guiado por esses questionamentos e apontamentos feito Napolitano (2003) e Duarte (2013), mais os conceitos apontados no capítulo um dessa dissertação faço a escolha e analiso o seriado *The Simpsons* e os três episódios.

### 3.1 Os episódios escolhidos

O cruzamento entre os estereótipos projetados sobre os países visitados e os modos com que um estadunidense (também estereotipado) se povoa desses signos, com as surpresas que desestruturam as expectativas levadas na bagagem, são os que regem as ironias dos episódios. Os ícones imagéticos dos países visitados são agrupados no mesmo ritmo *nonsense* com que a família atravessa a espacialidade dentro dos EUA e de sua cidade: são embaralhados e reconfigurados num jogo de erros em que nada do país imaginado resta ao turista ao final de sua jornada. *The Simpsons* brinca com o próprio fazer turístico, esse lugar turista, que descobre espaços munidos de guias, em busca do exótico, do único. Os turistas, no caso os personagens do seriado, têm como premissa central a procura por uma realidade nova em tudo aquilo que ela conjuga como reafirmação de si mesmos.

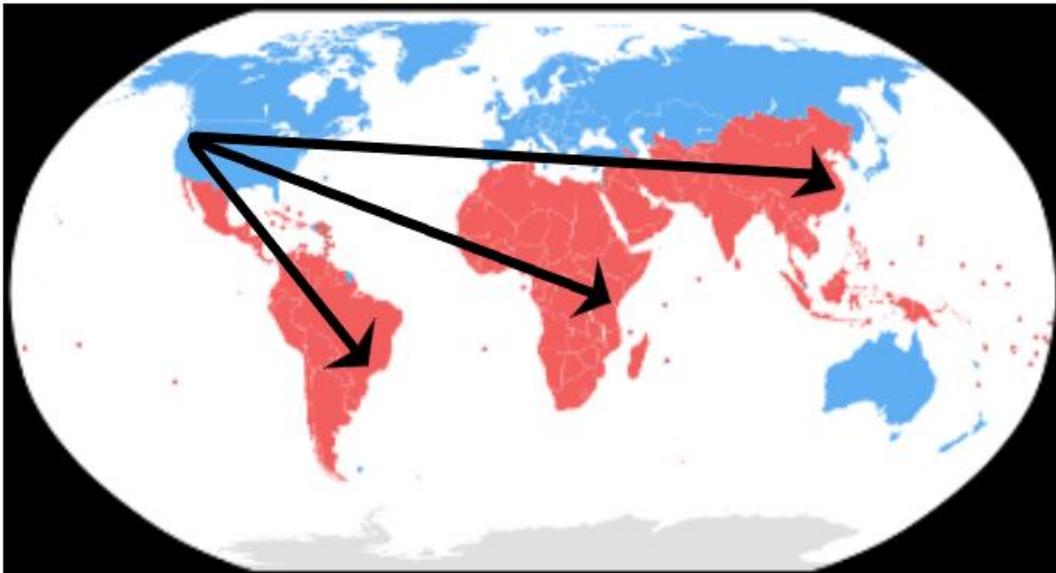
Essa ironia entre o discurso opaco-pronto do olhar turístico e a dinâmica viva dos espaços encontrados é que forma a dinâmica com que o programa vê a própria prática da descoberta do lugar do outro. Não há a pretensão de se desfazer/fugir dos estereótipos/clichês em função de uma suposta autenticidade representativa. A família brinca justamente de abrir fissuras sobre o modo como os preparativos e motivos turísticos de uma viagem se esforçam para pré-estabelecer a identidade de uma determinada paisagem geográfica e atravessam os signos locais com sua própria carga de clichês, estereótipos, intertextualidades numa paródia em curto-circuito onde o lugar da família que viaja perde seu solo seguro.

Como o conhecimento de uma cidade, região e/ou país varia muito de uma pessoa para outra no nível de grande abstração, a imensa complexidade de uma cidade normalmente pode ser resumida ao próprio nome, como no caso de Roma (seria o caso da África?), ou um monumento (seria o Cristo Redentor?), ou a silhueta como ocorre com o famoso *skyline* de Nova York (seria a Muralha da China?), ou ao lema ou ao cognome, como Cidade Luz (seria a Cidade Maravilhosa?). No nível de respostas específicas estão às numerosas imagens e atitudes que a pessoa adquire de seu meio geográfico próximo no curso da sua vida diária.

Os países visitados pelos personagens são condensados nestas imagens emblemáticas através das quais a montagem edifica uma síntese enganadora de sua vastidão geográfica. As particularidades, as distâncias e as fronteiras são modificadas graças a essa geografia criativa ou imaginária e se estabelece um território ficcional sem nenhum compromisso com as reais dimensões e qualificações da paisagem.

Tal olhar sobrevoa as distintas geografias culturais e recolhe delas modelos de representação na indústria audiovisual. As sequencias explicitam o mecanismo de super-criação de um país, pelo acúmulo elevado de sugestões já catalogadas pertencentes ao repertório hipotético de um cidadão em contato com a mídia internacional (televisão, jornal, publicidade, cinema, cartões-postais, revistas, redes sociais).

Mapa 2 - As três viagens selecionadas (Brasil, África e China) com cores dividindo o Mundo em “Norte-Sul”



Fonte: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/regionalizacao-norte-sul.htm>> com adaptações do autor, 2019.

Importante, seguindo uma das formas de regionalização com viés socioeconômico do mundo atualmente, perceber que as três viagens escolhidas e utilizadas no trabalho foram para países/regiões subdesenvolvidas/em desenvolvimento (no mapa acima estão representados em vermelho com as setas chegando) e em todas apareceu pelo menos um personagem local nomeado: o menino órfão “Ronaldo” no Brasil, a funcionária do Estado “Shi” na China e o guia turístico, depois presidente, “Kitenge” na África.

A partir disso, apresento e reafirmo que pela complexidade dos textos do seriado, busco fazer aqui apontamentos de símbolos identificados como espectador/professor/pesquisador.

Percepção incompleta, com toda a certeza, porém buscando o máximo de intertextualidades possíveis.

### 3.1.1 Brasil

Por ser o país de origem do idealizador da pesquisa, inúmeros são os livros acessíveis (em português) que mostram estudos sobre identidade, cultura, paisagem, símbolo. Como não é o objetivo debater essa formação identitária/cultural, e sim esmiuçar as imagens do episódio, limito o debate com poucas referências bibliográficas mais voltadas para esse eixo proposto. Outra vez Amancio (2000, p. 24) agora citando o pesquisador francês Pierre Guibbert (apud GUIBBERT, 1988) mostra que o Brasil no cinema internacional possui um repertório de país selvagem, para os ocidentais (aqui reafirmo a ideia de ocidente formado por europeus e neoeuropeus), com sete traços distintos marcantes:

- a) Ausência de uma história contemporânea, que coloque no mesmo nível das nações modernas;
- b) Geografia maravilhosa;
- c) Pobreza endêmica, assumida com fatalidade ou indiferença;
- d) Crueldade arcaica dos costumes;
- e) Brutalidade sem freio dos homens e ardor sensual das mulheres;
- f) Pitoresco decorativo dos costumes e das danças;
- g) Religiosidade primitiva.

Continuando no autor do livro (Amancio, p. 13, 2000) sobre percepções sobre o Brasil no cinema ocidental, afirma uma inegável predominância da imagem da cidade do Rio de Janeiro na representação urbana do Brasil pelo cinema estrangeiro de ficção. Constitui certo imaginário de um pequeno número de imagens folclóricas, assim como em outros países, com simplificações de algumas dinâmicas populares como o carnaval, as cerimônias afro-brasileiras e o futebol, além de certos ícones paisagísticos (o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar sendo os mais difundidos) que o cinema vai manipular como expressão globalizante do país, através de seus processos de seleção e recorte.

Música, sensualidade, índios, café, papagaio, trópicos, bananas, ritmos exóticos, amantes morenos e mulheres sensuais são alguns dos símbolos do Brasil no cinema estrangeiro

de acordo com autor do livro sobre o Brasil dos gringos nos filmes. E os episódios se encorpam em muitas dessas tendências. No primeiro episódio espacializado no país, produzido e transmitido pela primeira vez nos Estados Unidos em 31 de março de 2002 e veiculado em cinco turmas no ano de 2018 em inglês (com legendas em português), de nome *Blame it on Lisa*, diversas referências anteriormente citadas neste trabalho são reapresentadas, dando contexto e criando temáticas intertextuais para o capítulo. A primeira delas já aparece no título, uma alusão ao filme *Blame it on Rio* (1984). O episódio é traduzido no Brasil para “Feitiço de Lisa” e o filme como “Feitiço do Rio”, descrito com

Feitiço do Rio trabalha com uma visão estereotipada da sociedade carioca, na medida em que nega a historicidade da representação, em que acumula imagens desprovidas de contato com as práticas sociais concretas (as religiões afro-brasileiras, o lazer praiano) e na medida em que recorre a um fabulário maravilhoso sobre a liberdade dos costumes (a nudez, a promiscuidade sexual). Este é o feitiço do Rio: um conjunto de belas paisagens e um mundo hipersexualizado a ser consumido com voracidade (AMANCIO, 2000, p. 161).

Com as atuações dos personagens geográficos, as primeiras referências surgem em uma conversa da família (antes da viagem). Inicialmente na fala do personagem Homer quando afirma “eles acordaram um gigante adormecido”, referindo no contexto do episódio a resolução do desligamento da linha telefônica, mas que pode estar relacionada a menção histórica similar presente no hino nacional “Deitado eternamente em berço esplêndido” e que ressurgiu nos movimentos populares de junho de dois mil e treze como “O gigante acordou”. No andamento da trama, que tem uma introdução relacionada essa polêmica sobre um problema na conta de telefone na casa da família, Lisa diz ter “apadrinhado um garoto órfão no Brasil” (resposta para conta ter sido elevada) e Homer responde “Você não sabe que os meninos do Brasil são como pequenos Hitlers? Eu vi isso em um filme cujo nome eu não consigo lembrar!”

Figura 11 - Referências do Brasil nas falas das personagens Lisa e Homer Simpson (Legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*<sup>32</sup>

Nesse exemplo fica muito clara a intertextualidade do seriado, porém o filme não lembrado é também pouco conhecido no Brasil. O nome “*The boys from Brazil*”, no país traduzido para “Os meninos do Brasil” produzido, em 1979, por britânicos e estadunidenses, novamente um exemplo de descrição do país pelo mundo ocidental e suas perspectivas socioespaciais.

A partir dessas impressões, o episódio mostra as suas primeiras imagens espacializadas no país e motivo pelo qual a viagem ocorre. A gravação em fita Video Home System, ou VHS (elemento simbólico ligado a tecnologia que a maioria dos alunos não reconhece atualmente e que pode ser comentado) do menino “Ronaldo” apadrinhado por Lisa, em uma suposta favela falando e reafirmando determinados estereótipos brasileiros “oi, Lisa. Obrigado pela sua doação. Por causa da sua generosidade, eu comprei sapatos resistentes que vão durar por mil sambas. E com que sobrou, o orfanato conseguiu comprar uma porta. Agora os macacos não conseguem mais me morder,” correndo para o orfanato depois da tentativa de ataque dos animais citados.

<sup>32</sup> Disponível em: < <http://pixa.club/en/the-simpsons/season-13/epizod-15-blame-it-on-lisa> > Acessado em 01 dez. 2018

Figura 12 - Sequência de imagens em que aparece pela primeira vez no episódio o Brasil através do menino órfão Ronaldo e os macacos, com casas mal acabadas ao fundo (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

O motivo de a visita ter sido apresentada à partir de um órfão brasileiro desaparecido não foi muito bem aceito. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), a Rede Globo e a Riotur se incomodaram. Enquanto o ex-secretário de turismo do Rio de Janeiro José Eduardo Guinle foi além, ameaçando entrar na justiça contra os autores e em entrevista disse: “não posso admitir que a imagem da cidade seja denegrada dessa forma. E usar órfãos para fazer sátira é no mínimo deslegante<sup>33</sup>”.

Ainda sobre a polêmica, o antigo funcionário da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro continua “esse desenho está retomando de forma agressiva algo que já estava esquecido há muito tempo. Na década de 50, acreditava-se que havia jacaré na Avenida Atlântica (Copacabana)”. Em contrapartida, Diogo Mainardi, ex-colunista da Revista Veja afirma não há nada pior para a imagem do Rio de Janeiro do que governantes incapazes de perceber o ridículo de processar um desenho animado<sup>34</sup>. Ampliando mais a discussão, é interessante apontar que

<sup>33</sup> Mais opiniões e detalhes no sítio do Jornal Digital “Estadão de São Paulo”. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,episodio-dos-simpsons-nom-brasil-divide-opinioes,20020407p52514>. Acessado em 10 ago. 2018.

<sup>34</sup> Artigo completo disponível em: <https://supertextos.wordpress.com/2011/12/23/viva-o-rio-dos-simpsons/>. Acessado em 10 ago. 2018

o episódio sobre o Brasil não foi o único a criar desconforto. Outro exemplo similar (e mais radical) ocorreu no Japão, em que houve o banimento do episódio *Thirty minutes over Tokyo* sobre o país.

Antes da ida para o Brasil, os discursos e interesses dos personagens geográficos soam distintos. Lisa, Marge e Bart apresentam mais de suas construções e observações iniciais sobre o Brasil. Primeiro a filha afirma, depois da pergunta do pai que existiam “cento e cinquenta e seis milhões de habitantes”, depois o filho afirma que “quer conhecer os macacos” e por fim a mãe questiona a viagem afirmando “eu não sei. É muito caro voar para o Brasil” (será por isso que o número de turistas no país é pequeno quando comparados a outros países?). Apesar dos percalços, Homer afirma com uma das marcas das viagens da família: “*The Simpsons are going to...*”, no caso o Brasil.

Continuando com a diversidade de situações que foram inseridas e representadas por esses personagens heterogêneos, durante a viagem de avião Lisa, lendo um guia chamado “*Who wants to be a brazilionaire*”, recomenda “só beba água engarrafada, não entre em um táxi não licenciado e, lembrem-se, eles estão no inverno durante o nosso verão”. Seguindo apenas com essa afirmação sobre a diferença de estações do ano, Homer afirma “então, é terra do oposto! Bandidos perseguem policiais, gatos tem filhotes”. Lisa corrige afirmando que é apenas relacionado ao clima, e novamente o pai reitera “então, neves quentes caem?” E sem muita paciência e fechando a conversa a filha afirma que “sim”.

Figura 13 - Viagem ao Brasil na companhia “AeroBrasil” e conversa entre Lisa e Homer Simpson (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*.

Nessa conversa curta, com recomendações sobre o comportamento no Brasil e parte da diferença de luminosidade ao longo do ano, surgem excelentes oportunidades para introduzir questionamentos após a transmissão e trabalhar isso ao longo do ano letivo. Primeiro sobre o ano em que o episódio foi veiculado/produzido (2002), questionando a hipótese se seriam ou não os mesmos conselhos comportamentais se o episódio fosse produzido em dois mil e dezoito (ano da dissertação e das respostas dos alunos e das alunas). Já o debate sobre as estações no ano, seriam capazes os alunos e alunas explicarem de modo correto o motivo dessa diferença citada pela personagem (tema da Geografia escolar), fugindo das loucuras do pai.

Ainda na aeronave, Bart, após ouvir algumas fitas “*español para dummies*”, em tradução livre “espanhol para bobos”, no walkman (novamente um símbolo tecnológico temporalmente distante da vida dos atuais jovens) afirma que “agora estou pronto, Brasil. Eu sei falar espanhol fluente” (confusão muito comum). E a mãe o parabeniza e corrige dizendo “muito bem, Bart! Mas no Brasil se fala português.”

Figura 14 - Diálogo entre Bart e Marge Simpson no avião antes da chegada (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

O piloto antes do pouso fala “a temperatura local no Rio de Janeiro é quente, quente, com cem por cento de chance de paixão!” Essa caricatura/nomenclatura de Cidade da paixão, onde tudo acontece devido aos personagens latinos serem sensuais aparece em diversos outros filmes ocidentais, como no citado “Feitiço do Rio” e é parte do exotismo do país com suas danças, mulheres e costumes sensuais. Com a aterrissagem ocorrida no “Aeroporto International de Galeão” (referência ao RIOgaleão – Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Rio de Janeiro), o primeiro símbolo espacial/cultural/religioso visto pela família em terras brasileiras é o Cristo Redentor. Na conversa, Lisa pede atenção dizendo “olhe! Essa é a grande estátua do Cristo no Corcovado” e Homer responde “oh! É como se ele estivesse no painel de controle de todo o país”. Esse monumento, para muitos, é considerado como a imagem-síntese do país.

Figura 15 - Sequencia da chegada dos personagens apresentando o “Aeroporto Internacional de Galeão” e o Cristo Redentor em primeiro plano e plano de fundo (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Nessa passagem, a intertextualidade e o símbolo aparece com clarividência, quando a talvez a mais conhecida imagem do país para o mundo, presente em muitas obras visuais e aparece simbolicamente. Sobre este, segundo o site oficial, descreve de maneira sucinta:

Localizado no alto do Morro do Corcovado, no Parque Nacional da Tijuca, o monumento é a imagem brasileira mais conhecida no mundo. Todos os anos, mais de 600 mil pessoas são levadas ao Cristo Redentor pela centenária Estrada de Ferro do Corcovado, o passeio turístico mais antigo do país.<sup>35</sup>

No artigo de título “Simbólicas Datas”, João Batista Ferreira de Mello (2010) uma breve história sobre o Cristo Redentor. A gigantesca estátua, que está impregnada de significado político e religioso e em sete de julho de 2007 passou a ser considerada uma das Sete Novas Maravilhas do Mundo, começa com uma sugestão do padre Boss à Princesa Isabel, contudo com a separação do Estado/igreja proposta pela proclamação da República em 1889, só foi ser autorizada sua construção pelo presidente Artur Bernardes, em 1922.

O arquiteto francês Paul Landowski fez o consagrado projeto, sendo que a construção ficou a cargo do engenheiro brasileiro Heitor da Silva Costa e sua inauguração, durante o governo de presidente Getúlio Vargas, “ocorreu em doze de outubro de 1931, dia comemorativo da chegada dos europeus ao Novo Mundo. Mais do que isso, dia da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, cujo nicho encontra-se na base do monumento” (MELLO, 2010, p.8)

<sup>35</sup> Disponível em: < <http://www.tremdocorcovado.rio/historia.html> >. Acesso em: 01 dez. 2018

Para chegar até o hotel chamado “*Rio days-inn-ro*”, um trocadilho com o nome do município com a cadeia de hotéis com sede nos Estados Unidos “*Days Inn*” a mãe se informa no livro trazido por Lisa que “podemos chegar a qualquer lugar pegando a fila de conga” e o pai, já na fila para cidade, afirma “estou mais adiantado, Marge”.

Figura 16 - Sequencia com a fala de Marge Simpson sobre a fila de Conga e a atuação de Homer (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Figura 17 - Hospedagem da família na cidade (*Rio Days-inn-ero*)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

A conga, ritmo musical nascido nas ruas de Cuba, é pouquíssimo praticado por brasileiros atualmente, contudo podemos citar o sucesso cantora Gretchen na década de 1980 com a música “Conga, Conga, Conga”, que também lança outras versões em inglês no qual atendem mais ao público internacional. Tunico Amancio identifica que nos filmes ocidentais o “repertório musical acaba sendo uma síntese dos ‘apimentados’ ritmos latinos” (AMANCIO, 2000, p.95), ficando muito claro nessa primeira menção, como também mais a frente com outras referências musicais.

Após a chegada ao local de estadia, os personagens geográficos passam a ter momentos separados e em conjunto, lembrando que a ida ao Brasil tinha como objetivo principal a procura pelo órfão desaparecido. Os períodos em conjunto acontecem no hotel, no qual no saguão aparecem à referência da comemoração de um gol de futebol e o livro trazido por Homer “*How to loot Brazil*”, em tradução livre “Como saquear o Brasil”.

Figura 18 - Sequencia de imagens no saguão do hotel com referências sobre futebol e o livro fictício *How to loot Brazil*



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

O futebol é o esporte mais popular no país, identificado em muitos estudos como parte da identidade nacional, como também se faz presente no imaginário e noticiário sobre o Brasil no mundo. Neste episódio com apenas essas referências, ou seja, nada simbolicamente especializado em um estádio, se mostra muito diferente do segundo episódio feito com base em terras brasileiras (abordagem completa mais à frente). Contudo o livro, com uma busca incessante de informações, não se apresenta uma referência intertextual, apenas mais uma criação do seriado que pode possivelmente ter dado nome a um banda musical criada em 2006.

No quarto do hotel, antes da saída pela cidade, símbolos culturais e espaciais aparecem. O primeiro é a apresentadora loira parodiando as conhecidas artistas da televisão brasileira nas décadas de 1980 e 1990. Assistida inicialmente por Bart, a mãe questiona qual programa está sendo assistido por ele, que responde “*Kids Show*” e Marge afirma “Ênio e Beto ficaram na imaginação”, se referindo aos personagens de outro programa infantil (Vila Sésamo) mais educativo.

Figura 19 - Sequencia com Bart assistindo ao programa infantil (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Essa referência surge com uma mistura de personalidades reais de programas para crianças como Eliana, Xuxa (a mais famosa) e Angélica (todas loiras) com o que indica Guibbert (1988) como um dos sete traços da imagem brasileira no cinema ocidental “o ardor

sensual das mulheres”. Cria-se a personagem fictícia Xoxchitla, apresentadora do programa *Teleboobies*, alusão ao programa infantil *Teletubbies* com uma referência sexual, em tradução livre “tele peitos”.

Na sequência, a artista Carmem Miranda é lembrada quando Homer e Bart parodiando uma das músicas de sucesso, composta pela letra (tradução livre) “Eu sou Chiquita Banana e estou aqui para dizer, eu vou comer esse toberone e não vou pagar”. Luso-brasileira, símbolo cultural muito divulgado pelos americanos durante as décadas de 1930 e 1940. De acordo com Amancio foi Carmem Miranda o mais excêntrico ícone relacionado ao Brasil atuando em quatorze filmes hollywoodiano e sendo considerada a “musa da Política de Boa Vizinhança” (AMANCIO, 2000, p.93).

Figura 20 - Referência a Carmem Miranda e paródia de sua música feita por Homer e Bart Simpson (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Na janela do cômodo, a personagem Lisa abre as cortinas e com vista para a Baía de Guanabara, o Pão de Açúcar e o seu bondinho (também a possível imagem-síntese), simulacros espaciais em suas primeiras aparições, enquanto afirma “gente, enquanto vocês ficam cantando e dançando, em algum lugar por aí o Ronaldo está esperando ser encontrado”.

Figura 21 - Lisa Simpson com o Pão de Açúcar ao fundo (Legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

O geógrafo humanista Mello (2012), em artigo para o Jornal “O Dia”, no ano de comemoração dos cem anos da inauguração do Bondinho produz um breve texto em homenagem ao símbolo natural e sua ocupação

Assistiu a controles e poderes indígenas e à invasão francesa; aos seus pés, à fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1º de março de 1565. O nome do morro, objeto de polêmica, se deve a um recipiente cônico no qual era acondicionado o açúcar amplamente produzido no Rio agrícola de então, com vistas ao mercado exterior, podendo ser, também, uma sonoridade que, em língua indígena, lembra Pão de Açúcar (MELLO, 2012, p.1).

Já a idéia da construção do bondinho do Pão de Açúcar, continuando em Mello (2012) remonta na idéia no ano de 1908, quando o engenheiro Augusto Ferreira Ramos, em meio às comemorações do Centenário de Abertura dos Portos às Nações Amigas, conseguiu o sinal verde do prefeito Serzedelo Corrêa, ficando pronto em 1912.

Saindo do hotel, o primeiro local de visitação da família completa foi à favela. Devido à coloração apresentada, a conversa da família começa com a percepção de Marge “Que bairro mais charmoso”. Lisa, com conhecimento prévio discorda dizendo “mãe. São favelas. O governo pintou de cores alegres para não ofender os turistas”, treplicando a mãe afirmando “funcionou comigo” e fechando com as falas de Bart “é. Olha os ratos!” e Homer “parecem *Skittles*”.

Figura 22 - Sequencia de imagens da visita da família *Simpson* à favela carioca



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

De acordo com Bianca Freire-Medeiros em seu livro “O Rio de Janeiro que Hollywood inventou” (2005) foi no filme “Kickboxer 3”, que aparecem pela primeira vez às favelas nas imagens sequenciadas produzidas em Hollywood. Importante frisar que espaços e paisagens das favelas já eram veiculados em filmes nacionais como *Rio 40 graus*” (1955) <sup>36</sup> e internacionais como “*Orfeu negro*” (1959).

As favelas, tema recorrente em estudos das Ciências Humanas ao longo do século XX e que tiveram pesquisas voltadas para questões dos processos de formação histórica, da violência, do tráfico de drogas, da desigualdade social, da segregação socioespacial, no século XXI também vem aparecendo em outras temáticas como, por exemplo, no artigo “A Construção da Favela Carioca como Destino Turístico” (FREIRE-MEDEIROS, 2006). Pontos turísticos e

<sup>36</sup> Sobre o cinema brasileiro e a representação das favelas, o artigo proposto por LEITE, Márcia da S. Pereira. Vozes e imagens do morro: as favelas cariocas no cinema brasileiro. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2000, p.49-67.

cada vez mais símbolos do país e da cidade do Rio de Janeiro estão localizados nessas regiões de classe social mais baixa e segundo a autora, o processo de construção desse tipo de destino turístico acontece devido à expansão dos chamados “*reality tours*” e ao fenômeno de consumo da imagem da favela como “*trademark*” onde se associa a preservação de uma cultura local inserida em um território violento.

Nesse mesmo ano da publicação do artigo, a Favela da Rocinha (maior favela do Brasil) tornou-se ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro, a partir do projeto de Lei nº 779/2006 elaborada pela vereadora Liliam Sá, do PL (Partido Liberal), e aprovada pelo prefeito César Maia, em setembro do mesmo ano. Importante ressaltar que essas atividades turísticas na Rocinha e favelas (principalmente da Zona Sul da cidade) sofrem impactos momentâneos justamente por serem territórios disputados por diferentes atores e às vezes, de fato, extremamente violentos.

A influência do cinema nacional recente, em particular a partir dos filmes “Cidade de Deus”, de Fernando Meireles e a sequência “Tropa de Elite” e “Tropa de Elite 2”, de José Padilha, que provocam e aguçam o imaginário de uma realidade ao mesmo tempo perigosa e atraente com abrangência e veiculação internacional. No caso do episódio do seriado *The Simpsons*, o objetivo da ida a favela é procurar pelo órfão Ronaldo. Nesse momento aparecem as criações de toponímias com referências a simulacros brasileiros. Na “Rua Papaia” número 123 é localizado o “*Family Angels Orphanage*”, também referido como “Orfanato dos Anjos Imundos”. E nessa localização encontra-se outro símbolo, agora religioso: a freira, intertextualizando a importância da religião católica na formação de uma identidade brasileira, essa imposta pelo colonizador português e suas tradições.

Figura 23 - Endereço e o “Orfanato dos Anjos Imundos” (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Figura 24 - Freira e o símbolo religioso (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

A churrascaria referida no plural com o nome “churrascarias” é um símbolo da culinária muito frequentado por turistas quando vem ao Brasil, vide o exemplo da família amarela nos dois episódios que visitam o país, como também exemplo de típico restaurante brasileiro em outras regiões do mundo. E na mesa de refeição dos personagens, aparece um mapa da cidade (fragmentado e delineado pelos autores do episódio). A personagem Lisa fala “neste mapa, marquei todos os lugares que o Ronaldo gostava de visitar. Se nos separarmos, podemos procurar em todos”. Essa representação não possui preocupação com a realidade do espaço da cidade, nem com os padrões cartográficos, porém percebe-se uma possível construção do centro (Aeroporto Santos Dumont e o Píer Mauá), como parte da Zona Sul e o recorte litorâneo em azul.

Figura 25 - Sequencia de imagens na “Churrascarias” com a representação cartográfica da cidade (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*.

Com essa separação da família para procura o menino brasileiro, os personagens masculinos chegam a mais um ponto turístico presente em diversos cartões postais: a praia de Copacabana. O filho caracteriza como “o coração e a alma do Rio”. Nesse fragmento, uma mistura complexa de referências aparece e deve ser interpretado de maneira muito atenta. Começa com a chegada dos personagens em um símbolo turístico espacial anunciado pelo Bart com a fala e a vista panorâmica da praia no bairro, com o Bondinho ao fundo.

Figura 26 - Homer e Bart Simpson avistando a praia de Copacabana (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

O professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro MELLO (2010) sobre os símbolos do município do Rio de Janeiro, também conhecida como Cidade Maravilhosa, escreve sobre o famoso bairro da Zona Sul da cidade Maravilhosa

Na cadência de ritmos e tempos com familiaridade e intenso pulsar, o cosmopolita bairro de Copacabana, foi brindado por gerações como a própria síntese do Rio de Janeiro. Com título de nobreza, outorgado na música de Braguinha e Alberto Ribeiro (1947), a eterna “... princesinha do mar...”, continua povoando os sonhos de turistas e elementos de diversas classes sociais, a despeito de certa perda de status conferido, a dos anos sessenta, aos bairros nobres e litorâneos (MELLO, 2010, p.16).

Contudo, além dessa paisagem simbólica, as zonas de contatos propostas nessa passagem são ricas em desdobramentos. Primeiro o guarda-vidas chama a atenção dos dois dizendo: “com licença, americanos! Está praia segue um padrão para roupas de banho, mas podemos ajudá-los.” Na sequência, Homer questiona como ele sabia que sua nacionalidade com uma camisa do Tio Sam (*Uncle Sam*) ao fundo mastigando o mundo e os dizeres *Try and Stop us*, em tradução “tentem nos impedir”. Por fim, adapta-se ao estilo brasileiro se vestir com roupas de banho.

Figura 27 - Diálogo e sequencia entre Homer Simpson e o guarda-vidas sobre os padrões de vestimenta na praia (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Diferente da maioria dos personagens geográficos do cinema ocidental (James Bond e Indiana Jones são dois exemplos de pouca flexibilidade nas zonas de contato), Homer Simpson se desconstrói e se adapta as influências locais de maneira estereotipada. No caso o fio dental feminino, não se pode negar, símbolo cultural ligado aos padrões de beleza e vestimenta brasileiro presentes em cartões postais e imagens veiculadas pelo mundo, é utilizado pelo personagem de sexo masculino que afirma “a minha (roupa de banho) continua desaparecendo”.

Figura 28 - Referência de vestimenta no fio dental (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Último ponto a se destacar dessa passagem e fugindo um pouco da sequencia do episódio é a camisa ficticia usada pelo personagem Homer ter virado uma blusa posteriormente produzida, reforçando novamente a ideia do poder das imagens dos episódios, sua participação na industrial cultural estadunidense e produto, para diferentes públicos e faixas etárias, de

elevada demanda. Essa peça de roupa é apenas um dos exemplos de produtos ligados a marca *The Simpsons* fora da televisão e dos episódios.

Figura 29 - Camisa produzida à partir do episódio e do personagem Homer



Fonte: Site Amazon<sup>37</sup>

Pai e filho ainda lidam com duas situações ligadas a violência na cidade/país. A primeira, quando param em uma barraca de sucos e Homer, em mais uma zona de contato criada pelo personagem, pede “um com todas as frutas doces brasileiras misturadas” composto por guaraná, jambo e mamão, porém logo depois da referência ligada à culinária, os personagens são distraídos pela vendedora para serem roubados por “suas” crianças.

Figura 30 - Sequencia em que os personagens Homer e Bart são furtados após tomarem suco com frutas brasileiras (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.amazon.com/Stop-America-Funny-Cartoon-Shirt/dp/B00XJUC55G>> Acessado em: 01 dez. 2018

Na sequência, ainda seguindo o plano de Lisa pela procura do Ronaldo, contudo esquecendo de uma recomendação feita ainda no avião de não pegar táxis não licenciados, os dois personagens entram em veículo irregular, mas apenas o pai da família é sequestrado pelo motorista. Nesse fragmento é interessante notar ao fundo outra menção da culinária brasileira, possivelmente uma feijoada, feita por uma pessoa negra, sendo ainda mais peculiar poucas as representações de personagens brasileiros negros durante o episódio.

Figura 31 - Sequencia Homer e Bart caminhando pela cidade com cozinheira ao fundo, entrando em táxi irregular e o sequestro do personagem Homer (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Durante esse período, as personagens do sexo feminino (nessa viagem a filha caçula Maggie não participa da viagem) visitam a Escola de Samba buscando o menino perdido e são informadas que naquele local foram inventadas a “Lambada”, gênero musical de origem discutida, mas no Brasil se inicia no estado do Pará na década de 1980 e nome de um filme de Hollywood chamado *Lambada - Set The Night On Fire* (1990) e a “Macarena”, música de uma dupla espanhola muito famosa na década de 1990, traduzida no Brasil em ritmo de lambada.

Figura 32 - “Escola de Samba” e as danças criadas nesse ambiente mencionadas no episódio (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*.

Importante identificar a pouca preocupação com o espaço real das criações desses gêneros musicais e ausência de menções de simulacros sobre o samba e o carnaval, entretanto, como argumentado por Amancio (2000) seguem os padrões de apimentados ritmos latinos. Fechando essa cena, o personagem latino que estão “criando nossa dança mais poderosa... a Penetrada”. Dança nomeada pelo episódio na época (sem outras iguais) e que atualmente possui músicas brasileiras com o termo em ritmo de funk.

Depois visitaram uma feira livre na cidade que vende quatis como enfeites e cobras vivas como braceletes, possivelmente fazendo referência ao tráfico de animais (biopirataria), as feiras livres no Brasil e novamente apresentando símbolos ligados à natureza, em especial dos animais, que fazem parte do cotidiano do país, mesmo em uma grande cidade como o Rio de Janeiro.

Figura 33 - Quatis e cobras vendidas em feira livre (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

A partir do sequestro do personagem Homer Simpson, uma nova divisão entre os personagens ocorre e a dimensão espacial do país se expande para a Floresta Amazônica, referência fora da antiga capital. O pai da família é levado pelos criminosos que apresentam a paisagem da região, corroborando mais uma vez com Tunico Amancio

Instituiu-se como paisagem amazônica principal a vista aérea. Nela se pode ver a monótona e compacta massa vegetal que compõe a floresta, normalmente cortada por um rio serpenteante. O movimento sobre tal paisagem insinua sua extensão e dá conta de uma acertada caracterização geográfica, dada a homogeneidade do conjunto (AMANCIO, 2000, p.173).

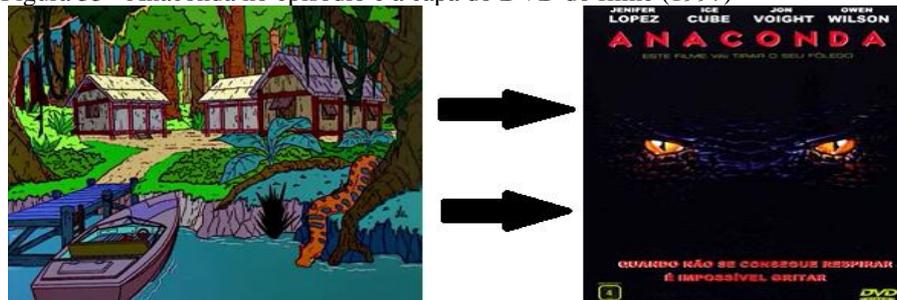
Figura 34 - Encadeamento das primeiras imagens da Amazônia, juntamente as falas do personagem brasileiro e de Homer (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Durante essa passagem rápida, além da vista panorâmica e aérea, é interessante notar o discurso de um dos sequestradores “Observe a Amazônia! Olhe rápido, porque estamos pondo fogo nela” relacionando ao ritmo acelerado do desmatamento da região acrescida da trilha sonora da abertura do seriado “Miami Vice”, seriado muito famoso na década de 1980, especializado na cidade estadunidense de Miami, mostrando mais uma vez a diversidade de intertextualidade e de pouca preocupação sobre seus entendimentos. O personagem sequestrado também lembra a *Brazilian Nuts*, aqui chamada de castanha de caju e a famosa “Anaconda”, animal típico da região conhecida como sucuri e que virou uma sequência de filmes do cinema hollywoodiano, faz a sua aparição.

Figura 35 - Anaconda no episódio e a capa do DVD do filme (1997)



Fontes: Episódio *Blame it on Lisa*, site adoro cinema<sup>38</sup> e adaptação do autor, 2019.

Retornando para os símbolos para a antiga capital federal, a matriarca da família devido ao sequestro do marido (além do sumiço de Ronaldo) vai ao “posto policial” pedir ajuda e lá a zona de contato criada se faz à partir do agente da lei brasileiro. Mostrando-se incompetente e pouco adepto ao trabalho, diz “eu acho que não tem menino nem marido nenhum”. Ao fundo da cena mais uma representação cartográfica do município, agora com mais amplo, mantendo aos recortes litorâneos parecidos.

<sup>38</sup> Disponível em: < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-11511/> > Acessado em: 01 dez. 2018

Figura 36 - Posto policial e o agente da lei brasileiro (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Chegando ao *happy end* do episódio e depois de tudo isso acontecido três destaques simbólicos ainda aparecem no enredo. Andando pela capital do estado do Rio de Janeiro, Lisa juntamente com sua mãe e seu irmão, todos desanimados com a situação do sequestro, questiona “que barulho é esse... essa música irritante, intoxicante com uma batida que faz você perder todas as inibições?” e Bart depois anuncia o símbolo festivo-cultural mais famoso do país: o carnaval.

Figura 37 - Sequencia de imagens de apresentação do Carnaval pelas falas de Lisa e Bart (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*.

Interessante notar a fala introdutória sobre o evento festivo e especializado no Rio de Janeiro (o Cristo Redentor ao fundo) somado à opinião adulta de Marge sobre o simulacro “seu pai teria adorado isto: bebedeira, sexualidade ambígua”. Na continuação da cena, afirma que precisa sair dali, porém em uma nova zona de contato com um brasileiro, o personagem vestido de tucano diz “não tem como fugir do Carnaval... porque até correr é um tipo de dança” e ela se contenta em “dançar e se preocupar ao mesmo tempo”.

Figura 38 - Sequencia de zonas de contato entre os personagens do seriado e brasileiros no carnaval (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Inúmeros são os trabalhos sobre o carnaval, festa popular e parte importante na construção de uma identidade brasileira, em diferentes perspectivas de estudo. No caso do episódio é justamente durante a festa que o mistério do sumiço do garoto Ronaldo é resolvido e a afirmação do autor Amancio confirma mais uma tendência

Os Estados Unidos criam ao seu bel prazer uma América Latina feita de sombreros, rumbas, vodús, cobras, malandros e onças. E no Brasil, além das paisagens, se apropria das imagens do carnaval, nossa diversão mais popular (AMANCIO, 2000, p.61).

Figura 39 - Ronaldo e sua fantasia de “Flamingo Flamenço” (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Após o encontro do menino carioca e a solução do primeiro desaparecimento, o órfão brasileiro empresta o dinheiro pedido pelos sequestradores para a família e este enriqueceu fruto dos sapatos que o ajudaram a sambar comprados com a doação pela personagem Lisa. Assim a mãe e os filhos buscam pagar resgatar do pai no local marcado pelos sequestradores: o Bondinho do Pão de Açúcar.

Figura 40 - Imagens do Pão de Açúcar e do seu bondinho no episódio (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Os personagens do seriado não foram os primeiros nem serão os últimos a passarem pelo ponto turístico. Destaco um ícone do cinema que visita as paisagens da cidade em 1979: James Bond, personagem britânico, no filme “Moonraker” traduzido no Brasil como "007 - Contra o Foguete da Morte". Apesar de outros países fazerem parte do roteiro do filme e não

apresentar a cidade brasileira como foco central, tem na luta do agente contra o seu arquiinimigo Jaws no Bondinho do Pão de Açúcar um dos pontos altos<sup>39</sup>.

O episódio segue com a resolução do sequestro de Homer, com a troca da quantia em dinheiro (referido pelos sequestradores como *gay* pelas cores *pink* e *purple* nas notas de cinco e dez reais) pelo sequestrado. Nessa troca ocorre a queda do bondinho da família e se encerra com o personagem Bart sendo engolido por uma cobra (novamente Anaconda?) e sem preocupação afirma “não fique triste. É carnaval!” com uma trilha sonora de cornetas ao fundo.

Figura 41- Sequencia final do episódio *Blame it on Lisa* (legendas em português)



Fonte: Episódio *Blame it on Lisa*

Com objetivo de apresentar outra fonte de pesquisa e ferramenta pedagógica para próximo(s) trabalho(s), o episódio mais recente “*You Don’t Have to Live Like a Referee*” lançado no ano de 2014 e que infelizmente não foi utilizado (dessa vez) por motivos de cronograma nas escolas, também se passa no Brasil e tem como pano de fundo a Copa do Mundo de 2014 (frisando que a primeira veiculação foi antes de ocorrer à competição) e os escândalos de corrupção da FIFA (Federação Internacional de Futebol que organiza o evento). Com riqueza de símbolos e simulacros, em especial relacionados ao futebol, apresenta ao mesmo tempo referências repetidas e mais amplitude espacial no sentido de visitar outras cidades.

<sup>39</sup> A cena completa está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CnkR3VLgI4&t=6s>

Figura 42 - Avião a caminho do Brasil da companhia *Air Brasilia*



Fonte: Episódio *You Don't Have to Live Like a Referee*<sup>40</sup>

Assim sendo e diferente do episódio utilizado em sala de aula para esta dissertação, um número menor de simulacros aqui será exposto (merecendo um estudo mais detalhado, principalmente durante as partidas de futebol e seus cartazes). A viagem começa no convite e aceitação de Homer Simpson em participar como árbitro dos jogos de futebol. Dessa vez *Air Brasília* é o nome da companhia aérea utilizada e primeira cidade visitada é São Paulo, com apresentações do estádio de Itaquera (criado realmente para o evento esportivo), do tempo chuvoso e o famoso restaurante de carnes “A Figueira Rubaiyat”.

---

<sup>40</sup> Disponível em: < <http://cleubercarlos.blogspot.com/2014/04/os-simpsons-episodio-completo-da-copa.html> >. Acessado em 01 de dez. de 2018

Figura 43 - Símbolos da cidade de São Paulo (legendas em português)



Ao Vivo de São Paulo, nós trazemos-lhe  
a Copa do Mundo Round Robin



Fonte: Episódio *You Don't Have to Live Like a Referee*

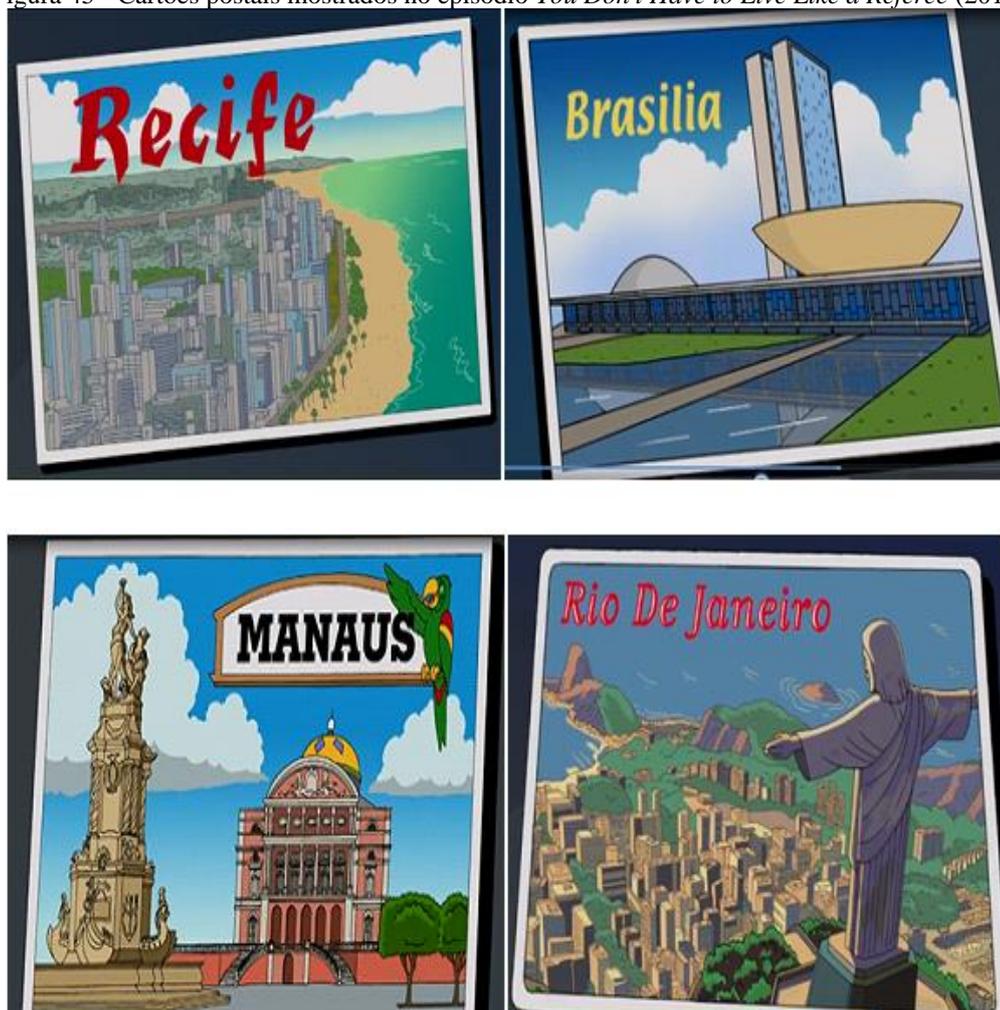
Na cidade de maior força econômica do país, Homer faz uma citação interessante. Relembrando sua estadia no país e trazendo uma referência nova, afirma “ah, Brasil. Eu não podia ficar com medo de você para sempre. A única coisa que me impede de viver aqui é o peixe que nada no seu fluxo de urina”. Primeiro se refere aos casos de assalto e sequestro acontecidos na primeira visita e depois fala possivelmente sobre a espécie de peixe chamada Candiru, típica da região Amazônica e que causa problemas a saúde humana quando consegue penetrar pela uretra e/ou ânus das pessoas.

Figura 44 - Fala de Homer Simpson sobre o Brasil com a cidade de São Paulo ao fundo (legendas em português)



Fonte: Episódio *You Don't Have to Live Like a Referee*

Posteriormente, os cartões postais, imagens-sínteses de municípios, estados e/ou países são aqueles que localizam as cidades visitadas e espacializam as cenas posteriores no episódio, normalmente com algum jogo de futebol onde Homer atua como árbitro. Quando a família viaja pelos estados e cidades brasileiras são destaques: Recife e a praia de Boa Viagem; Brasília e o Congresso Nacional na Praça dos Três Poderes; Manaus e o Teatro Amazonas e, novamente, o Rio de Janeiro e o Cristo Redentor.

Figura 45 - Cartões postais mostrados no episódio *You Don't Have to Live Like a Referee* (2014)

Fonte: Episódio *You Don't Have to Live Like a Referee*

No caso do Rio de Janeiro, dessa vez as novidades em relação ao episódio *Blame it on Lisa* analisado anteriormente são: o bairro da Barra da Tijuca, a caipirinha e o Maracanã. Curioso perceber que além dos espaços visitados, surge um personagem geográfico brasileiro durante o episódio chamado “El Divo”, fazendo uma alusão ao atual jogador de futebol Neymar Junior e a final do torneio, de acordo com o episódio, seria a seleção brasileira de futebol contra a seleção alemã, antes de ocorrer à simbólica derrota do Brasil para a Alemanha (1 x 7).

Figura 46 - Representações simbólicas na cidade do Rio de Janeiro no episódio *You Don't Have to Live Like a Referee* (2014)



Fonte: Episódio *You Don't Have to Live Like a Referee*

E no fim, a família toda visita a Floresta Amazônica, sendo essa parte de abrilhantar os olhos para outras práticas, reafirmar este debate sobre a Geografia imaginativa e a ação dos personagens geográficos, somados ao tom irônico e questionador da série. Depois da imagem aérea característica da introdução sobre o corpo florestal e um grande rio meandrando, dessa vez com barulho de animais da floresta, a personagem Lisa Simpson afirma impressionada “Uau, a Amazônia é exatamente como eu imaginei...depois de ver todas as fotos online” e Homer com uma interpretação completamente diferente afirma “Eu nunca vi nada tão bonito” olhando para a instalação da rede de lanchonete *fast food* famosa no seriado chamado *Krusty Burguer* no interior da Floresta e a chegada do dito progresso através do *American way of life* e seus hambúrgueres.

Figura 47 - Sequencia de imagens da Floresta Amazônica com falas de Lisa e Homer Simpson (legendas em português)



Fonte: Episódio *You Don't Have to Live Like a Referee*

### 3.1.2 África

A África é o destino da família Simpson na décima segunda temporada (transmitido na rede FOX nos Estados Unidos pela primeira vez em 01 de abril de 2001) no episódio nomeado *Simpson Safari*. É interessante notar que diferente da grande maioria das viagens, não há um país específico no enorme continente. A partir disso podemos identificar que imaginário do autor e da grande maioria dos ocidentais, como possivelmente dos alunos e das alunas no Brasil, é de que todos os países africanos possuem as mesmas paisagens, caracterizando o continente como um grande espaço homogêneo e selvagem.

Por isso e pela grande importância dos africanos no processo de formação do que hoje conhecemos como Brasil, em escolas no território brasileiro a Lei Número 10.639, de nove de janeiro de 2003 rege e aumenta a importância no estudo da História sobre o continente e decreta que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (2003, p.1) e complementa:

O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social (Lei No 10.639, 2003, p.1).

A viagem foi a única entre os quatro episódios que tem como objetivo principal a atividade turística, lembrando que o motivo para as vindas ao Brasil foi para procurar por um órfão (Ronaldo) e participar da Copa do Mundo, enquanto na China a adoção de uma criança é a causa central (mais a frente apresentada). O gancho inicial do episódio é ainda mais marcante: uma terrível fome que abate *Springfield* por causa de uma greve de empacotadores de supermercado e Os *Simpsons* vão à África em busca de um lugar onde possam encontrar comida e bem-estar. E a primeira referência do continente é a fala do personagem Homer: “África? Eles são obrigados a ter comida lá.”

Figura 48 - Primeira referência sobre a África na fala de Homer Simpson (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*<sup>41</sup>

A excursão da família *Simpson* começou para o continente africano à partir de uma antiga lancheira do Homer que foi encontrada no sótão com um pacote de biscoitos premiado com o formato de "bichinhos da savana". Simulacros da região apareceram (antes da viagem ser concretizada) no próprio pacote de biscoitos. Para negociar a ida da sua família com a empresa fabricante, o pai da família declara que “no meu safári na África, eu vou querer fazer

<sup>41</sup> Disponível em: < <https://watchcartoonsonline.la/watch/the-simpsons-season-12-episode-17-simpson-safari/>>. Acessado em: 06 jun. 2018

tudo que está na caixa. Eu quero atirar no focinho de um leão, lutar com Muhammad Ali e montar em um conversível com duas zebras felizes.”

Figura 49 - Caixa de biscoitos com referências turísticas da continente



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

Uma última referência antes da chegada da família ao continente, porém com imagens já especializada na África e personagens locais, se inicia com uma cena que se repete no começo das viagens dos Simpsons quando Homer proclama “The Simpsons are going to...”, no caso para a África. E na sequência, em um ritual no território africano “N’gungu” – nome do personagem fazendo intertextualidade geográfica com uma cidade angolana – afirma que o “mal está vindo”. Interessante notar uma crítica nessa passagem a família, se ampliando para os estadunidenses e sua forma de viver de maneira geral.

Essas e outras simbologias durante o episódio (como também em outros episódios e outras produções audiovisuais) são frutos de visão colonial dos ocidentais através de suas perspectivas geopolíticas, tanto a “formal” que é produzida por acadêmicos e intelectuais, enquanto a Geopolítica “popular”, que é uma noção mais expansiva de onde os conhecimentos geopolíticos são produzidos e refere-se a representações encontradas em uma variedade extensa

de formas como a mídia popular, romances, revistas e desenhos animados, foco maior do trabalho<sup>42</sup>.

Figura 50 - Sequencia da notícia da viagem da família falada em Springfield e recebida no destino (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

No avião antes de pousar, a personagem Lisa afirma que a “África parece uma linda jóia”, provavelmente fazendo alusões as paisagens naturais e seus recursos minerais. O destaque desse pequeno trecho fica por conta a aeromoça que comunica ”por favor preparem-se para aterrissagem em Tanzânia... Me desculpe, ele agora se chama Nova Zanzibar... Com licença, agora se chama Pepsi apresenta Nova Zanzibar” (tradução livre).

<sup>42</sup> Ver as definições e as diferenciações entre as formas de Geopolíticas em Novaes (2013)

Figura 51 - Sequencia no avião sobrevoando o continente africano (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

Essas mudanças de nome do país no pouso da família fazem um paralelo direto à situação pontual de Zanzibar e Tanzânia, porém fazer outras intertextualidades interessantes de aprofundar em sala de aula como: a divisão territorial da África através da Conferência de Berlim (1884-1885), as influências externas (no caso aqui de uma grande empresa estadunidense), as divisões étnicas anteriores, os processos de independências políticas e os reflexos nas questões espaciais atuais.

Reafirmando essa visão de instabilidade e incerteza na chegada ao país citado acima aparece o cartaz “Salve presidente Muntu”, palavra essa que na cultura e no pensamento das sociedades bantu significa a pessoa constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela palavra. De acordo com o pensamento Bantu palavra com um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento. E no final o presidente é “Kitenge” assume o poder, nome que intertextualiza com uma peça de roupa africana. Este último personagem teve

participação mais efetiva no episódio, pois foi inicialmente o guia turístico da família durante a estadia, que se faz em uma casa em cima da árvore.

Figura 52 - Mudança de presidente (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

Figura 53 - Local de estadia da família durante a visita



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

Como o título *Simpson Safari* já sugere, grande parte das paisagens construídas no episódio é baseada nas belezas naturais e seus recursos, em outras palavras, seguem uma tendência da visão ocidental colonial sobre a África e suas representações, exemplificado pelo filme “O Rei Leão”, grande sucesso do cinema produzido pela Walt Disney e especializado no continente que será lançado em *live action* em 2019 e não conta com nenhum personagem humano. Contudo, como é de praxe na série (com grande abundância de referências) também foram acrescentados e nomeados símbolos historicamente importantes.

Dentre os símbolos naturais, podem-se destacar a *Victoria Falls* ou Cataratas Vitória em português localizadas na fronteira entre Zâmbia e Zimbábue, recordando que o vôo aterrissou em “Nova Zanzibar”; o Monte Kilimanjaro, ponto mais alto do continente e situado no Norte da Tanzânia, junto à fronteira com o Quênia – mais exemplos do pouco critério com os pontos simbólicos e as distâncias da região – e a riqueza da fauna de grande porte nas savanas africanas com o sol ao fundo, imagens muito veiculadas em documentários dos canais de televisão

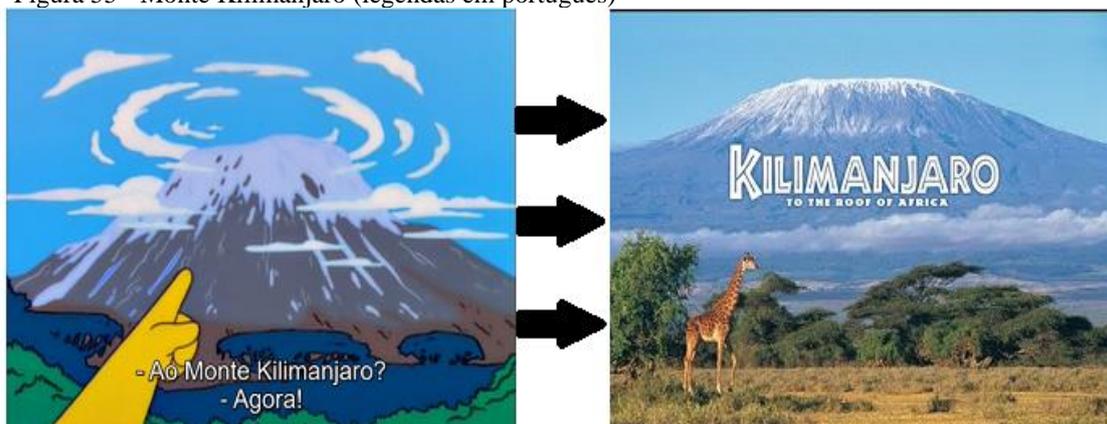
*National Geography* ou *Discovery Channel*, como também na animação da Disney *The Lion King*.

Figura 54 - Victoria Falls ou Cataratas Vitória (legendas em português)



Fontes: Episódio *Simpson Safari* e site *Victoria Falls Tourism*<sup>43</sup> (Setas do autor)

Figura 55 - Monte Kilimanjaro (legendas em português)



Fontes: Episódio *Simpson Safari* e site *Tanzânia Tourist board*<sup>44</sup> (setas do autor)

Figura 56 - Representação do sol ao fundo e dos animais de grande porte da savana



Fontes: Episódio *Simpson Safari* e o filme "O Rei Leão 2"<sup>45</sup> (setas do autor)

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://victoriafallstourism.org/>>. Acessado: 01 dez. 2018.

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://www.tanzaniatourism.go.tz/multimedia/videos/mount-kilimanjaro-national-park>>. Acessado: 01 dez. 2018.

<sup>45</sup> Disponível em: <[http://oreileao.com.br/?page\\_id=1246](http://oreileao.com.br/?page_id=1246)> Acessado em: 01 dez. 2018

Sobre a vida dos animais na savana africana, a Área de Conservação de Ngorongoro abre a chance de observar, como confirma o guia “agora nós sentamos quietos e esperamos a natureza se revelar”. Na sequência das representações os conhecimentos prévios sobre os hábitos dos rinocerontes e das girafas são questionados e podem gerar esse debate. O que fazer com uma África onde rinocerontes nascem de ovos? "Rinocerontes não nascem de ovos!" se espanta Lisa, quase avisando ao animal de que ele está errado. As imagens e conhecimentos carregados pela personagem Lisa advindas de livros didáticos e documentários de TV se esfacela diante da visita. A África que a menina leva de casa, aquela que ela carrega em seus sonhos, não é a mesma que ela vê. Uma grande ironia, não sobre o continente, mas sobre as instituições signas que o resumem: animais, selva, interação homem-natureza.

Novaes (2007) em artigo de nome “A Geografia Regional na escola” na Revista “Discutindo Geografia”, afirma que os professores e professoras de Geografia ao ensinarem Geografia regional (do Brasil ou do Mundo) se deparam com informações prévias dos estudantes sobre essas localidades, mesmo que estes nunca tenham visitado presencialmente a região. Na onda do *fakenews* nas redes sociais em que se acredita e se difunde que a Terra é plana, por exemplo, as imagens podem confundir, construir, desconstruir e reconstruir paisagens conhecidas. Com isso “cabe ao professor ajudar o aluno a selecionar e organizar as infundáveis e fragmentadas informações que chegam por diferentes mídias sociais” (NOVAES, 2007, p.62).

Figura 57 - Sequencia na sobre a fauna da Área de Conservação de Ngorongoro (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

Ainda na reserva natural, a *Olduvai Gorge* (Garganta de Olduvai) aparece como outro destaque. Nessa viagem familiar, como já dito com objetivos turísticos apenas, os personagens geográficos se mantêm unidos durante todo o episódio sem muitas atuações individualizadas. Porém, Homer Simpson durante a visita ao sítio arqueológico e paleontológico muito importante para a Humanidade foi apresentado ao “mais antigo fóssil conhecido de um ser humano” e o personagem, pouco culto e ao mesmo tempo dono de opiniões fortes e polêmicas, dando o ar de seu pouco entendimento sobre arqueologia e antropologia afirmando “tenho mais ossos do que esse tipo”.

Figura 58 - Sequencia na visita a Garganta de Olduvai (legendas em português)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

Populações tradicionais (seguindo a linha das visões colonialistas) do continente aparecem ao longo do episódio, de maneira mais abrangente ou apenas em menções rápidas, mantendo assim a tradição de filmes de comédias hollywoodianas bem vulgares, mas de muito sucesso, chamadas no Brasil de “Um príncipe em Nova York” (filme estadunidense de 1988, originalmente registrado como *Coming to America*) e “Ace Ventura: um maluco na África” (também estadunidense lançado em 1994 com nome de *Ace Ventura: When Nature Calls*) que em ambas o continente aparece como um lugar cheio de tribos e nada de ambiente urbano industrial. No seriado, a sociedade Masai ou Massai – presente no Quênia e norte da Tanzânia – foi visitada e nomeada, criando diferentes zonas de contato entre os cinco personagens principais e a população local.

Figura 59 - Sequencia na visita da sociedade Masai (legendas em português)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

Em outra curta passagem, outro grupo étnico africano aparece (sem nomeação) e ao estilo *Simpsoniano* faz uma referência à possível relação entre os personagens e os *exóticos*. Apesar do primeiro contato tenso pelo olhar, os africanos comentam (no áudio em seu idioma e legendado em inglês) entre si “estranhos! As pessoas mais bonitas que já vi” e o outro “vou mostrar o desenho que fiz hoje” abrindo uma possível linha de aproximação, porém Homer Simpson de forma impulsiva lança uma flecha na direção dos moradores da região, seguindo caminho no rio sem contatos próximos.

Figura 60 - Sequencia no contato com outra sociedade (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

Identificando e voltando para os simulacros naturais da África, com ênfase nos animais, que participam ativamente da construção das paisagens do episódio e do imaginário das pessoas. Fauna e flora aparecem através aranha, mosquitos, javali, chita, hipopótamo, planta carnívora, criando a maioria das zonas de contato entre os personagens e a África. Entretanto foi com os chipanzés e a descoberta do *Joan Bushwell's Chimp Refuge* que a fartura de referências e as relações entre a família e o continente se apresentaram.

Figura 61 - Animais que atuam em conjunto com os personagens (legendas em português)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

Primeiro o nome da pesquisadora foi uma criação do seriado fazendo uma alusão a famosa primatologista britânica Jane Goodall. No seriado, a personagem fictícia possui por trás dos possíveis estudos sobre os chimpanzés extração de diamantes feita de forma clandestina pelos próprios animais. Nessa passagem ainda vemos a atuação do *Greenpeace* contra a mineração ilegal e a oferecimento de diamantes em troca do silêncio da família por parte da pesquisadora. A família aceitou?

Figura 62 - Sequencia no fictício Joan Bushwell's Chimp Refuge (legendas em português)



Fonte: Episódio *Simpson Safari*

As imagens acima respondem a questionamentos anteriores mostrando o quanto são ricas e heterogêneas as formas de atuação dos personagens geográficos, assim como as referências complexas e diversificadas, por isso a cada ano que transmito em sala de aula os

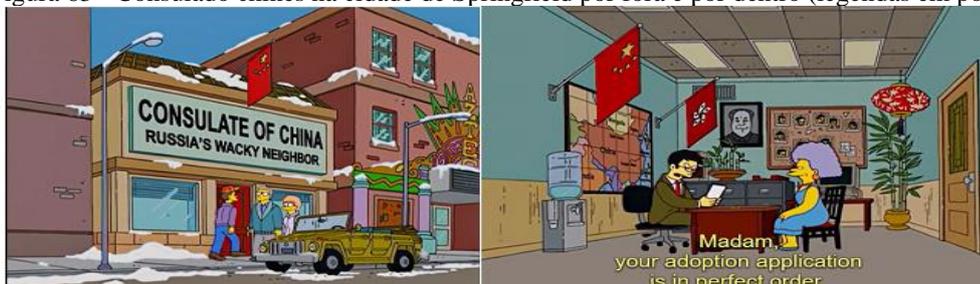
episódios, novos símbolos podem surgir e, claro, precisam ser debatidos com os alunos e as alunas.

### 3.1.3 China

O país asiático já havia sido antes apresentado em pequenos trechos de outros episódios anteriores (normalmente sobre as questões referentes as questões trabalhistas), porém na décima sexta temporada (transmitido pela primeira vez em 13 de março de 2005) o episódio *Goo Goo Gai Pan* tem como cenário principal a China e se inicia com a primeira intertextualidade no título, se referindo a *Moo goo gai pan*, uma versão americanizada de um prato cantonês. Muito rico em detalhes sobre o extenso território em uma perspectiva ocidentalizada (mais uma vez), e que muitas vezes se relaciona com os ensinamentos da Geografia (e também da história) nos ensinamentos fundamental dois e médio das escolas brasileiras e também internacionais (ocidentais).

O motivo da viagem foi o interesse de adoção de uma criança chinesa por parte da irmã da personagem Marge Simpson, Selma Bouvier. Então, o primeiro elemento espacial simbólico referente ao país oriental é o Consulado, que tem os seguintes dizeres (em tradução livre): “Consulado da China. Vizinho maluco da Rússia”. E dentro, a imagem de Mao Tsé Tung, referência muito repetida no episódio (volto ao tema mais abaixo) aparece como parte da decoração, assim como as bandeiras do país e de Hong Kong, além do mapa do terceiro maior território do mundo.

Figura 63 - Consulado chinês na cidade de Springfield por fora e por dentro (legendas em português)



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Disponível em: < <http://pixa.club/en/the-simpsons/season-16/epizod-12-goo-goo-gai-pan>> Acessado em: 03 abril 2018

Algumas temáticas da Geografia escolar se abrem nesse ponto inicial como: a relação histórica e atual da China e *Hong Kong*, o personagem *Mao Tsé Tung*, a extensão territorial de um dos maiores países do mundo, mas possivelmente o mais interessante seria discutir a população chinesa e a política do filho único na China, apresentando características, causas, consequências e mudanças atuais. Então, o professor de Geografia pode relacionar essas informações com o assunto central do episódio. O funcionário afirma em diálogo com Selma “senhora, sua documentação de adoção está em perfeita ordem” e nesse contexto começa a viagem, com uma personagem geográfica diferente atuando conjuntamente com os cinco principais.

A Muralha da China é o primeiro símbolo apresentado quando ocorre o sobrevôo no país. E na sequência de imagens o co-piloto com tons irônicos e paródicos típicos do seriado, apresenta em sua fala diferentes intertextualidades espaciais e não espaciais: “se você olhar para o lado esquerdo da aeronave, você verá o nosso monumento ao guerreiro... e pioneiro de frango picante, General Gao” (tradução livre). E o personagem Homer responde: “Isso faz o Lincoln Memorial parecer uma porcaria”.

Figura 64 - Chegada na China pelo vôo da *Air China* e as primeiras representações espacializadas no país.



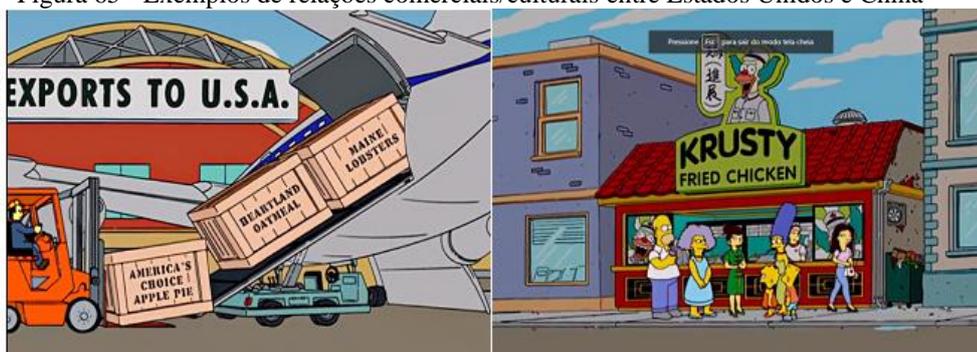
Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

Percebam que nas duas primeiras imagens acima aparece apenas a Grande Muralha e a fala vai até a palavra “guerreiro”, depois, na terceira imagem, vem à piada e a criação de um

ponto turístico em formato de entrega de comida chinesa muito conhecida nos Estados Unidos e no Brasil e vai ainda mais longe quando apresenta a referência de “General Gao”, nome de um restaurante em Sidney (Austrália) e prato típico – conhecido também como General Tso – nos Estados Unidos.

As trocas econômicas e culturais típicas do mundo globalizado entre os países (China e EUA) são apresentadas como simulacros iniciais. Os primeiros se mostram através a exportação de alguns produtos histórica e culturalmente produzidos e consumidos nos Estados Unidos – torta de maçã (*America's choice Apple pie*), farinha (*heartland Oatmeal*) e lagosta (*Maine lobster*) – e o outro seria, mais a frente no episódio, a lanchonete do palhaço *Krusty* (alusão as grandes redes de *fast-foods* estadunidenses, em especial o *McDonald's* que tinha um palhaço como principal garoto-propaganda) adaptada aos costumes alimentares do local.

Figura 65 - Exemplos de relações comerciais/culturais entre Estados Unidos e China



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

Na sequencia de imagens após o lanche da família no *Krusty fried chicken*, referência simultânea a outra grande rede de *fast-food* estadunidense conhecida pela sigla KFC (Kentucky Fried Chicken), outra questão geográfica foi apresentada na fala das personagens. A acompanhante Senhora *Wu* (traduzido como “Não” em português) é a funcionária do governo que irá acompanhar os hábitos da família e permitir (ou não) a adoção da criança chines afirma em conversa com a personagem Lisa “bem, o Tibete foi considerado bastante independente”. Esta fica furiosa posteriormente com a forma como esta questão territorial foi abordada pela chinesa *Wu*, sendo mais um tema a ser inserido no debate espacial dentro de sala de aula.

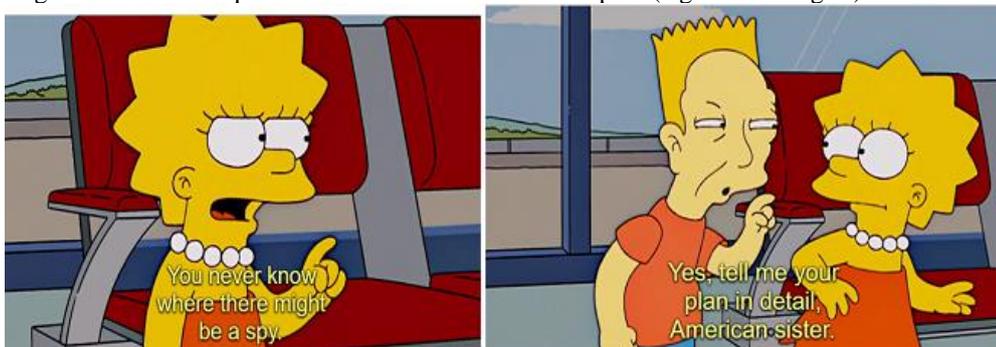
Figura 66 - Fala da personagem Wu sobre o Tibete (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

Nessa visita os diferentes personagens geográficos atuam de forma bastante clara com relação as suas características previamente descritas no capítulo 2, como no exemplo apresentado acima com a Lisa. Além dessa passagem, a filha do meio também sofre e denuncia a espionagem quando afirma “você nunca sabe onde pode haver um espião” e ao seu lado o espião fantasiado do seu irmão Bart questiona “sim, conte-me seu plano em detalhes, irmã americana”.

Figura 67 - Lisa Simpson e conversa com seu irmão espião (legenda em inglês)



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

Entretanto o destaque de atuação nas paisagens chinesas construídas pelos autores do seriado foi, mais uma vez, o patriarca da família Homer Simpson, que ainda no avião apresenta o primeiro contato com um símbolo cultural chinês. Após tomar uma bebida alcoólica conversa com o dragão, que segundo a mitologia chinesa, foi um dos quatro animais sagrados convocados por Pan Ku (o Deus criador) para participarem na criação do mundo.

Figura 68 - Tradicional Dragão Chinês (símbolo cultural/religioso)



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

Conhecendo mais a cultura chinesa e delineamento as zonas de contato em conjunto com outras intertextualidades agora circulando pelas paisagens, o personagem continua a se destacar. Após a apresentação da supervisora/guia da visita aos Monges do Templo Shaolin, o personagem assegura “eu escutei falar sobre esses caras, você pode mexer seus braços e fazer caretas e eles só tem que ficar lá e aceitar”. Marge percebe o erro espacial e referencial e fala “Homer! Não! Você está pensando no Palácio de *Buckingham*”, ou seja, os confunde com a Guarda da Rainha da Inglaterra (no mundo ocidental, de fato, muito mais conhecida).

Figura 69 - Sequencia no Templo dos Monges Shaolin (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

O pai da família ainda atua quando: descobre qual é o regime político econômico em uma conversa com a Senhora *Wu*, questionando (tradução livre) “Vocês são comunas?”;

participa de um show de acrobacias; trata-se – após a queda nesse show – com acupuntura (que na verdade é um porco espinho que entrou na sala do hospital); rerepresenta-se como uma estátua do Buda (símbolo religioso) para entrar no orfanato e tenta sair do país levando um urso Panda (simulacro da natureza).

Figura 70 - Homer Simpson e suas zonas de contato na China (legendas em inglês)



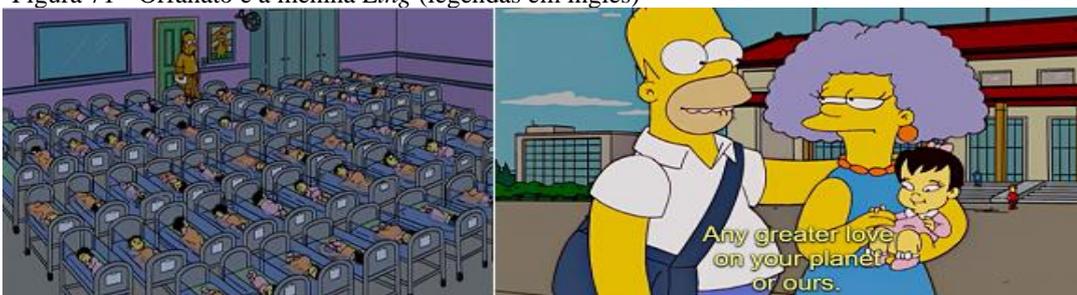
Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

Essas intertextualidades abrem caminho para debates no ambiente escolar e no ensino da Geografia a respeito da situação dos ursos pandas e de outros animais em extinção – a fala do personagem contribui ainda mais com “eu vou te colocar em risco” –, as religiosidades, práticas religiosas presentes na China e no Mundo e o sistema político econômico da China denominado como Socialismo de Mercado.

Entretanto, voltando ao motivo central do episódio e da viagem: a adoção da criança feita pela Selma Bouvier. Homer, quando se fantasia de Buda, o objetivo é entrar no orfanato para resgatar a menina *Ling* (“outro” em mandarim). Nesse local diversas são as meninas presentes e assim retoma-se o debate (acredito ser o mais completo e dinâmico do episódio)

relacionado a Geografia da população. Chegando ao final com a personagem conquistando a adoção (de maneira confusa), Homer opina sobre a agora mãe que não existe “qualquer amor maior em seu planeta ou no nosso”, referindo-se como diferentes planetas a China e os Estados Unidos (tradução livre).

Figura 71 - Orfanato e a menina *Ling* (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

O núcleo adulto, novamente com o patriarca em atuação de destaque, visita o Salão e Memorial do Presidente Mao, informalmente conhecido como Mausoléu de Mao Tsé Tung e faz a seguinte afirmação “Ele parece um anjo que matou cinquenta milhões de pessoas”. Como dito anteriormente, a imagem aparece no Consulado, nesse momento da visita e também no hospital, assim mostrando uma importância muito grande no imaginário do ocidente e não podemos negar, na história recente da China.

Figura 72 - Referências de Mao Tsé-tung (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

Os irmãos Lisa e Bart Simpson visitam, agora de maneira presencial, a Grande Muralha. Assim como em diversas outras ocasiões analisadas, informações importantes e históricas se relacionam com paródia e uma possível visão juvenil, possivelmente baseada em desenhos animados, sobre o motivo da construção de uma das sete maravilhas do mundo moderno. A menina lendo o panfleto sobre o ponto turístico descreve que “A Grande Muralha da China começou dois mil anos atrás com objetivo de impedir as invasões bárbaras”. Na sequência das

imagens, os “bárbaros” do episódio tentando ultrapassar a barreira geográfica e dizendo “com esses pogo sticks (pula-pulas), nós finalmente vamos conseguir”. Aqui abre uma oportunidade para o debate sobre o conceito de território geográfico e suas mudanças na forma de controle e delimitação até mesmo para alunos e alunas mais jovens de ensino fundamental.

Figura 73 - Muralha da China e a questão territorial em tom sarcástico (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

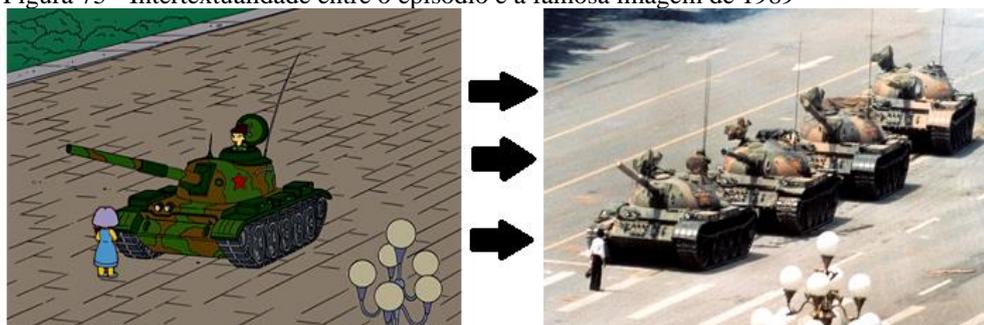
Dois outros símbolos urbanos históricos (e turísticos) também fazem parte de modo bastante significativo na construção do episódio ao estilo do seriado. A Cidade Proibida (*Forbidden City*) e a Praça da Paz Celestial (*Tiananmen Square*), citada como “nesse local, em 1989, nada aconteceu” aparecem, com destaque para a segunda. A frase da placa se relaciona as manifestações populares reivindicando mais liberdade política e que teve como desfecho o conhecido acontecimento histórico nomeado Protesto ou Massacre da Praça da Paz Celestial em português. Nessa ocasião, uma foto ficou muito famosa e, claro, não poderia deixar de ocorrer à intertextualidade da mesma no episódio (nesse caso o tanque apareceu devido à tentativa de fuga com a bebê *Shi* sem a permissão da agente do Estado *Wu*).

Figura 74 - Monumentos históricos em Pequim representados à moda dos Simpsons



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

Figura 75 - Intertextualidade entre o episódio e a famosa imagem de 1989



Fontes: Episódio *Goo Goo Gai Pan* e fotografia de Jeff Widener (com setas do autor)

Outro simulacro apresentado no episódio que pode ser realçado foi à peça *Death of a salesman*, traduzido no Brasil como “A morte do caixeiro viajante”. Obra de Arthur Miller, escrita em 1949 e adaptada com a cultura chinesa aos cuidados do seriado e suas paródias. Originalmente o drama tem como pano de fundo o *american dream*, em português “sonho americano”, ali mostrando o desejo enorme dos chineses de viver no país dos personagens principais.

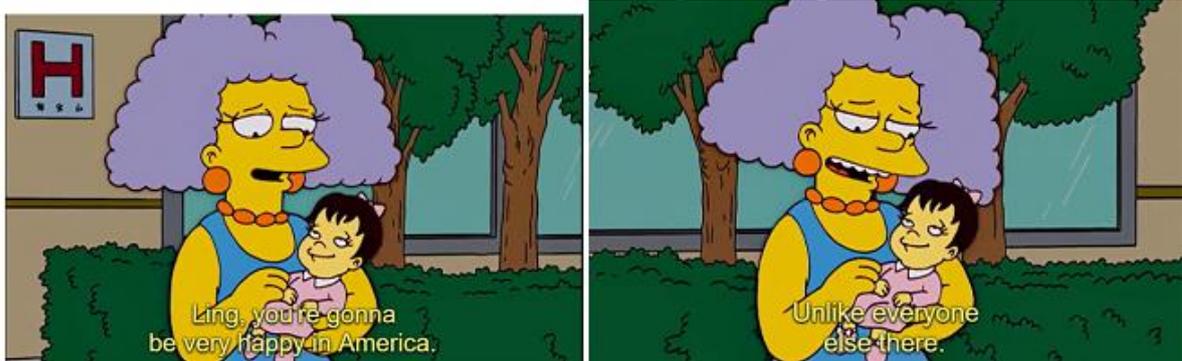
Figura 76: Peça *Death of a salesman* contracenada na China



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

E, por fim, sobre as características do modo de vida estadunidense nomeado *American way of life* é mostrado – como em todos os episódios do seriado são igualmente apresentados de maneiras estereotipadas e escrachadas. É importante perceber que esse contato com o outro através das viagens, além de mostrar símbolos espaciais e não espaciais da China, apresenta de maneira mais viva a maneira crítica que o seriado constrói o comportamento em outros países dos personagens geográficos, buscando uma relação com a sociedade estadunidense. Normalmente, em filmes e seriados ocidentais, o estrangeiro, o visitado é visto com inferior, mas no caso dos Simpsons além dessa visão etnocêntrica e extremamente estereotipada, também existe a idéia de autocrítica em sua formação como sociedade ocidental. O maior exemplo na China é quando Selma afirma que “Ling, você será muito feliz na América (Estados Unidos). Ao contrário de todos lá”.

Figura 77 - Fala da mãe Selma para sua filha adotiva *Ling* (legendas em inglês)



Fonte: Episódio *Goo Goo Gai Pan*

## 4 ATIVIDADES E RESULTADOS

A descrição feita pelo pesquisador/professor dos símbolos e debates no Ensino da geografia escolar é apenas parte do trabalho aqui apresentado. A percepção da Geografia imaginativa dos alunos e das alunas também é extremamente relevante e significativo para a pesquisa. Ao longo de dez anos de profissão, diferentes foram às formas de avaliação anterior e posterior a transmissão dos episódios para diversas faixas etárias (de onze até dezoito anos). Dessa vez, acreditamos como forma mais atualizada e complexa, mas não perfeita e obviamente mutável, a realização de duas atividades distintas divididas em etapas, fragmentadas entre os dois colégios. No colégio brasileiro foi aplicada a atividade de número um e no colégio internacional a de número dois.

### 4.1 Atividades

#### ATIVIDADE 1:

Feita no primeiro dia de aula (dia cinco de fevereiro de dois mil e dezoito) em turmas de primeiro e segundo anos do Ensino Médio, com a perspectiva de criação de si (Brasil) em que foi apresentado e subdividido da seguinte forma:

PRIMEIRA ETAPA: Antes do episódio, colocando no quadro branco os seguintes dizeres. “Imagine você apresentando o Brasil para pessoas que não o conhecem. Para realizar essa explicação:

- a) Identifique os principais elementos/símbolos que estariam presentes no seu panorama geral inicial (positivos e negativos);
- b) Quais seriam as regiões/cidades/pontos turísticos que você recomendaria a serem visitados?”

SEGUNDA ETAPA: Veiculação do episódio *Blame it on Lisa* com áudio em inglês e legendas em português observando risadas, comentários, insatisfações, protestos, distrações, desinteresses, aprovações e reprovações.

TERCEIRA ETAPA: Após a transmissão do episódio, colocam-se no quadro informações básicas sobre o episódio (nome em inglês e português, data da primeira veiculação nos Estados Unidos e no Brasil). Depois se pergunta (novamente no quadro):

- a) O que você achou do episódio? (Opinião geral);
- b) Quais foram os elementos/símbolos que lhe trouxeram estranheza/surpresa?;
- c) O que faltou e/ou você mudaria/acrescentaria?.

#### ATIVIDADE 2:

Foi aplicada para uma turma de terceiro ano com a perspectiva da criação do outro relacionando aos conhecimentos da Geografia Regional do Mundo, focando posteriormente como esse(s) outro(s) e esses conhecimentos são apresentados em questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

PRIMEIRA ETAPA: Antes dos episódios *Simpsons Safari* e *Goo Goo Gai Pan* foram feitas seguintes perguntas. Lembrando que as atividades ocorreram em dias diferentes, primeiramente sobre a África (19 de fevereiro de 2018) e depois sobre a China (05 de março de 2018):

- a) Qual seria a imagem síntese sobre esse país/continente? Além desta, quais seriam os outros símbolos da região?;
- b) Quais foram às últimas notícias vistas por você sobre esse país/continente?;
- c) O que você acha que vai ser mostrado neste episódio?.

SEGUNDA ETAPA: Veiculação dos episódios em inglês sem legendas observando risadas, comentários, insatisfações, protestos, distrações, desinteresses, aprovações e reprovações.

TERCEIRA ETAPA: Informações sobre os episódios *Simpsons Safari* e *Goo Goo Gai Pan* (nome em inglês e português, data da primeira veiculação nos Estados Unidos e no Brasil) e as seguintes perguntas (novamente no quadro):

- a) Quais foram os símbolos que você reconheceu?;
- b) Algum estranhamento/ não entendimento/ surpresa de alguma referência?;
- c) Quais foram às ausências sentidas?.

## 4.2 Resultados

Os alunos produziram leituras muito diferentes do "mesmo" texto. Com efeito, o crítico-professor foi elevado leitor mais importante da textualidade, trabalhando simultaneamente como mediador entre o poder do texto e a inexperiência do leitor.

Sabemos das limitações da amostragem, feita apenas em colégios particulares da cidade do Rio de Janeiro, no ano de dois mil e dezoito e em apenas um dia em cada turma, entretanto é importante analisar as tendências de respostas dadas a partir do relatório acima e suas relações com os episódios, ricos em detalhes e intertextualidades, e com outras fontes de informação/conhecimento. Foram então analisados determinados termos mais vezes escolhidos que chamaram a atenção do professor/pesquisador/geógrafo nesses papéis-respostas (fontes primárias), como também os menos frequentes através do sistema de nuvem ou *Word Cloud*, porém quando a quantidade de palavras é grande, algumas são excluídas. Esse problema de exclusão esteve presente principalmente nas perguntas de números 1 e 2 das atividades sobre o Brasil e as de números 1 e 4 sobre a China, pois o quantitativo de referências foi enorme.

### 4.2.1 Primeira atividade

A atividade sobre o episódio no Brasil proposta no dia do primeiro encontro entre alunos, alunas e o professor, foi abrindo posteriormente debates em sala de aula sobre alguns conceitos-chaves propostos na dissertação, como alteridade, estereótipo, imagem, a geografia imaginativa em outros temas determinados no planejamento das instituições, pois continuei a lecionar nessas turmas. Ao todo foram noventa e sete folhas de estudantes participantes, formatados em cinco turmas diferentes de primeiro (quatro turmas) e segundo (uma turma) anos do Ensino Médio. As perguntas citadas anteriores tiveram as seguintes tendências de respostas (relembrando de cada uma das perguntas):

Pergunta um: Identifique os principais elementos/símbolos que estariam no seu panorama geral inicial (positivos e negativos).

A maioria dos alunos e das alunas separou sua resposta em duas colunas, na primeira com pontos positivos e na segunda com pontos negativos. Destaco quatro respostas mais

completas. Resposta destaque um: “O Brasil é um país imenso e com inúmeros lugares para se visitar, contendo em cada estado um tipo de ‘subcultura’, afirmando sua diversidade e autenticidade de cada lugar. Há também uma grande beleza tropical encontrada não apenas na Amazônia, mas em várias cidades (interiores ou ‘locais’) brasileiras uma paisagem incrível e que a próxima mais de natureza.”

Resposta destaque dois: “Atualmente o Brasil se encontra em um grande caos político e ideológico, intolerância e corrupção sendo imensurável. As guerras violentas dentro das favelas do Rio de Janeiro é uma questão pendente no país, afetando também todo povo brasileiro.”

Resposta destaque três: “O espaço geográfico brasileiro tem praias maravilhosas, matas exuberantes e diversas cadeias montanhosas. Apesar do alto índice de poluição, desmatamento e violência, ainda há lugares muito interessantes a serem visitados como a grande São Paulo para quem gosta de museus e atividades culturais e o Rio de Janeiro para os amantes de uma vida litorânea. Embora o atual presidente não invista no que é de fato importante para a maior parte da população, o Brasil sempre teve tudo para crescer e ser uma grande potência. O futebol sem dúvidas é o esporte de maior destaque no país e a MPB embora tenha mudado ao longo do tempo ainda é um gênero musical de destaque, perdendo apenas para os estilos musicais norte-americanos que são muito consumidos pelo povo”.

Resposta destaque quatro: “O Brasil, sem dúvidas, é um país riquíssimo culturalmente, porém complexo socialmente. Diverso e intolerante, belo, mas degradado, luxuoso e miserável ao mesmo tempo. Temos diversas caras e personalidades, assim como os nossos governantes. As praias são de tirar o fôlego, mesmo sem o tratamento devido do esgoto. Sim, nossas mulheres são lindas, mas não são objetos de prazer como a mídia retrata. Nossas músicas são variadas. Protesto, mediocridade, resistência estupro, poesia, ódio. Sim, temos o futebol. Temos tudo do melhor e do pior. Temos bandidos, mas também temos aquela parcela pequena e resiliente da sociedade que acredita na luta por dias melhores, ou ao menos decentes. Que essa parcela não seja mais apagada do que já é”.

O símbolo/elemento mais citado de forma positiva foi a “praia” (25 citações) e, de uma forma geral, os depoimentos sobre os elementos/aspectos naturais foram os que mais se destacaram. Pode-se indicar a “beleza natural” e algumas variações do termo “beleza” como “exuberante”, “exótica”, “natural exótica”, “bonito”, “belo”, “ótimas vistas”, “lugares lindos”, (18 citações). Outros apontados apenas uma vez, mas relacionado ao tema temos “variedade de fauna e flora”, “muita natureza”, “muito verde”, “floresta, bastante mata”, “variedade de espécies da natureza” e até mesmo “colorido”. Comentários que se interrelacionam a um dos traços do Brasil no cinema internacional: a “geografia maravilhosa” (Guibbert, 1988).



Outra interessante tendência de reprodução são as palavras “diversidade/diversificado/diferente” (vinte apresentações), acompanhadas da já citada “cultura”, como também aparecem solitárias ou associadas aos termos “etnias” e “biológica”. Nesse caso, podendo trilhar caminhos sobre tema em argumentações a respeito da miscigenação da população brasileira, da “a ilusão das relações sociais” proposta por Da Matta (1986) e da “democracia racial” de Gilberto Freyre (2006). Ainda para aprofundar mais as discussões pedagógicas, um dos alunos citou o termo “diversidade sem respeito”.

Voltando em Guibbert (1988), este apresenta a visão e percepção do mundo ocidental nas produções audiovisuais em que o povo brasileiro possui “a brutalidade sem freio dos homens, o ardor sensual das mulheres e crueldade arcaica dos costumes”. Os estudantes negam essa percepção quando citam essa visão do brasileiro ser um “povo receptivo” em seis ocasiões, além de “povo acolhedor”. “povo alegre”, “pessoas simpáticas”, “população carismática, “feliz”, “pessoas legais”, “amigável”, “pessoas ótimas”.

Em um prolongamento do debate e relacionado ao momento político do país no início do século XXI, Manuel Castells em entrevista para o Jornal Folha de São Paulo (2015) afirma que “a imagem mítica do brasileiro simpático existe no samba. Na relação entre as pessoas, sempre foi violento. A sociedade brasileira não é simpática, é uma sociedade que se mata. Esse é o Brasil que vemos hoje na internet. Essa agressividade sempre existiu.” Assim discussão de alteridade e a percepção de si seria muito interessante dentro de sala de aula. Para ajudar ainda mais a mostrar as visões e opiniões sobre o tema, um pequeno grupo de alunos foge dessa visão majoritária dos brasileiros sobre o Brasil quando afirmam que existem “preconceitos” (quatro casos), “pessoas mal educadas” e “ignorância de grande parte das pessoas” (dois alunos cada um desses exemplos), “sociedade machista, racista e homofóbica” (sendo questionado por outro “não tem preconceito com outras raças, culturas e crenças”) e “povo não cuida do país”.

Além dessa colisão de idéias, cinco comentários sobre esta vertente população e seus costumes aparecem e valem ser mencionados. Os dois primeiros, mais complexos e seguindo as idéias da maioria, a aluna defende que o Brasil possui um “ambiente receptivo, pessoas costumam ser mais íntimas, se tocando ao cumprimentar e conversando” e outro afirma que as “pessoas são carinhosas e alegres (principalmente no verão)”. O terceiro segue, de certa forma, a linha de pensamento do estrangeiro apresentado Guibbert (1988) em que a aluna afirma que existem no país “garotos e garotas belos”. Por fim, um aluno afirma que “existem pessoas muito honestas” o que vai contrapor as muitas citações sobre “corrupção” (mais detalhes abaixo na parte sobre os aspectos negativos).

Para os geógrafos, atraente notar e anotar a palavra “paisagem” (oito citações) com complementos como “incríveis”, “naturais”, “bonitas”, “variadas”. Provavelmente, não existe a preocupação com as definições do conceito de paisagem na Geografia (analisado e definidos por diversos pesquisadores), mas torna-se algo a se pensar para uma possível conversa sobre os conceitos principais da ciência geográfica no ambiente escolar e suas variações. Complementando os conceitos-chaves, alunos citaram “lugares lindos”, “beleza exuberante, principalmente no Rio de Janeiro, que é conhecido como a Cidade Maravilhosa” abrindo mais um possível motivo para os apontamentos usando o conceito de lugar geográfico e novas atividades em sala.

Ao mesmo tempo, torna-se essencial para os professores analisarem as respostas individualizadas podendo abordando temáticas diversas. O termo “muito grande” é repetido duas vezes e a “América do Sul” uma apenas, identificando extensão e localização do país. Referente às questões políticas e religiosas, um aluno afirma como ponto positivo o Brasil ser um “país laico”. Contudo, erros também surgem e precisam ser corrigidos como afirmar (positivamente) que existem “montanhas” no território brasileiro e que o país é uma das “sete maravilhas do Mundo”.

Os símbolos ligados as condições climáticas foram os que mais geraram controvérsias nas respostas dos alunos e das alunas. Seis alunos determinaram que a palavra “clima” como sendo um ponto positivo e esta acompanhada de “bom” (dois casos), “tropical” e “agradável” uma vez cada. Porém a palavra “calor” foi citada por três estudantes como algo favorável, enquanto outros três alunos determinaram como algo negativo.

Seguindo para os principais problemas apontados pelos estudantes, poucos alunos conseguiram resumir os pontos negativos em termos gerais como “perigoso” e “falta de segurança” (duas citações cada), enquanto a maioria dos comentários são mais longos e com mais detalhes, porém que serão recortados em termos gerais. Relacionados com as palavras “perigoso” e “falta de segurança”, a “violência” foi a mais repetida (vinte e oito vezes). Outras que apareceram com frequência foram os “assaltos” em dezoito ocasiões e em dez vezes a “criminalidade”, além de “furtos” e “roubos” em três citações cada, “tiroteio” e “tráfico de drogas” com duas vezes cada, “arrastões” “bandidos mais armados do que a polícia, “quantidade de mortos” e “bandidagem” uma vez apenas.



indica que a “corrupção faz com que os serviços públicos não funcionem corretamente, policiais, bombeiros, entre outros são prejudicados ao exercer suas funções”.

Agora desconstruindo possíveis críticas sobre a visão fragmentada de alunos e alunas de escolas particulares de uma grande metrópole brasileira, ou seja, que optam pelo setor privado da educação em detrimento do serviço público, uma aluna cita os “setores públicos” como parte dos problemas no país. Desse modo seguem exemplos de outras citações como “rede pública de saúde ruim/precária” e “educação ruim/precária” (quatro citações), “carente de educação pública” (duas vezes) e “falta de escolas, hospitais e saneamento básico”. Muito provavelmente por essa assimilação estão estudando em instituições pagas escolhidas pelos responsáveis, assim como tem planos de saúde e outros serviços privados para escapar dessa ausência de infraestrutura básica. Ainda acrescento que muitos desses frequentarão (ou ao menos tentarão) universidades públicas estaduais e federais gratuitas, mostrando e reforçando a atual inversão na pirâmide educacional brasileira.

E reconstruindo algumas críticas sobre os alunos e as alunas que se informam por grandes fontes midiáticas e que vivem uma realidade social específica, um elemento simbólico e espacial aparece em citações negativas e devem ser observadas com muita atenção: a “favela”. Para sete alunos diferentes essa palavra exerce uma construção ruim do país, porém dois alunos trazem mais do que a palavra muito comum no linguajar dos brasileiros. O primeiro argumenta que as favelas são negativas “pois os gringos vem aqui visitam a favela tiram foto como se fosse safári” e a outra afirma “que apesar de ter pessoas boas tem muita bala perdida e problemas sociais”.

A favela é fenômeno socioespacial que está presente na maioria dos bairros do município do Rio de Janeiro e atualmente passou a ser considerado um espaço de turismo, de entretenimento e lazer (em especial aquelas situadas nos morros da Zona Sul da cidade). Contudo muitos desses alunos e alunas residentes do município não conhecem (ou muito pouco) empiricamente esses locais, pois apesar de vizinhos (muitas vezes bem próximos) a divisão entre morro e asfalto no município fluminense é muito clara, com algumas poucas zonas de contato entre os moradores da mesma cidade de classes sociais distintas, tendo exemplos as praias. Frisando (após o ano letivo corrido e um melhor conhecimento das turmas) que existem alunos moradores e frequentadores das favelas, porém a pesquisa, como já citado, foi feita em escolas particulares de perfil classe média à alta, então esse percentual é claramente pequeno, ainda que sem números precisos.

Assim, comparativamente, a visão dos estrangeiros, no caso os euroamericanos, sobre a favela aparece de forma similar (pela questões da violência e da pobreza) e ao mesmo tempo

diferente das respostas dos alunos, pois são logradouros visitados, turísticos e valorizados no episódio e em outras produções audiovisuais internacionais, em antagonismo a visão negativa de parte dos alunos. Outra confluência entre as citações, o episódio e a classificação de Guibbert (1988) aparece quando o país apresenta uma “pobreza endêmica, assumida com fatalidade ou indiferença”. O problema é citado pelos alunos e alunas com diferentes termos: para dez deles, a “desigualdade social” é símbolo negativo marcante no Brasil assim como a “pobreza” (quatro casos). A “miséria, devido à má distribuição de renda”, o “salário mínimo insuficiente” e “muitos passando fome” também são citados.

Por fim, para os moradores (no caso os alunos e as alunas) outros simulacros negativos são apresentados. A questão da “infraestrutura” (citada uma vez) é destrinchada em diversos outros problemas. A “poluição” de diversos tipos, “falta de higiene”, “enchentes”, “ruas com buracos”, “trânsito”, “xixi nas ruas” são exemplos que podem ter como culpados o “péssimo presidente”, os “políticos que roubam”, a “negligência política” e até mesmo “o povo que não cuida do país”.

Pergunta dois: Quais seriam as regiões/cidades/pontos turísticos que você recomendaria a serem visitados?

Antes de apontar elementos espacializados e nomeados – onde muitos também aparecem no episódio e em diversos outros veículos de comunicação no Brasil e no mundo – é importante registrar uma resposta questionadora sobre a (ausência) de atividade turística no Brasil: “eu recomendaria a pessoa a pensar duas vezes antes de pôr a vida em risco por uma experiência turística, mas caso ela persistisse, indicaria visitar o Nordeste por causa das praias e pela comida.” Propaganda completamente diferente da acima, uma aluna divide a visita em etapas e afirma que “um dos primeiros lugares que recomendaria ir é o Rio de Janeiro, suas praias exuberantes, Cristo Redentor e o bondinho do Pão de Açúcar. Vá para o Nordeste conhecer o Caribe brasileiro, ótimo lugar para relaxar. No Norte, conheça a Amazônia e sua fauna e flora, no Sul passe um pouco de frio e termine em SP comendo em ótimos e famosos restaurantes”

Além dessas visões relativamente opostas, outros três depoimentos chamaram atenção. Dois pelo detalhamento: “tem que ir ao RJ para ver o Corcovado, Cristo Redentor, Pão de Açúcar. A Amazônia para o conhecer o Rio Negro e grande parte da nossa fauna e flora. Florianópolis e Paraty tem praias lindas. Ao Nordeste para conhecer um pouco mais nossa cultura” e “eu indicaria o Nordeste, a Bahia, Sauípe e a minha cidade, Recife. Por causa da beleza e das praias. Depois o interior de Minas Gerais, pois tem muita história do país. E por

último o sul do Brasil, que é um lugar bastante exótico”. Somo essa última palavra à terceira referência, afirmando que é importante conhecer “algo exótico nas florestas do Norte”, reafirmando o termo exótico (debatido acima) como forma regionalizada e presente no Sul e no Norte do Brasil.

Figura 80 - Nuvem de palavras com localidades a serem visitadas (pontos turísticos) no Brasil propostas pelos alunos



Fonte: Site Word It Out<sup>49</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Passando para as cidades, regiões e pontos turísticos especializados mais citados, novamente é importante frisar que devido à pesquisa ter sido feita apenas em escolas no município do Rio de Janeiro, os principais simulacros se situam na cidade e/ou em regiões próximas. Contudo, é necessário relembrar o episódio do seriado e outras produções audiovisuais estrangeiras quando querem retratar o Brasil usam, na maioria das vezes, como pano de fundo a Cidade Maravilhosa. Então são ambas as justificativas dessas repetições do Rio de Janeiro: a vivência espacial dos entrevistados como também as imagens propostas para estes.

Buscando quebrar paradigmas, um aluno já pensa na desconstrução dessa atividade turística comercial propondo para as pessoas conhecerem “das zonas mais ricas as mais pobres, fugindo do turismo capitalista da mídia.” Agora reforçando a perspectiva espacial do episódio *Blame it on Lisa*, que retrata a maioria dos símbolos do Brasil no município – com pequenos

<sup>49</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3471343> Acessado em: 14 nov. 2018.

fragmentos do episódio na Floresta Amazônica –, para quarenta e um estudantes o “Rio de Janeiro” deveria ser visitado, perdendo apenas para o símbolo (também na cidade) mais mencionado pelos educandos que deve ser conhecido: o “Cristo Redentor”, aparecendo em cinquenta e uma menções, acompanhada de “uma das sete maravilhas do Mundo” (um caso), além de mais sete alunos apontaram o morro do “Corcovado” como ponto a ser apreciado.

Outros símbolos turísticos históricos e recentes do município do Rio de Janeiro foram comentados/lembrados pelos alunos e pelas alunas. O “Pão de Açúcar” com treze menções, somados ao “bondinho” com oito citações possuem grande importância no imaginário dos brasileiros (e estrangeiros). Mantendo a escala municipal, o “Maracanã” com onze citações e “Copacabana” com dez menções, complementadas por “calçadão” e “praia” uma vez cada. O “Museu do Amanhã”, inaugurado em 2015, é citado em quatro oportunidades, assim como o bairro da “Lapa”, seus “arcos” e suas “escadarias”. Os bairros da “Barra”, da “Ipanema” e do “Leblon” são referidos três vezes, assim como as “praias do Rio de Janeiro” (três) “da Barra e da Zona Sul” (duas indicações). Ainda relacionado ao ambiente da praia na cidade aparecem o “pôr do sol na Pedra do Arpoador” e “surfear na Barra da Tijuca” (um caso apenas cada). O “Jardim Botânico” e a Vista Chinesa (duas vezes cada), o “Sambódromo”, “Paquetá” e os “Bailes” completam essa lista carioca.

A palavra “praia”, a mais indicada na primeira pergunta, aparece em trinta e cinco indicações nesse segundo momento, o que fortalece a construção de uma identidade baseada na “geografia maravilhosa”. Por um outro lado, é importante notar que estes mesmos não identificam a favela, que é visitada/representada no episódio e em diversas outras produções audiovisuais estrangeiras e brasileiras, como um local a ser frequentado pelos turistas, apenas um solitário depoimento afirma que é interessante conhecer o “Vidigal (para ver outra realidade)”.

Saindo de uma escala do município, caminhando para o estado do Rio de Janeiro e, como dito, que talvez ganhe mais ênfase pela facilidade da visita dos estudantes pela proximidade geográfica, o balneário de Búzios foi bastante citado, em onze ocasiões, seguido pelas cidades de “Paraty” (sete), “Arraial do Cabo” (quatro), “Angra dos Reis” (três), “Penedo” (duas), “Cabo Frio”, “Niterói”, “Ilha Grande” e “Visconde Mauá” (uma vez cada). A cidade de Petrópolis é mencionada duas vezes quando um cita “frio em Petrópolis” e outro o “Museu Imperial”.

Dentro de uma escala nacional, os grandes centros urbanos de importância política e econômica também foram apresentados como pontos a serem visitados. A cidade de “São Paulo” foi à cidade mais citada, com quatorze menções e chegando a um total de vinte e uma

referências, quando somados: “Avenida Paulista” (duas vezes), “museus de São Paulo”, “Ibirapuera”, “Liberdade”, “15 de março” e “Museu do Futebol”. Já Brasília, atual capital federal, foi citada por cinco alunos diferentes,

A relação dos entrevistados com a região Nordeste é diferente do episódio dos Simpsons e da maioria das criações audiovisuais estrangeira que ou não menciona ou muitas vezes criam simulacros estereotipados da pobreza, da miséria, da fome e da seca. Essa região brasileira é apresentada por quarenta e nove estudantes, mostrando importância no imaginário destes e destas quando desejam construir destinos turísticos. Tanto usando o termo amplo “cidades do nordeste” (três alunos), como também quando aparecem mais bem detalhados e especializados. A palavra/estado “Bahia” é citada doze vezes, complementada em uma ocasião com “muita diversidade cultural e religiosa”, seguido de onze citações de “Fernando de Noronha” e depois “Salvador”, apresentada em oito respostas, com acréscimos de “praias maravilhosas”, “primeiro lugar descoberto no Brasil” e o “Elevador Lacerda”. Dentro da região, também aparecem “Recife” em quatro ocasiões, “Natal” e “Lençóis Maranhenses” em três casos cada, “Porto de Galinhas” em dois textos, “Pernambuco”, “Trancoso” e “Maragogi (AL)” uma vez cada.

A região Norte, mais precisamente a Floresta Amazônica, tão representada em produções audiovisuais estrangeiras (presente nos dois episódios em que a família amarela visita o país), é pouco lembrada pelos estudantes. Ao todo são treze referências especializadas na região. A palavra “Amazônia” aparece seis vezes, similar a duas vezes citada “Floresta Amazônica”, além do “Amazonas”, “Pará”, “Norte com bastante mata” e “mais natureza e menos poluição como Jalapão (TO)”. Provavelmente essa diferença no quantitativo das referências entre Nordeste e Norte esteja relacionado pelas próprias experiências vividas pelas viagens dos alunos e das alunas, pois quando é falado sobre meio ambiente/sustentabilidade em sala de aula, como também quando aparece em outros meios de informação/comunicação, a Floresta Amazônica aparece como referência principal, sendo conhecida por crianças e adolescentes. Ou seja, possivelmente sejam localizações pouco visitadas pelos brasileiros e mais conhecidas pelos estrangeiros, diferente do litoral nordestino que é bastante frequentado por turistas brasileiros.

A região Sul do território, seus respectivos estados e municípios aparecem em doze ocasiões. Algumas vezes citadas de forma generalizada, como “Sul”, “Sul mais frio e chuvoso”, “algumas cidades do sul” e em outras com pontos turísticos, como “Cataratas do Iguaçu” que aparece em três respostas, assim como “Beto Carreiro” em uma ocasião. Na escala estadual “Santa Catarina” e “Rio Grande do Sul” são citados e na escala municipal as cidades de “Porto Alegre” e “Gramado”.

Por fim, na região Sudeste, além das referências anteriores do Rio de Janeiro e São Paulo, a palavra “Minas gerais” é apontada em quatro respostas e em uma delas é complementada com “se você gosta de história”. A cidade de “Ouro Preto”, muito provavelmente por essa importância econômica na história do Brasil, é citada duas vezes e “Capitólio” e a “Lagoa Azul” uma única vez.

Pergunta três: O que você achou do episódio? (Opinião geral)

Dentro das muitas respostas simples e objetivas (que serão mostrados mais à frente) uma mais completa chamou a atenção: “Eu achei a crítica do episódio extremamente preconceituosa e embora eles tenham representado as praias, a música brasileira, o futebol e os pontos turísticos do RJ junto com o carnaval, que é uma festa de fato importante para os brasileiros, eles estereotiparam o Brasil como um lugar do samba e de mulheres bonitas. Além de terem sexualizado às mulheres, eles trataram o Brasil como se fosse só mata, animais exóticos e pessoas pobres e violentas que assaltam e sequestram turistas. É claro que o Brasil é um país violento e que precisa melhorar a sua infraestrutura oferecendo mais recursos para os que precisam, mas esse assunto é muito mais complexo do que ele foi tratado no episódio, impossibilitando uma descrição fiel do país em apenas vinte minutos.”

Figura 81 - Nuvem de palavras com opiniões gerais dos alunos sobre o episódio *Blame it on Lisa*



Fonte: Site Word It Out<sup>50</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas).

<sup>50</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3471513> Acessado em: 14 nov. 2018.

Muito interessante notar que nesta pergunta um dilema aparece entre os alunos e as alunas. Assumindo pontos positivos e negativos na primeira pergunta, muitos não aceitam a forma como a violência, característica negativa mais citada anteriormente, é mostrada no episódio. Seguindo essa linha e com muita felicidade na escolha dos conceitos debatidos, a definição de “estereotipado” (sem nenhuma menção anterior feita em sala de aula) aparece dezesseis vezes, juntamente com a palavra “engraçado” são as mais mencionadas e logo após vem à palavra exagerado (com quinze aparições). Então o desenho animado engraçado devido à utilização de estereótipos e à atuação exagerada dos personagens geográficos também são notados pelos estudantes.

Elogios como “legal”, “bom” (dez aparições cada) e “divertido” (seis citações) são destaques nos comentários, tal qual “interessante” (três apontamentos), “gostei” (duas vezes) e “muito maneiro” (um caso). Em outros casos aparecem críticas pesadas como “não gostei” (cinco casos), “ofensivo” (três vezes), “preconceituosa” (duas citações), “racista”, “triste”, “pejorativo”, “negativo”, “não adequado ou agradável”, “ruim”, “insulto”, “desrespeitoso”, “coisas desnecessárias”, “banalizado” (uma menção cada). O debate relacionado à reconstrução da ideia de Brasil (o nós) após e à partir do episódio se torna muito rico e proveitoso.

Complemento essa riqueza de heterogeneidade no olhar dos entrevistados sobre os símbolos e a forma de representar a paisagem brasileira com oposições de pensamentos em que aparecem “realidade”, “tudo é verdade”, “bastante parecido”, “algumas coisas realmente se identificam com o que acontece”, “bastante parecido” se contrapondo a “não corresponde a realidade”, “não tão verdadeira”, “sem uma pesquisa aprofundada sobre o Brasil”, “coisas que não tinha nada a ver com o Brasil”, “falta de noção que eles representaram o Brasil”. Alguns poucos compreendem a forma/objetivo do programa e usam termos como “polêmico” (três aparições), “ironia”, “satirizada”. Outros de forma ainda mais complexa, conseguem interpretar de forma interrelacionada com a pesquisa da Geografia Imaginativa e do Orientalismo citando: “o que as pessoas de fora pensam sobre o Brasil” (dois casos) e “forma de ver do americano” (uma citação).

Pergunta quatro: Quais foram os elementos/símbolos que lhe trouxeram estranheza/surpresa?

Na quarta pergunta ou segunda após e referente ao episódio, é conveniente entender os estranhamentos e as surpresas dos alunos, inicialmente no mais citado: o “programa infantil” (quinze indicações). Como são alunos e alunas na faixa entre quatorze e dezoito anos, ou seja, nascidos e nascidas na década de 2000 não tiveram como referência cultural as apresentadoras





Mesmo com a referência sobre o futebol no saguão do hotel de hospedagem dos personagens, o símbolo esportivo/turístico espacializado do estádio do Maracanã (seis vezes) foi o mais citado para ser acrescido nas cenas/imagens sobre o Brasil. Curioso notar que o outro episódio (não transmitido em sala de aula) é focado justamente na temática sobre a Copa do Mundo de futebol no país e o estádio foi palco da final (no seriado) entre Brasil e Alemanha. Isso mostra a importância à partir da demanda dos estudantes pela, se houver tempo e planejamento adequado de veicular, busca das semelhanças e das diferenças entre os dois episódios no Brasil – novamente questionando as referências presentes e ausentes.

Nessa pergunta ocorrem menos repetições e tendências simbólicas do que as outras, com respostas referentes a muitos acréscimos – o Maracanã é o principal deles – sejam de “mais aspectos positivos” (cinco aparições), de “cultura” (quatro vezes), da “corrupção” (três casos), de “outros pontos turísticos”, do ritmo do “funk”, das “pessoas simpáticas” e até mesmo de “alguns tiros na favela”. Por outro lado também aparecem algumas sugestões de ter menos “estereótipos”, “ironia” e “banalização do Brasil”, exclusões de “exageros e equívocos” e da “parte da Amazônia”.

Uma resposta simples e objetiva abre um excelente debate sobre a construção do episódio: “não mudaria nada, pois no meu ponto de vista é só um desenho e é engraçado assim”. Assim, se os alunos e alunas pudessem reconstruir esse Brasil em um desenho animado, quais seriam suas tendências, suas mudanças, suas referências culturais, seus símbolos espaciais, seu enredo.

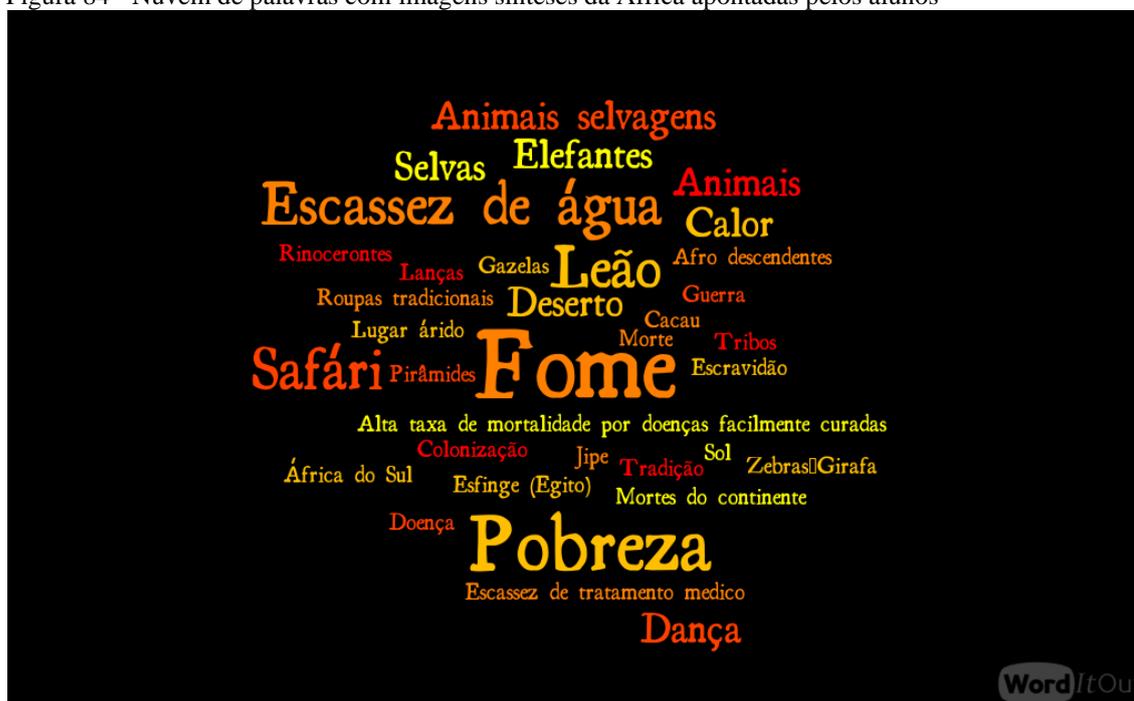
#### 4.2.2 Segunda atividade

Essa atividade foi realizada em uma escola estrangeira situada no município do Rio de Janeiro em dois dias diferente seguindo a ordem do planejamento pedagógico da escola e do professor de Geografia. O primeiro episódio transmitido em sala foi *Simpson Safari* sobre o continente africano, o outro foi sobre a China (*Goo Goo Gai Pan*) e nessa prática foram feitas seis perguntas (totalizando doze perguntas), sendo três antes e três depois da veiculação de cada um deles.

Pergunta um sobre a África: Qual seria a imagem síntese? Além desta, quais seriam os outros símbolos da região?

Ao todo foram apenas dez alunos que assistiram e realizaram a atividade sobre África, mostrando que podem ocorrer certas situações não planejadas e deve-se buscar a melhor forma de corrigi-las. Mesmo com amostragem pequena, respostas semelhantes entre as mesmas e com o episódio aparecem. A referência mais escrita pelos alunos e pelas alunas foi a “fome” (lembrando que a primeira indicação sobre a África no episódio foi uma fala de Homer Simpson sobre a disponibilidade de comida no continente), seguida da “pobreza” com cinco e quatro citações, respectivamente.

Figura 84 - Nuvem de palavras com imagens sínteses da África apontadas pelos alunos



Fonte: Site Word It Out<sup>53</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Quando englobamos os termos ligados a fauna e flora do continente, os números também são extremamente repetitivos. “Safári”, “leão”, “animais”, “selvas”, “animais selvagens”, “elefantes”, “gazelas”, “zebras”, “girafa”, “rinocerontes” são os símbolos lembrados. Elementos naturais ligados as características climáticas (“deserto”, “calor”, “lugar árido” e “sol”) também aparecem e seguem as tendências, novamente, do episódio.

Os problemas socioeconômicos, além dos já apontados acima (fome e pobreza), fazem parte da imaginação geográfica dos estudantes quando citam: “escassez de água”, “alta taxa de mortalidade por doenças facilmente curadas”, “mortes do continente”, “doença”, “guerra” e “morte”. Complementam outros símbolos diversificados, com destaque para possíveis debates

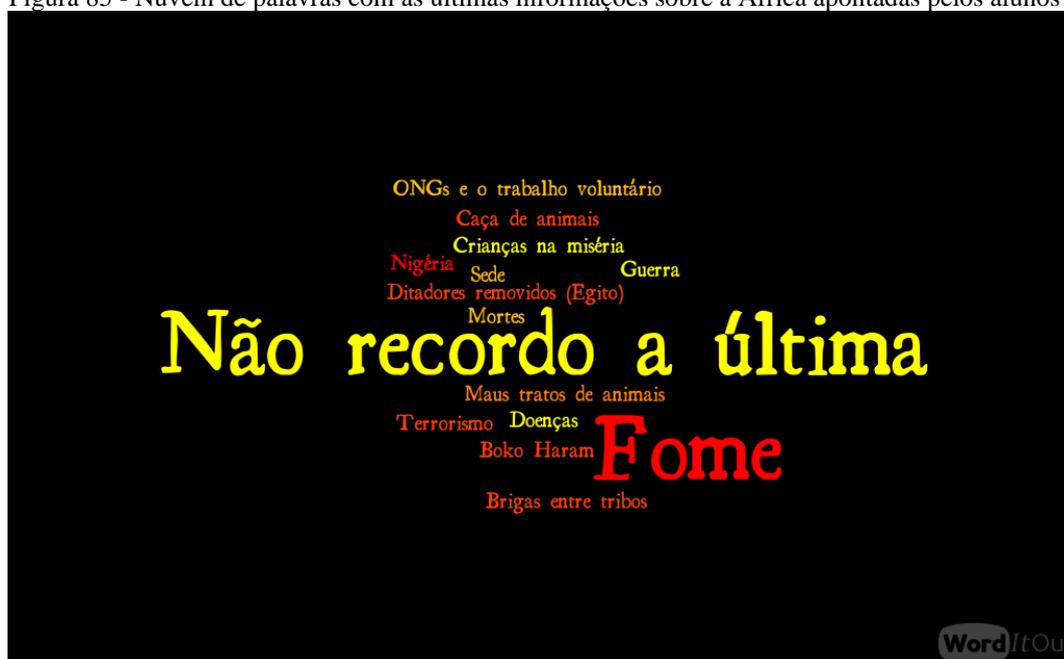
<sup>53</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3472283> Acessado em: 14 nov. 2018.

em sala de aula sobre os poucos países apontados: “África do Sul”, a “Esfinge” e a “pirâmides no Egito”, como termos as “tribos”, os “afrodescendentes”, a “colonização” e a “escravidão”.

Pergunta dois sobre a África: Quais foram às últimas imagens/informações vistas por você sobre essa região?

Muito curioso notar o pouco conhecimento sobre o continente quando, conjuntamente com a “fome”, a resposta “não recordo a última” são as mais apresentadas. Aqui fica muito claro o limite da amostragem, onde cada uma das mais citadas tiveram apenas duas repetições, contudo existem pontos a serem observados, além dessa ausência de preocupação com essa região. A principal delas é que as notícias negativas sobre a África dominam as repostas (“crianças na miséria”, “caça de animais”, “brigas entre tribos”, “guerra”, “terrorismo”, “maus tratos de animais”, “mortes”, “doenças”, “sede” e “ebola”). Adicionada aos problemas, ocorreram respostas que podem ser o começo de debates sobre temas não apresentados no episódio, já que a pergunta é sobre notícias e imagens recentes, como o “Boko Haram” na Nigéria, “ONGs e o trabalho voluntário” e “Ditadores removidos (Egito)” à partir da Primavera Árab.

Figura 85 - Nuvem de palavras com as últimas informações sobre a África apontadas pelos alunos



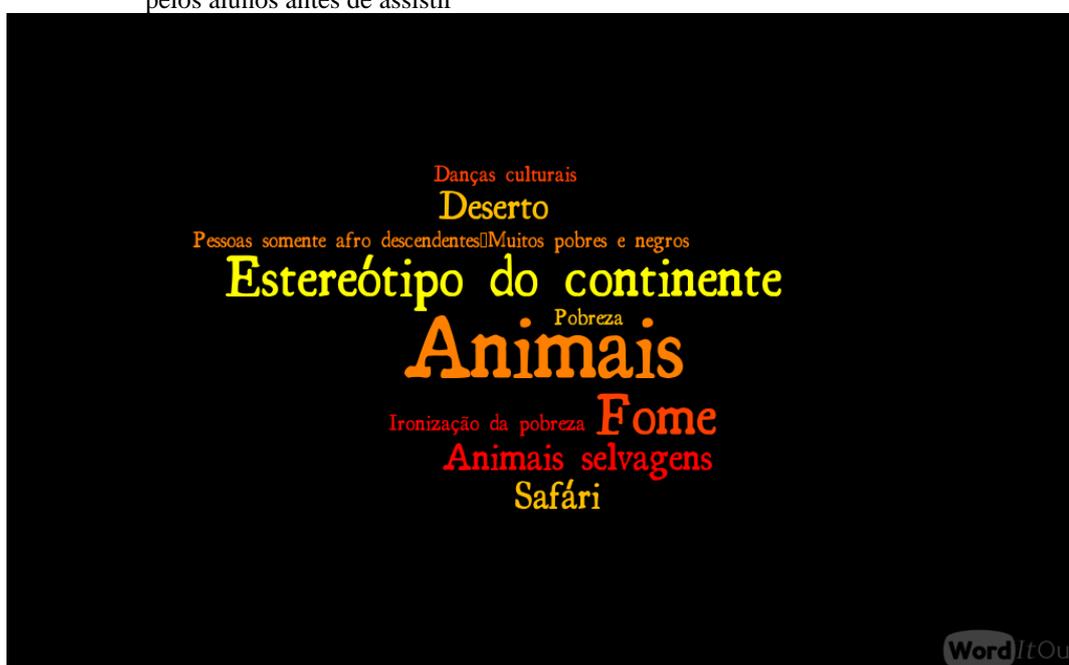
Fonte: Site Word It Out<sup>54</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas).

Pergunta três sobre a África: O que você acha que vai ser mostrado neste episódio?

<sup>54</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3472311> Acessado em: 14 nov. 2018

As respostas dessa terceira pergunta são muito similares aos simulacros que foram colocados na pergunta um, onde “animais”, “fome”, “safári”, “animais selvagens”, “desertos” serão, de acordo com os alunos e as alunas (com razão no processo de adivinhação) as bases da construção do episódio. Aqui importante voltar à idéia da construção do outro em uma percepção atualmente globalizada e diretamente influenciada pelas produções hollywoodianas, que mostram um recorte da África à partir desses produtores de imagens e suas visão de diferentes partes do mundo.

Figura 86 - Nuvem de palavras com possíveis símbolos africanos no episódio *Simpson Safari* apontados pelos alunos antes de assistir



Fonte: Site Word It Out<sup>55</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Mantendo o padrão dessas imagens globalizadas centrais e repetitivas, importante apresentar a expectativa dos alunos sobre a forma como o seriado vai tratar o outro, criando, como um deles disse, um “estereótipo do continente”. Assim, citações das “tradições”, das “danças culturais” e da “cultura, incluindo religião” deveriam, de acordo com os mesmos, estar presentes no episódio, como também a “pobreza”, a “ironização da pobreza” e “muitos pobres e negros”.

Pergunta quatro sobre a África: Quais foram as representações simbólicas que você reconheceu?

<sup>55</sup> Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3472332](http://worditout.com/word-cloud/3472332)> Acessado em: 14 nov. 2018.

A primeira pergunta após o episódio *Simpsons Safari* busca compreensões/interpretações dos alunos e das alunas sobre a produção audiovisual, assim como semelhanças e diferenças entre os simulacros apresentados nas perguntas anteriores. Mais uma vez os olhares em direção aos “animais” (quatro aparições) são os destaques. Além dessa palavra, “mosquitos”, “animais selvagens”, “contrabando de animais”, “maltrato aos animais”, “aranha venenosa”, “safári”, “tráfico de animais”, “macacos”, “sanguessugas” também são citadas. Acrescentam para salientar ainda mais os aspectos da “natureza”, “selva”, “floresta”, “por do sol”, “planta carnívora”, “cipós”, “rios” e “cachoeiras” como identificações simbólicas dos episódios.

Figura 87 - Nuvem de palavras com símbolos reconhecidos no episódio *Simpson Safari* pelos alunos



Fonte: Site Word It Out<sup>56</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Outros aspectos identificados pelos alunos no episódio foram: símbolos culturais que aparecem pouco e de forma generalizada nas respostas anteriores, agora surgem como um dos destaques de referências – “música”, “colares para alongar o pescoço”, “roupas tradicionais”, “danças culturais”, “danças”, “dança tradicional”, “ritual”, “instrumentos” são exemplos disso – e voltamos ao debate sobre a forma hollywoodiana de apresentar o continente de com uma cultura exótica. As questões sócio-político-territoriais – “ditadores violentos”, “pobreza”, “fome”, “mudança de nome dos países”, “instabilidade política” – são indicadas e interessante

<sup>56</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3472455> Acessado em: 14 nov. 2018.

ser notado o entendimento e percepção dos telespectadores sobre outros problemas além da “fome” e da “pobreza” citadas na pergunta anterior, podendo abrir novas conversas sobre a relação entre esses dois problemas sociais e a “instabilidade política”, “ditadores violentos” e/ou “mudança de nome dos países”.

Acrescento alguns termos que apresentam oportunidades de trabalhos relacionados às ciências humanas no ambiente escolar. Primeiro “trabalho escravo” (no caso do episódio feito por macacos) abrangendo abordagens históricas, geográficas e sociais da prática na África e no Brasil (por exemplo), seguindo para a importância dos recursos mineirais do continente no atual sistema globalizado, sendo que no episódio aparece e os alunos identificam “mineração de pedras preciosas” e “minas de diamante”. Por fim, duas respostas que devem ser questionadas e debatidas sobre o uso dos termos e suas definições: “cultura indígena” e “tribos”.

Pergunta cinco sobre a África: Algum estranhamento/não entendimento/surpresa sobre alguma referência mostrada?

Mais uma vez poucas são as referências para esta pergunta. Em dois casos a resposta foi um simples “não” e empatado com as “minas de diamante” foram os mais indicados. A extração mineral ganha mais uma citação quando outro aluno afirma “trabalho escravo (macacos trabalhando em minas)”. Interessante notar que, realmente, muitas das indicações nas perguntas anteriores ao episódio, por isso poucas surpresas ou estranhamentos (conduzindo a percepção do outro africano e a construção da Geografia imaginativa do continente muito similar entre alunos e episódio).

Figura 88 - Nuvem de palavras com símbolos que causaram estranhamento, surpresa e/ou não entendimento no episódio Simpson Safari identificados pelos alunos



Fonte: Site Word It Out<sup>57</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

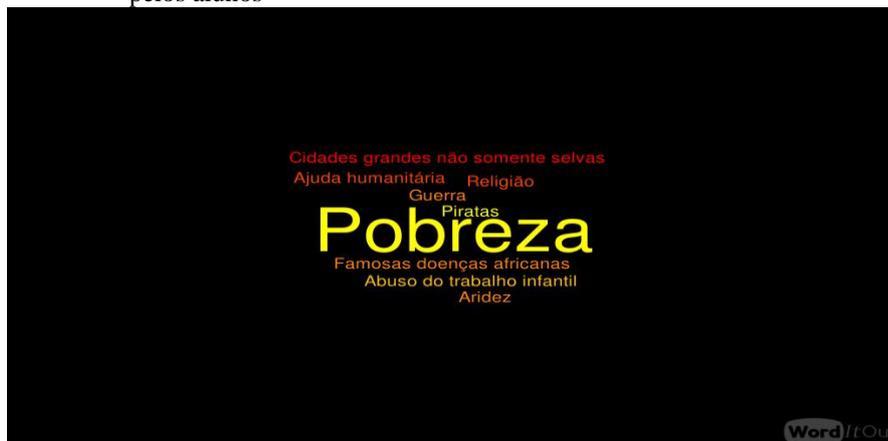
Assim, ao mesmo tempo apresenta uma percepção dos estudantes com conhecimentos apenas superficiais (e muitas vezes estereotipados) do continente ligados às produções audiovisuais estadunidense, quando se manifestam surpresos com as “minas de diamantes”, os “fósseis humanos”, as “Cataratas Vitória”, o “contrabando de animais” ou as “tantas referências das tradições e religiões”, porém conseguem perceber intertextualidades ligadas aos filmes “Rei Leão” e “Tarzan”, além da atuação do “Greenpeace”.

#### Pergunta seis sobre a África: O que faltou e você colocaria?

Na última pergunta sobre o continente africano novamente poucas são as respostas e que seguem as tendências dos apontamentos anteriores. A ausência mais sentida foi a “pobreza” (duas citações), na qual apesar de ter sido identificada no episódio por um estudante, não é de fato explícita como de praxe no seriado quando introduz temas polêmicos e com viés crítico nas tramas. Ainda são sugeridas outras referências, sendo a maioria negativa (“abuso do trabalho infantil”, “guerra” e “famosas doenças africanas”) se contrapondo a solitária citação “cidades grandes, não somente selvas”, o que quebra essa visão colonial/ocidental sobre a região, como também de todos os outros alunos.

<sup>57</sup> Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3472631](http://worditout.com/word-cloud/3472631)> Acessado em: 14 nov. 2018.

Figura 89 - Nuvem de palavras com símbolos ausentes no episódio *Simpson Safari* apontados pelos alunos



Fonte: Site Word It Out<sup>58</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas).

Mudando de continente e de episódio, *Goo Goo Gai Pan* tem com espaço visitado à China e as perguntas foram iguais, porém o quantitativo de referências e de participantes aumentou consideravelmente em relação ao continente africano. A participação numérica dos alunos e das alunas variou para mais (de dez para dezenove) devido a circunstância não planejada de ausências, pois as turmas seriam as mesmas. Isso ajuda no aumento do número de símbolos apontados, entretanto interessante notar conhecimentos mais aprofundados sobre o país em comparação com a África.

Pergunta um sobre a China: Qual seria a imagem síntese sobre esse país? Além desta, quais seriam os outros símbolos da China?

A diversidade de símbolos foi a principal característica dessa primeira pergunta anterior à transmissão do episódio. Os cinco destaques foram a “política do filho único” (dez citações), “Mao” (Tsé-Tung), “poluição”, “superpopulação” (nove referências de cada uma) e “comunismo” (sete indicações). Aqui se percebe uma tendência de simulacros ligados às questões populacionais, ambientais e políticas. Dentre os três grupos, as referências ligadas à política elevam ainda mais sua importância além de “Mao” e “Comunismo”. “Governo opressor”, “socialismo”, “ditadura”, “censura”, “dinastias”, “Imperadores”, “repressão”, “pouca liberdade de expressão”, “Revolução Cultural”, “socialismo de mercado”, “vigilância”, “burocracia”, “poder” são outros exemplos e que podem propor um amplo discussão sobre os diversos termos.

<sup>58</sup> Disponível em: < worditout.com/word-cloud/3569125 > Acessado em: 14 nov. 2018.

Figura 90 - Nuvem de palavras com imagens sínteses sobre a China propostas pelos alunos



Fonte: Site Word It Out<sup>59</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Acrescento outro grande grupo de citações formado por questões socioeconômicas atuais baseadas nas respostas. Citações de “indústria”, “escravo”, “fábrica”, “avanços tecnológicos”, “produção em massa”, “produtos baratos”, “made in China”, “maiores economias do mundo”, “economia desenvolvida”, “pobreza”, “desigualdade social/econômica”, “rizicultura”, além de símbolos espaciais como “Muralha” (da China) e “montanhas” e aspectos da culinária referidos como “comida típica”, “comidas atípicas”, “comida exótica”, “caixa de *Yakisoba*” e “*Fortune cookies*”.

Referências complexas e heterogêneas como as citadas acima por si já abririam um extenso debate, antes mesmo no episódio ser colocado em sala de aula. Por isso essa percepção anterior se torna muito importante para entender o nível de detalhamento e, conseqüentemente, de intertextualidades quando os estudantes assistirem os Simpsons. Outras indicações que sinalizo para possíveis diálogos entre professores e estudantes: o artista plástico “Ai Weiwei”, o filme “Karate Kid”, a cor “vermelha”, os “olhos puxados”, o artista e ativista “Lu Han”, a “língua complicada”, o “alfabeto chinês” e o “ano novo chinês”.

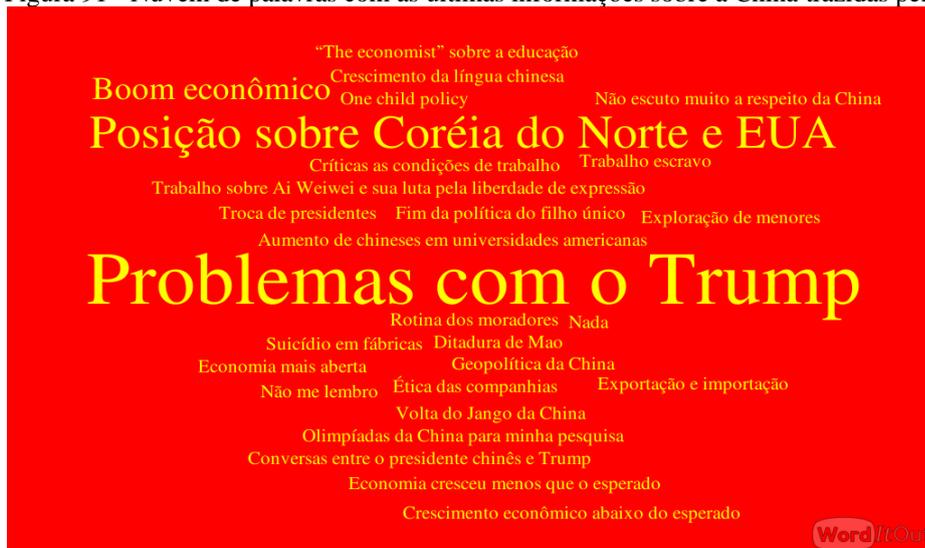
Pergunta dois sobre a China: Quais foram às imagens/informações vistas por você sobre esse país?

Diferente do continente africano, aqui as respostas aparecem em mais quantidade e qualidade. Informações históricas e atuais atingiram aos alunos com destaque para a guerra fiscal entre China e Estados Unidos no ano de 2018 identificada pelos alunos e alunas como

<sup>59</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3475640> Acessado em: 14 nov. 2018.

“problemas com o Trump” (cinco citações) e “conversas entre o presidente chinês e Trump”. Notícias atuais a respeito da “posição do país sobre Coréia do Norte e EUA”, sobre economia (“Boom econômico”, “crescimento econômico abaixo do esperado” “economia mais aberta”) e trabalho (“exploração de menores”, “Trabalho escravo”, “críticas as condições de trabalho”) também aparecem como destaques.

Figura 91 - Nuvem de palavras com as últimas informações sobre a China trazidas pelos alunos



Fonte: Site Word It Out<sup>60</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Chama atenção pequenas referências agrupadas: por referências históricas como a “volta do Jango da China” e “Mao (rise to Power, consolidation e fall)”; por pesquisas individuais como “Olimpíadas da China para minha pesquisa” e “trabalho sobre *Ai Weiwei* e sua luta pela liberdade de expressão” e por ausência de referências como “não me lembro”, “nada”, “não escuto muito a respeito da China” e “não ouço dizer muitas coisas da China no meu dia a dia, talvez por ser um ditadura não há muitas notícias internacionais”.

Pergunta três sobre a China: O que você acha que vai ser mostrado neste episódio?

A última pergunta antes da transmissão do episódio apresentou respostas, novamente, muito condizentes com um dos conceitos debatidos para a construção do outro à partir da Geografia Imaginativa: os estereótipos. “Estereotipada” (seis vezes), “clássicos estereótipos”, “estereotipação da cultura, tradições e símbolos” e “estereótipos racistas” (uma citação cada). Duas outras respostas que também podem se encaixar nesse agrupamento de percepções críticas antes dos personagens atuarem nas paisagens chinesas foram: “generalizações” e “visão

<sup>60</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3475641> Acessado em: 14 nov. 2018.

preconceituosa sobre a cultura e os costumes pelos norte-americanos que se vêem como centro do mundo”. Essa última muito interessante, pois relembra conceito de Orientalismo proposto por Said e suas impressões no século XXI.

Figura 92 - Nuvem de palavras com possíveis construções simbólicas da China no episódio *Goo Goo Gai Pan* trazidas pelas alunos antes de assistir



Fonte: Site Word It Out<sup>61</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Proponho, de forma resumida, a seleção de outras referências que chamaram à atenção ligadas ao ensino da Geografia escolar reunidos por temáticas. Sobre às questões econômicas e ambientais aparecem os termos “poluído”, “indústria”, “frase *made in China*”, “trabalho escravista”, “algo sobre tráfico infantil”, “fábricas”, “poluição exagerada”, a respeito de questões políticas identificam-se as palavras “exagero da ditadura”, “comunismo”, “Mao” e com relação das questões demográficas surgem a “população densa”, as “pessoas inteligentes”, as “muitas pessoas fisicamente parecidas” e a “população de olho fechado”. Por fim, destaco o único que apontou “*Forbidden City*” (Cidade Proibida) e uma expectativa curiosa sobre “o lado da China que não conhecemos”.

Pergunta quatro sobre a China: Quais foram as representações simbólicas que você reconheceu?

Uma extensa lista de representações simbólicas aparece nessa quarto questionamento, o primeiro após e sobre o episódio. Do mesmo modo como ocorreu no episódio sobre a África,

<sup>61</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3475643> Acessado em: 14 nov. 2018.

representações já colocadas em perguntas anteriores se juntam novidades que estão presentes no reconhecimento do programa de televisão. Em relação às repetições, os exemplos mais citados são: “dragões” – os mais reconhecidos, presentes em quatorze respostas), “muralha”, “Mao”, “comunismo”, “pessoas parecidas”, “*one child policy*”, “*fortune cookies*”, “comida chinesa”. E nas novidades destacam-se “budismo”, “panda”, “ping pong”, “espiões”, “acupuntura”.

Figura 93 - Símbolos reconhecidos no episódio *Goo goo gai pan*



Fonte: Site Word It Out<sup>62</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Relevante notar que existe um número elevado de simulacros aqui escritos, o que faz refletir à relação entre a riqueza de intertextualidades do episódio com o nível de conhecimento dos alunos e das alunas sobre os mesmos. Destacam-se exemplos que fortalecem a ideia proposta acima: primeiro o evento conhecido como Massacre da Praça da Paz Celestial (1989) em que os alunos se referem como “tanque de guerra” (três casos), “militarismo” (duas respostas) e “Massacre na Tiananmen Square” (apenas uma resposta). A questão territorial do “Tibet” é citada em três respostas, enquanto “exportações para os Estados Unidos”, “monge”, “templo” (duas cada) e mais detalhado “*Xialin Monks*” uma vez apenas.

Com objetivo de não se limitar apenas aos centros principais de interesses propostos pelos estudantes, como também buscar conteúdos não debatidos pela Geografia Escolar, temos indicações como o “machismo”, a “ignorância sobre a cultura oriental”, o “Kung Fu”, as

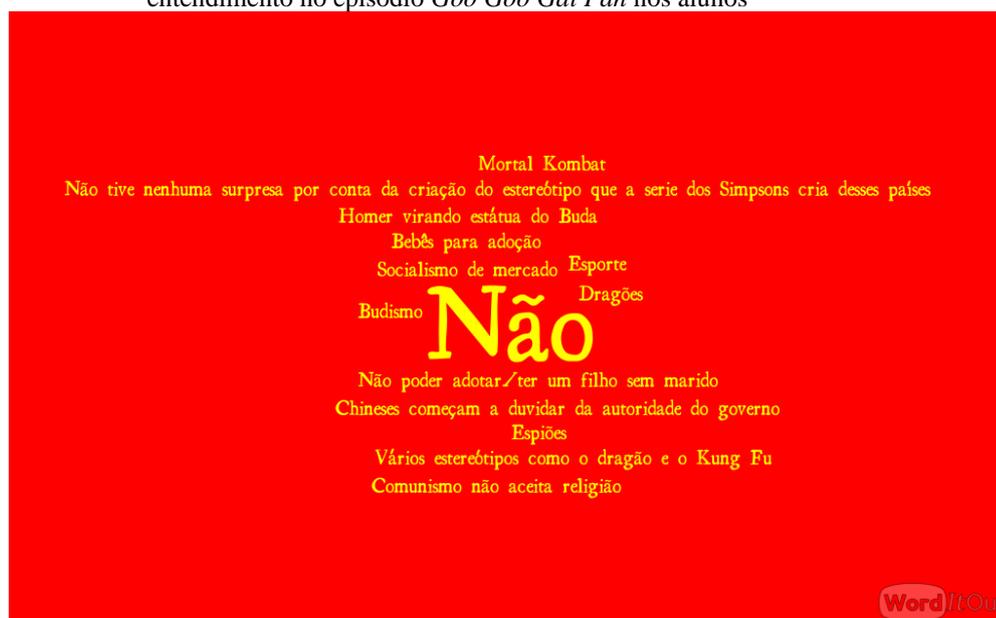
<sup>62</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3481513> Acessado em: 14 nov. 2018.

“meninas para adoção”, as “lutas marciais (Karatê)”, o “Mortal Kombat”, a “acrobacia” e “Fang Xue” que podem ser discutidos e estudados em sala de aula.

Pergunta cinco: Algum estranhamento/não entendimento/surpresa sobre alguma referência mostrada?

Até pelas respostas dadas na pergunta de número três e seguindo uma tendência do que ocorreu quando houve o questionamento à respeito do continente africano, o simples “não” foi o que mais apareceu e o único com mais de uma citação (ao todo foram quatro). A religião aparece com diferentes pontuações (“budismo”, “Homer virando estátua do Buda” e “comunismo não aceita religião”) como também as artes marciais com “vários estereótipos como o dragão e o Kung Fu”, o jogo de videogame que depois se torna filme “Mortal Kombat” e os próprios “dragões”, tão citados na pergunta número quatro, foi surpresa para um estudante.

Figura 94 - Nuvem de palavras com símbolos que causaram estranhamento, surpresa e/ou não entendimento no episódio *Goo Goo Gai Pan* nos alunos



Fonte: Site Word It Out<sup>63</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Enfatizo outras respostas com uma breve lembranças de sequencias do episódio, como “chineses começam a duvidar da autoridade do governo” (pequena sequencia de cenas no teatro de acrobacias a platéia começa um pequeno protesto contra o partido), “não poder adotar/ter um filho sem marido”, o motivo da viagem da família, já que Selma Bouvier (irmã de Marge Simpson) só poderia adotar uma criança chinesa se tivesse um marido no preenchimento dos

<sup>63</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3481521> Acessado em: 14 nov. 2018.

documentos. Por fim, aparecem outras mais críticas: “acho vários ofensivos, mas não me chocam” e “não tive nenhuma surpresa por conta da criação do estereótipo que a série dos *Simpsons* cria desses países”.

#### Pergunta seis: O que faltou e você colocaria?

Como foi muito indicada na pergunta de número um sendo uma das imagens sínteses da China, a poluição (quatro citações) foi a ausência mais sentida pelos telespectadores em sala de aula. Agrupando com “mais aspectos ambientais”, “indústria”, “indústrias”, “fábricas”, “produção em massa” e “mais sobre a potência industrial e econômica” percebe-se essa percepção por parte dos alunos e das alunas de paisagens com poluição (atmosférica) visível gerada pela grande produção industrial do país nas últimas décadas

Figura 95 - Nuvem de palavras com símbolos ausentes no episódio *Goo Goo Gai Pan* propostos pelos alunos



Fonte: Site Word It Out<sup>64</sup> (realizado pelo autor com base nas respostas dos alunos e a das alunas)

Ainda são sentidas as omissões de questões histórico-culturais através das frases “mais cultura antiga”, “História da China (sem ser o Mao)”, “mulheres sofriam com os pés apertados”, “referências sobre a cultura das regiões rurais” e “tradições”. Igualmente outros sugerem construções das cenas com “menos estereótipos” (característica base do seriado), que apareça “a Grande Muralha”, porém ela foi referida em dois momentos, o que pode nos mostrar

<sup>64</sup> Disponível em: <worditout.com/word-cloud/3481544> Acessado em: 14 nov. 2018.

desatenções momentâneas durante os episódios e uma das preocupações do professor sobre a sua ferramenta audiovisual (se ela consegue chamar a atenção de todos e/ou da maioria dos estudantes durante a atividade).

Terminado esse momento de utilização das respostas trazidas pelos alunos e pelas alunas com base nos três episódios de um seriado estadunidense sobre o Brasil, a África e a China, incrementado por todo o debate conceitual e a descrição dos episódios feitas anteriormente, o questionamento de uma aluna propõe um excelente debate final: “representação sensível e sensata da população chinesa (algum chinês contribuiu para a criação deste episódio?)”. Acredito que o pensamento não é questionar a participação ou não de um brasileiro para construir o Brasil de maneira correta (se é que existe), ou um africano e chinês representar o continente e o país, respectivamente, e sim a questão é fazer os alunos perceberem como a circulação/utilização dos estereótipos (criados por uma visão ocidental, especialmente estadunidense) está presente nos seus próprios discursos sobre o nós, e principalmente, sobre o outro dentro de uma perspectiva da Geografia Imaginativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa espero ter contribuído para o melhor entendimento da Geografia Imaginativa produzida pelas imagens audiovisuais, porém com plena consciência de que os assuntos tratados não foram esgotados em suas possibilidades interpretativas. Somente alguns pontos considerados mais relevantes dentro da narrativa foram apresentados, ficando vários outros ainda em aberto para trabalhos futuros, incluindo para o presente autor, que busca criar um laboratório de pesquisa sobre o seriado (e possivelmente de outros produtos audiovisuais) nas escolas, aliando esses recursos, com conteúdos ligados às Geografias Imaginativa e também temas interdisciplinares sobre a construção do eu, do outro e do nós, presentes na Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

A proposta principal da dissertação de ilustrar o conceito de Orientalismo proposto por Said (1978), quando o Ocidente (no caso os personagens geográficos do seriado) para se construir como uma sociedade (no caso os estadunidenses) criam e recriam o outro está presente nos três episódios escolhidos. Com doses diversificadas de simulacros e uma dinâmica atraente para os jovens, as paisagens do Brasil, da África e da China no desenho animado se lambuzam de intertextualidades e estereótipos com um humor muitas vezes ácido. E a família, heterogênea em sua formação, conjuntamente com personagens geográficos criados nas regiões visitadas atuam nessas tramas com múltiplas construções simbólicas.

Além da importância do recurso, é de muito valor a participação dos alunos e das alunas nesse delineamento das paisagens, pois são questionados anteriores e posteriores ao(s) episódio(s). Assim se constrói a idéia de que o significado não vem apenas do texto (imagético) ou do seu criador/codificador, mas também do seu leitor/decodificador. E os textos de um desenho animado famoso e premiado pelo seu humor, suas ironias, seus estereótipos, suas sátiras e suas intertextualidades tem suas proposições orientalistas apresentadas nos episódios pelos seus criadores/codificadores que são, dentro de sala de aula, agregados à participação dos alunos do ensino médio no Brasil, enquanto leitores/decodificadores. Ao estimular a reflexão dos alunos antes e depois dos três episódios selecionados, as atividades conseguiram criar uma riqueza de construções, desconstruções e reconstruções de visões, pensamentos, interpretações sobre essas paisagens simbólicas.

Sobre cada um desses episódios com zonas de contato entre estadunidenses e estrangeiros, observações interessantes feitas pelos espectadores se repetem muitas vezes, ou seja, as imagens globalizadas presentes no seriado e em outros textos de determinadas regiões

do mundo conseguiram atingir os entrevistados brasileiros antes da ilustração feita pelo criador. Contudo interessante buscar também as diferenças de percepções entre o seriado (globalizado) e o conhecimento dos alunos (local). Um exemplo polêmico sobre essas diferenças se apresenta na ideia de que os brasileiros se vêem parte da sociedade nomeada por Said como Ocidente, pois espacialmente estamos no lado ocidental em relação ao Meridiano de Greenwich, e como está apresentado em muitos mapas nos livros didáticos. Entretanto o Brasil, de acordo com perspectiva do autor e das construções audiovisuais euroamericanas, se inclui conjuntamente com a China e a África nos termos Oriental, exótico. Amancio (2000) também identifica essa conceituação e a série *The Simpsons* faz parte desse grupo que em cerca de vinte e dois minutos de duração apresentou a maioria (se não todas) as sete características principais propostas por Guibbert (1988) sobre o Brasil nas construções audiovisuais do dito Ocidente.

Ainda sobre o Brasil, inúmeros são os caminhos para a interseção de referências, assim como para a diferenciação das mesmas quando comparamos o seriado e a opinião dos estudantes. Símbolos espaciais nomeados (Rio de Janeiro, praia, Cristo Redentor, Pão de Açúcar, favela, carnaval) e não espaciais gerais (elementos da natureza, assaltos, violência) aparecem claramente nas duas delimitações – global e local. Novamente fortaleço as muitas discordâncias quando se constrói o eu e o nós, no caso o Brasil, pelo o outro (os estadunidenses) que estimularam ao longo de todo o ano letivo um debate aberto sobre alteridade, onde realmente muitos dos entrevistados (assim como o ex-secretário de turismo do Rio de Janeiro e o ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso) ficaram ofendidos com a forma com que uma cidade no seu país de moradia são desenhados.

Para possivelmente apimentar ainda mais o debate e como uma última referência sobre o país sulamericano no seriado ainda não citada (e também não utilizada em sala de aula), em um pequeno trecho do episódio *The wife Aquatic*(2007), enquanto a família viaja de barco para uma ilha chamada *Barnacle Bay* no estado de *New England* a personagem Lisa afirma inicialmente (em tradução livre) “esse é o lugar mais desagradável que nós já fomos”, depois é questionada por Bart “E o Brasil?” e a irmã conclui “depois do Brasil!”.

Com respeito à percepção agora pelos alunos e pelas alunas do outro o continente africano se apresenta com pouquíssimas referências, o que trás um questionamento sobre a prática da Lei número 10.639/2003 nas instituições de Ensino. Assim, pela ausência de conhecimento (ou falta de interesse pelo continente) as respostas são rasas e muitas novidades espaciais expostas no episódio (rico em símbolos não apenas geográficos) precisam ser debatidas. Este recurso didático poderia auxiliar na construção de novas práticas de ensino sobre

o continente africano em si e a importância do continente na formação espacial e sociocultural do brasileiro.

Interessante notar que apesar de seguir os padrões de produções audiovisuais hollywoodianos sobre o continente africano – é a única das três paisagens visitadas com um termo continental e não nacional – com animais (principais citações feitas pelos alunos e pelas alunas), tribos e ausência de vida urbana, o episódio apresenta mais do que isso, com muitos simulacros espaciais (Monte Kilimanjaro, Cataratas Vitória, Garganta de Olduvai, Reserva Natural de Ngorongoro são alguns dos exemplos), além de outras referências sobre a questão da fome (breve e sarcasticamente), a sociedade Massau, os sítios arqueológicos, a exploração de diamantes, criando assim uma vastidão de opções para os debates ausentes nas referências iniciais dos alunos.

Diferente do outro africano, agora sobre a China, atual potência econômica, a complexidade de símbolos do episódio foi muito bem acompanhada pelos conhecimentos dos alunos e das alunas e que às vezes vão além. O que nos leva a mais um questionamento como professor/educador para próximos projetos: como e por que essa diferenciação de número de símbolos tão grande entre China e África? Múltiplas são as referências ligadas à política do país, como o presidente Mao Tsé-Tung, o comunismo, o socialismo e a política do filho único; as construções espaciais feitas pelo ser humano, como a Grande Muralha da China e a Praça da Paz Celestial e questões socioeconômicas como trabalho, importação e exportação de produtos que aparecem tanto no episódio como nas respostas dos educandos. Porém mesmo com numerosas referências e leituras de notícias (normalmente de base político-econômica) bem atualizadas, outros simulacros só são lembrados quando apareceram na veiculação do episódio (o urso panda e a acupuntura são exemplos). Em outras vertentes ligadas ao poder imagético, o episódio ocorrido em 1989 na Praça da Paz Celestial e intertextualidade de sua foto marcante e premiada praticamente não é identificada por alunos e alunas, como também muitos desses sugerem (ausente no episódio) abordar a questão da poluição no país.

Uma última observação que necessita de atenção para o presente trabalho (e futuros) está na influência da ordem das transmissões e atividades. Como o episódio sobre a China foi veiculado depois do episódio *Simpson Safari*, a resposta “estereotipada” é a que mais aparece na pergunta número três sobre o que se espera do episódio, apontando um determinado entendimento de uma característica marcante do seriado no episódio visto anteriormente sobre a África e todo o debate durante as aulas que seguiram sobre o continente.

Acredito que esta série não foi a única e não será a última a ganhar prêmios e superar recordes, entretanto é uma produção audiovisual que possui estudos em diversas áreas da

comunicação e do estudo sobre a televisão, da matemática a filosofia, sendo estes feitos predominantemente na língua inglesa (muitos sem tradução), faltando ainda pesquisas com olhar geográfico escritas em português (e também em inglês). E acrescento que essa série animada tem como aliado o riso libertador do medo da situação real, traduzido na forma do humor livre, ao mesmo tempo corrosivo de nossos atos cotidianos, que são o oposto do tom sério da atuação oficial, oferecendo para o observador um segundo mundo sarcástico e polêmico.

Ficam aqui sugestões para estudos futuros que poderão ser feitos incorporando outros episódios. Por experiência própria de prática de sala de aula, pode-se reconhecer a grande potencialidade na formulação de questionamentos relacionados aos estereótipos, as controversias e as intertextualidades criados a partir das zonas de contato entre Ocidente e Ocidente – Estados Unidos e Europa – nos episódios sobre Inglaterra (*The Regina Monologues*), França (em diferentes ocasiões), Itália (*The Italian Bob*) e Irlanda (*In the name of the grandfather*). Acrescento outros exemplos de Orientalismo nos episódios sobre a Índia (*Kiss, Kiss bang Bangalore*), o Japão (*Thirty minutes over Tokyo*) e a Austrália (*Bart vs Australia*). E sinalizo também para o episódio à respeito do Estado de Israel e o comportamento dos personagens geográficos (em especial Homer Simpson) nesse espaço visto como sagrado por três religiões monoteístas (*The Greatest Story Ever D'ohed*), além das diversas ausências mais polêmicas.

Depois disso, para o aprimoramento das duas atividades aqui apresentadas, apresenta-se a ideia, de ao invés de formular perguntas anteriores, viabilizar produções audiovisuais feitas pelos próprios alunos sobre o país e/ou a região do mundo selecionada (como também sobre o Brasil) e depois comparar com os episódios. Acredito que com um projeto mais amplo, pode-se buscar a formação de uma grande projeto, costurado através de uma avaliação final como forma de identificar os efeitos (positivos e negativos) das atividades, dos episódios e de seus debates baseados nos conceitos e conhecimentos da ciência Geográfica no ensino escolar.

Além dessas temáticas e práticas relacionadas à Geografia cultural e a percepção do mundo, ficam as sementes plantadas para possíveis atividades futuras nas mais diversas áreas que podem valer-se da linguagem cotidiana do desenho animado para estudos multidisciplinares com produção de conhecimentos escolares e/ou científicos. Apresento como exemplo uma proposta relacionada a Geografia Urbana e a Cartografia, produzindo e organizando o mapa da cidade *Springfield*, espaço de atuação constante nos episódios e que dão características aos personagens. A cidade fictícia possui variações constantes que acompanham as inovações e tendências (espaciais ou não) ao longo das trinta temporadas, tornando o projeto

um desafio maior para aqueles que explorarão a série e buscarão visualizar os padrões urbanos e as características físicas e naturais da cidade fictícia.

Tudo isso somado nos mostra que o estudo não deve ficar restrito a apenas essa pesquisa, pois quando bem planejado, outras janelas se abrem para o uso do seriado ou de outro recurso visual, podendo ser, porque não, um desenho animado, no ambiente escolar e na produção científica. Finalizo com a idéia de que muito do que aprendemos sobre e com o mundo atualmente acontece à partir das imagens, desde a infância até a terceira idade estamos exercendo atividades visuais em telas – atualmente de celulares –, então analisar essas produções e os agentes produtores é essencial para entender o mundo e atuar de forma local e global. Como educador sinto que criando um leitor/espectador intertextualmente organizado, o número de produtores de criações intertextualmente organizadas crescerá e como Geógrafo, pensando sobre e com o olhar espacial (imaginativo ou não) que está presente em todos os estudantes, acredito que esse olhar necessita ser descoberto e estimulado, fugindo sempre dos preconceitos e das intolerâncias.

## REFERÊNCIAS

- ANCINE – AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA. *Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2017*. Disponível em:  
[https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario\\_2017.pdf](https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario_2017.pdf).
- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- \_\_\_\_\_. Tempo livre. In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AITKEN, S. C.; ZONN L. E. (orgs.). *Place, power, situation, and spectacle: a geography of film*. USA: Rowman & Littlefield, 1994.
- ALBANOZ, R.; SINGLES, T. *Beyond Representation: Film as a Pedagogical Tool in Urban Geography*, *Journal of Geography*, 113:2, 58-67, 2014
- ALBERTI, J. *Leaving Springfield: The Simpsons and the Possibility of Oppositional Culture*. USA, Wayne State University Press, 2004.
- ALDERMAN, D. H.; POPKE, E. J. *Humor and Film in the Geography Classroom: Learning from Michael Moore's TV Nation*, *Journal of Geography*, 101:6, 228-239, 2002.
- AMANCIO, T. *O Brasil dos gringos: imagens do cinema*. Niterói: Intertexto, 2000.
- ANSARAH, M. G. (Org.) *Como aprender, como ensinar turismo*. São Paulo: SENAC, 2000.
- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Mitologias*. São Paulo, Difel, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O Império dos Signos*. São Paulo, Martins Fontes, 2007
- BORIA, E. *One Stereotype, Many Representations: Turkey in Italian Geopolitics*. *Geopolitics Journal*, v.11, p. 484-506. 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2016. Disponível em:  
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: dez. 2016.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC*. Brasília, DF, 2017. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=56621-bnccapresentacao-fundamentos-pedagogicos-estrutura-pdf&category\\_slug=janeiro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=56621-bnccapresentacao-fundamentos-pedagogicos-estrutura-pdf&category_slug=janeiro-2017-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: dez. 2018.

- \_\_\_\_\_. Lei número 10.639, de 09 de janeiro de 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 01 dez. 2018
- CERTEAU, M. de. *L'invention Du quotidien..* Paris, Arts de faire Gallimard, 1980.
- CASTELLS, M. Entrevista concedida a Folha de São Paulo. Salvador, 18 mai. 2015.
- CLAVAL, P. *Terra dos homens: a geografia*. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- COLE, A. *Distant Neighbours: The New Geography of Animated Film Production in Europe*. *Regional Studies*, 42:6, p. 891-904, 2008
- CORRÊA, R. L. *Formas simbólicas e espaço: algumas considerações*. *Aurora Geography Journal*, v.1, p.11-19, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Denis Cosgrove – A paisagem e as imagens, espaço e cultura*, *Revista Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n.29, p.7-21, 2011
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Cinema, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Geografia Cultural: uma antologia (volume 1)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Geografia Cultural: uma antologia (volume 2)*. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2013.
- COSTA, M. H. B. V. *Geografia Cultural e Cinema: Práticas, Teorias e Métodos*. In Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny e (orgs.) *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp.43-78, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Cidades e lugares culturais, espaços e geografias fílmicas: compondo imageticamente o lugar*. *Espaço e Cultural*, UERJ, RJ, n.36, p. 139-153, 2014
- CRAMPTON, A., POWER, M.; *Reel Geopolitics: Cinemato-graphing Political Space*. *Geopolitics Journal*, v. 10, p. 192-203, 2005.
- DA MATTA, R.. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986.
- DEBESSE-ARVISET, M. L. *A Educação Geográfica na Escola*. Coimbra: Almedina, 1978.
- DITTMER, J.; DODDS, K. *Popular Geopolitics Past and Future:Fandom, Identities and Audiences*.*Geopolitics Journal*, v.13, p.437-457, 2008
- DODDS, K. *Screening Geopolitics: James Bond and the Early Cold War films (1962–1967)*, *Geopolitics Journal*, v. 10, p.265-289, 2005.
- DODDS, K., KIRBY, P. *It's Not a Laughing Matter: Critical Geopolitics, Humour and Unlaughter*, *Geopolitics Journal*,v.18, p.45-59, 2013
- DUARTE, R. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002,

DUNCAN, J. e GREGORY, D. (eds.) *Writes of Passage: Reading Travel Writing*. London and New York: Routledge, 1999.

FISKE, J.; HARTLEY, J. *Reading Television*. New York: Routledge, 2003.

FISHER, R. M. B. *Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FORNAS, J. *Cultural Theory and Late Modernity*. London: Sage 1995.

FRANZÃO, C. R. da S. *A intertextualidade geradora de sentido no gênero desenho animado de núcleo familiar "Os Simpsons"*, Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2009

FREIRE-MEDEIROS, B. *O Rio de Janeiro que Hollywood inventou*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *A construção da favela carioca como destino turístico*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FREQUEST A.(org.). *Novas imagens do desaprender – Uma experiência de aprender cinema entre a cinemateca e a escola*. Rio de Janeiro: CINEAD/UFRJ, 2007.

GITLIN, T. *Mídias sem limite: Como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GRAY, J. *Watching with The Simpsons: Television, Parody, and Intertextuality*. USA: Routledge, 2006.

HALL, S. *Representations: Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: Sage Publications, 1997.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal 2017 – PNAD contínua*. Rio de Janeiro, 2018.

IRWIN, W. I.; CONARD, M. T.; SKOBLE, A. J. (Eds.). *Os Simpsons e a Filosofia: O D'oh! de Homer*. São Paulo, SP: Madras, 2001.

JAIN, Anil K. *Space and Imagination*, International Review of Sociology:Revue Internationale de Sociologie, , p.529-545, 2005.

LEITE, M. da S. P. *Vozes e imagens do morro: as favelas cariocas no cinema brasileiro*. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2000, p.49-67

LOWENTHAL, D. *Caribbean Views of Caribbean Land*. Canadian Geographer. 2 (1). 1961a, pp. 1-9.

- \_\_\_\_\_. “Geography, Experience and Imagination: Towards a Geographical Epistemology”. In: CHRISTOFOLETTI, A.. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982, pp.103-141.
- \_\_\_\_\_. “The American Scene”. *Geographical Review*. 58(1).1968, pp. 61-88.
- \_\_\_\_\_. *West Indians Society*. Oxford: Oxford University Press, 1972.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. (trad. Decio Pignatari). São Paulo: Cultrix, 1971
- MELLO, J. B. F. *Simbólicas Datas*. In: Zeny Rosendahl; Roberto Lobato Corrêa. (Org.). *Temas e Caminhos da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, v. 1, p. 261-276. 2010.
- \_\_\_\_\_. *Jovem e centenário Bondinho do Pão de Açúcar*. *Jornal O Dia on Line*. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/opinia/jo%C3%A3o-baptista-ferreira-de-mello-jovem-e-centen%C3%A1rio-bondinho-do-p%C3%A3o-de-a%C3%A7%C3%BAcar-1.509809>. Acesso em 15 de dezembro de 2017.
- MITTELL, J. *Genre and television: From Cop Shows to Cartoons in America culture*. New York and London: Routledge, 2004.
- NAME, L. *Mandrake e Miss Simpson moram no Rio: o olhar norte-americano construindo e singularizando a capital carioca em dois filmes nacionais*. São Paulo: Arquitextos, v. 126, 2010, p. 1-15.
- \_\_\_\_\_. *Geopolítica da Imagem e a Geografia de Indiana Jones*. *Abordagens geográficas*, v. 1, 2010, p. 43-70
- \_\_\_\_\_. *Geografia pop. O cinema e o outro*. 1a.ed. Rio de Janeiro: Apicuri/Editora da PUC - Rio, 2013.
- NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo. Editora Contexto. 2003
- NOVAES, A. R. *A Geografia Regional na Escola*. *Discutindo a Geografia*, São Paulo, 01 ago. 2007, p. 62 – 63
- \_\_\_\_\_. *Uma Geografia Visual? Contribuições para o Estudo do uso das Imagens na Difusão do Conhecimento Geográfico*. *Espaço e Cultura (UERJ)*, v. 30, 2011, p. 6-18
- \_\_\_\_\_. *Nas Trilhas do Filme. A Imagem Como Experiência e a Experiência como Imagem*. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 3, 2013, p. 68-91
- NUNES, N. da S. *A Categoria paisagem e sua comercialização pelo turismo, no contexto da região das baixadas litorâneas*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 2017
- PALMA, M. T. di. *Teaching Geography Using Films: A Proposal*. *Journal of Geography*, 108:2, 47-56, 2009

PRATT, M. L., *Os olhos do Império*. Bauru: São Paulo: EDUSC, 1999

\_\_\_\_\_. *A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco*. Travessia: Florianópolis, n.38, 1999. p.7-29.

RIO DE JANEIRO. *PROJETO DE LEI Nº 779/2006*. Disponível em: <[http://www.camara.rj.gov.br/spldocs/pl/2006/pl0779\\_2006\\_006614.pdf](http://www.camara.rj.gov.br/spldocs/pl/2006/pl0779_2006_006614.pdf)>. Acesso em: 01 dez. 2018

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, Darcy Ribeiro. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 1995.

ROSE, G. *On the need to ask how, exactly, is geography “visual”?* Antipode, v. 35 (2)

SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Título original: Orientalism (1978)

\_\_\_\_\_. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Dinese Buttman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

SHARP, J. *Geographies of Postcolonialism: Spaces of Power and Representation*. London, UK. SAGE Publications, 2009.

SANTOS, A. P. *Notas introdutórias sobre geografia e cinema: reflexões em torno da experiência da morada na Cidade de Deus e no Edifício Master*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense (UFF), 2015.

SILVA, M. V. B. *Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014115810>.

SIQUEIRA, E. D. *Turismo, Imagem e Cultura: Representações sociais do Estado e do Poder nos cartões-postais da cidade do Rio de Janeiro*. Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2009.

TERRANCE, V. *Encyclopedia of television shows, 1925 through 2007*. North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2009

THOROGOOD, J. *Satire and Geopolitics: Vulgarity, Ambiguity and the Body Grotesque in South Park*, Geopolitics Journal, v. 21:1, 215-235, 2016

TOMAZZONI, E. L. *Análise do discurso turístico da serra gaúcha*. Em Questão, v. 12, n. 2, p. 339-365, 2006.

TRAVIS H., *Television Nations: Imagined Communities in the Simpsons*, Bachelor of Communication and Media Studies (Honours) thesis, School of Social Sciences, Media and Communication, Faculty of Arts, University of Wollongong, 2012.

TUAN, Y. F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. F. *Sight and Pictures*. Geographical Review, v.69, p. 413-422, 1979.

VAINIKKA, Vilhelmiina. *Travel agent discourses of mass tourism: beyond stereotypes?*, *Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment*, v. 16:2, p. 318-332, 2014

VOGELER, I. *Teaching world regional geography through films*. Geography Online 12 (1): 1–14. 2012

## Audiovisuais

### Episódios utilizados (fontes primárias)

BLAME IT ON LISA (*Feitiço de Lisa*). Diretor: Steven Dean Moore. Escritor: Bob Bendetson. Temporada 13, episódio n.284, mar. de 2002.

GOO GOO GAI PAN (*Goo Goo Gai Pan*). Diretor: Lance Kramer. Escritor: Lawrence Talbot. Participações especiais: Robert Wagner e Lucy Liu. Temporada 16, episódio n.347, mar. de 2005.

SIMPSON SAFARI (*O safári*). Diretor: Mark Kirkland. Escritor: Jonh Swartzwelder. Temporada 12, episódio n.265, abr. 2001.

YOU DON'T HAVE TO LIVE LIKE A REFEREE (*Os Simpsons na Copa do Mundo*). Diretor: Mark Kirkland. Escritor: Michael Price. Participação especial: Andrés Castor. Temporada 25, episódio n.546, mar. 2014

### Episódios citados

BART VS. AUSTRALIA (*Bart vs. Austrália*). Diretor: Wes Archer. Escritor: Bill Oakley e Josh Weinstein. Temporada 6, episódio n.119, fev. 1995

BART ON THE ROAD (*Bart pega a estrada*). Diretor: Swinton O. Scott III. Escritor: Richard Appel. Temporada 7, episódio n.148, mar. 1996

DEEP SPACE HOMER (*Homer astronauta*). Diretor: Carlos Baeza. Escritor: David Mirkin. Temporada 5, episódio n.96, fev. 1994.

E-I-E-I-DO'H (*Homer, o fazendeiro*). Diretor: Bob Anderson. Escritor: Ian Maxtone-Graham. Temporada 11, episódio n.231, nov. 1999.

HAVANA WILD WEEKEND (*O Inesquecível Fim de semana em Havana*). Diretor: Bob Anderson. Escritores: Deb Lacusta, Dan Castellaneta e Peter Tilden. Temporada 28, episódio n. 603, nov. 2016

HOMER AND APU (*Homer e Apu*). Diretor: Mark Kirkland. Escritor: Greg Daniels. Temporada 5, episódio n.94, fev. 1994

IN THE NAME OF THE GRANDFATHER (*Em nome do avô*). Diretor: Ralph Sosa. Escritor: Matt Marshall. Participação especial: Colm Meaney, Glen Hansard e Markéta Irglová. Temporada 20, episódio n.434, mar. 2009

KAMP KRUSTY (*Acampamento Krusty*). Diretor: Mark Kirkland Escritor: David M. Stern  
Temporada 4, episódio n.60, set. 1992

KISS, KISS, BANG BANGALORE (*Beijos, Beijos, Golpe a Indiana*). Diretor: Mark  
Kirkland. Escritores: Deb Lacusta e Dan Castellaneta. Temporada 17, episódio n.373, abr.  
2006

LISA'S SAX (*O saxofone de Lisa*). Diretor: Dominic Polcino. Escritor: Al Jean . Temporada  
9, episódio n.181, out. 1997.

LISA, THE VEGETARIAN (*Lisa, a vegetariana*). Diretor: Mark Kirkland. Escritor: David X.  
Cohen. Participação especial: Paul McCartney. Temporada 7, episódio n.133, out. 1995.

MIDNIGHT RX (*O Expresso Homer*). Diretor: Nancy Kruse. Escritor: Marc Wilmore.  
Temporada 16, episódio n.341, jan. 2005.

NO GOOD READ GOES UNPUNISHED. Diretor: Mark Kirkland. Escritor: Jeff Westbrook.  
Temporada 29, episódio 633, abr. 2018.

\$PRINGFIELD or how I Learned to Stop Worrying and Love Legalized Gambling (\$  
*pringfield*) Diretor: Wes Archer. Escritor: Bill Oakley e Josh Weinstein. Temporada 5,  
episódio n.91, dez. 1993.

SHE OF LITTLE FAITH (*Uma questão de fé*). Diretor: Steven Dean Moore. Escritor: Bill  
Freiberger Participação especial: Richard Gere. Temporada 13, episódio n.275, dez. 2001.

THE BART WANTS WHAT IT WANTS (*O Bart quer o que quer*). Diretor: Michael  
Polcino. Escritores: John Frink e Don Payne. Temporada 13, episódio n.280, fev. 2002

THE CREPES OF WRATH (*Os crepes da ira*). Diretores: Wesley Archer e Milton Gray.  
Escritores: George Meyer, Sam Simon, John Swartzwelder e Jon Vitti. Temporada 1, episódio  
n.11., abr. 1990.

THE DEVIL WEARS NADA (*O diabo veste nada*). Diretor: Nancy Kruse Escritor: Tim  
Long. Temporada 21, episódio n.446, nov. 2009

THE GREATEST STORY EVER D'OHED (*A Maior História já Contada*). Diretor: Michael  
Polcino. Escritor: Kevin Curran. Participações especiais: Sacha Baron Cohen e Yael Naim.  
Temporada 21, episódio n.457, mar. 2010.

THE ITALIAN BOB (*O Bob italiano*). Diretor: Mark Kirkland. Escritor: John Frink.  
Participação especial: Maria Grazia Cucinotta Temporada 17, episódio n.364, dez. 2005

THE REGINA MONOLOGUES (*Os Monólogos da Rainha*). Diretor: Mark Kirkland  
Escritor: John Swartzwelder. Participações especiais: Jane Leeves, Tony Blair e Ian  
Mckellen. Temporada 15, episódio n., nov. 2003.

THE SPRINGFIELD CONNECTION (*Operação Springfield*). Diretor: Mark Kirkland.  
Escritor: John Collier. Temporada 6, episódio n.126, mai. 1995

THE TROUBLE WITH TRILLIONS (*Um negócio de Trilhões*). Diretor: Swinton Scott. Escritor: Ian Maxtone-Graham. Temporada 9, episódio n.198, abr. 1998

THE WIFE AQUATIC (*A esposa aquática*). Diretor: Lance Kramer. Escritor: Kevin Curran. Temporada 18, episódio n.388, jan. 2007.

THIRTY MINUTES OVER TOKYO (*Trinta minutos sobre Tóquio*). Diretor: Jim Reardon. Escritores: Donick Cary e Dan Greaney. Temporada 10, episódio n.226, mai. 1999

TO COURIER WITH LOVE (*Uma entrega com amor*). Diretor: Timothy Bailey. Escritor: Bill Odenkirk. Temporada 27, episódio n. 594, mai. 2016

### Filmes citados

ACE VENTURA: WHEN NATURE CALL (*Ace Ventura 2: Um maluco na África*). Direção: Steve Oedeker. Elenco: Jim Carrey, Ian McNeice, Simon Callow, Maynard Eziashi. Warner Bros. Pictures, EUA, 1995 (1h 30m).

ANACONDA (*Anaconda*). Diretor: Luis Llosa. Elenco: Jon Voight, Jennifer Lopez, Ice Cube. Columbia Pictures, Brasil, Peru, EUA, 1997 (1h 29m).

A STREETCAR NAMED DESIRE (*Uma Rua Chamado Pecado*). Direção: Elia Kazan, Elenco: Vivien Leigh, Marlon Brando, Kim Hunter. Warner Bros Pictures, EUA, 1951. (2h 02min).

BLAME IT ON RIO (*Feitiço do Rio*). Diretor: Stanley Done. Elenco: Michael Caine, Joseph Bologna, Valerie Harper, Michelle Johnson, Demi Moore. Sherwood/20<sup>th</sup> Century Fox, EUA, 1994 (1h 40m).

BRIDE OF FRANKSTEIN (*A noiva Frankstein*). Direção: James Whale. Elenco: Colin Clive, Boris Karloff, Valerie Hobson. Universal Studios, EUA, 1935 (1h 11m).

CIDADE DE DEUS. Direção: Fernando Meirelles e Kátia Lund. Elenco: Alexandre Rodrigues, Leandro Firmino da Hora, Phellipe Haagensen. O2 Filmes/Globo Filmes, Brasil, 2002 (2h 15m)

COMING TO AMERICA (*Um príncipe em Nova York*). Direção: John Landis. Elenco: Eddie Murphy, Arsenio Hall, James Earl Jones. Paramount Pictures, EUA, 1988 (1h 56m).

KICKBOXER 3: THE ART OF WAR (*Kickboxer 3*). Diretor: Rick King. Elenco: Sasha Mitchell, Dennis Chan Richard Comar, Noah Verdusco, Alethea Miranda, Milton Gonçalves. King Road Entertainment/MPC/Live Entertainment, 1992 (1h 32m).

LAMBADA – SET THE NIGHT ON FIRE (*Lambada em Los Angeles*). Diretor: Joel Silberg. Elenco: J. Eddie Peck, Melora Hardin, Shabba Doo, Warner Bros Pictures, EUA, 1990 (1h 44m)

MOONRAKER (*007 contra o foguete da morte*). Diretor: Lewis Gilbert. Elenco: Roger Moore, Lois Chiles, Michael Lonsdale, Richard Kiel, Corinne Clery. Eon Productions Ltd./Les Production Artistes Associés/United Artists, RU-França-EUA, 1979 (2h 06m).

ORFEU NEGRO. Direção: Marcel Camus. Elenco: Breno Mello, Marpessa Dawn, Léa Garcia, Adhemar Ferreira da Silva. Dispat Films/ Gemma/ Cinematografica/ Tupan Filmes, Brasil/França/Itália, 1959 (1h 40m).

SALUDOS AMIGOS (*Alô, amigos*). Diretor: Norman Ferguson, Wilfred Jackson, Jack Kinney, Hamilton Luske, Bill Roberts. Elenco: Clarence Nash, José Oliveira, Pinto Colving (vozes), Walt Disney. Walt Disney Pictures/RKO Pictures, 1942 (42 m).

THE BOYS FROM BRAZIL (*Os meninos do Brasil*). Diretor: Franklin Schaffner. Elenco: Gregory Peck, Laurence Olivier, James Mason. 20<sup>th</sup> Century Fox, EUA/Reino Unido, 1978 (2h 05m).

THE LION KING (*O Rei Leão*). Direção: Roger Allers, Rob Minkoff. Gênero: Animação. Walt Disney Animation Studios, EUA 1994 (1h 29m).

THE LION KING II: SIMBA'S PRIDE (*O Rei Leão 2: o retorno de Simba*). Direção: Darrell Rooney. Gênero: Animação. Walt Disney, EUA, 1998 (1h 21m).

THE THREE CABALLEROS (*Você já foi a Bahia?*). Diretor: Norman Ferguson. Elenco: Clarence Nash, Joaquin Garay, José Oliveira, Aurora Miranda, Sterling Holloway. Walt Disney Pictures, EUA, 1945 (1h 12m).

THE SIMPSONS MOVIE (*Os Simpsons: o filme*). Diretor: David Silverman. Gênero: Animação. 20<sup>th</sup> Century Fox, EUA, 2007 (1h 27m)

TROPA DE ELITE. Diretor: José Padilha. Elenco: Wagner Moura, André Ramiro, Milhem Cortaz, Caio Junqueira. Universal Pictures, Brasil, 2007 (1h 58m)

TROPA DE ELITE 2: O INIMIGO AGORA É OUTRO. Diretor: José Padilha. Elenco: Wagner Moura, Irandhir Santos, André Ramiro, Milhem Cortaz. Zazen Produções, Brasil, 2010 (1h 55m)

### **Programas de televisão citados**

AMERICAN DAD! Formato:Série de desenho animado. Gênero: Sitcom. Criador: Underdog Productinos/Fuzzy Door Productions/Fox Television Animation/20th Century Fox Television, EUA, inglês, 2005 – presente

FAMILY GUY (*Uma Família da Pesada*). Formato: Série de desenho animado Gênero: Sitcom. Criador: Seth MacFarlane. Fox Broadcasting Company, EUA, inglês, 1999 - presente  
FUTURAMA (*Futurama*). Formato: Série de desenho animado. Criador:Matt Groening. Fox Broadcasting Company, EUA, inglês, 1999 – 2013.

MIAMI VICE (*Miami Vice*). Formato: Série. Gênero: Ação/policial. Elenco: Don Johnson, Philip Michael Thomas, [Edward James Olmos](#). EUA, inglês, 1984 – 1990.

TELETUBBIES. Formato: Série. Gênero: Infantil. Autores: Anne Wood e Andrew Davenport. BBC/Ragdoll Productions/Discovery Kids. EUA/Reino Unido, inglês, 1997 – presente.

THE FLINSTONES (*Os Flintstones*). Formato: Série de desenho animado. Gênero: Sitcom. Criadores: William Hanna e Joseph Barbera. EUA, inglês, 1960 – 1966.

THE JETSONS (*Os Jetsons*). Formato: Série de desenho animado. Gênero: Sitcom. Autores: William Hanna e Joseph Barbera. EUA, inglês, 1962 – 1963, 1985 – 1987.

THE TRACEY ULMAN SHOW. Formato: Série. Gracie Films/20th Century Fox Television. EUA, inglês, 1987 – 1990.

SOUTH PARK. Formato: Série de desenho animado. Gênero: Comédia. Autores: Trey Parker e Matt Stone. EUA, inglês, 1997 – presente.

VILA SÉSAMO. Formato: Série. Criadores: José Bonifácio de Oliveira Sobrinho e Cláudio Petraglia (baseado em Sesame Street criado por Joan Ganz Cooney e Lloyd Morrisett. Brasil, português, 1972 – 1977

XOU DA XUXA. Formato: Programa de auditório. Elenco: Xuxa Meneghel e turma da Xuxa. Rede Globo, Brasil, português, 1986 – 1992

### **Endereços eletrônicos**

ADORO CINEMA Anaconda - Filme 1997. Disponível em:

<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-11511/>> Acesso: 01 dez. 2018

AMAZON. Try and Stop Us America Funny Cartoon T Shirt: Clothing. Disponível em:

<<https://www.amazon.com/Stop-America-Funny-Cartoon-Shirt/dp/B00XJUC55G>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TELEVISÃO POR ASSINATURA (ABTA). Histórico. Disponível em: <<http://www.abta.org.br/historico.asp>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

BLOG CLEUBER CARLOS: Os Simpsons: Episódio Completo da Copa do Mundo no Brasil. Disponível em: <<http://cleubercarlos.blogspot.com/2014/04/os-simpsons-episodio-completo-da-copa.html>>. Acesso: 01 dez. 2018

BRILLIANT MAPS. Map Of The Town of Springfield From The Simpsons. Disponível em: <<https://brilliantmaps.com/springfield-simpsons/>>. Acesso em: 22 set. 2018.

FEITIÇO DO RIO (Capa do DVD). Disponível em: <[https://http2.mlstatic.com/feitico-do-rio-blame-it-on-rio-D\\_NQ\\_NP\\_761684-MLB25914055503\\_082017-F.jpg](https://http2.mlstatic.com/feitico-do-rio-blame-it-on-rio-D_NQ_NP_761684-MLB25914055503_082017-F.jpg)>. Acesso em: 01 dez. 2018.

ESTADÃO DE SÃO PAULO. Episódio dos "Simpsons" no Brasil divide opiniões - Política. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,episodio-dos-simpsons-nom-brasil-divide-opinioes,20020407p52514>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FOLHA ON LINE. Netflix atinge 118,9 milhões de assinantes - 17/04/2018 - Mercado. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/04/netflix-atinge-1189-milhoes-de-assinantes.shtml>> . Acesso em: 01 dez. 2018

\_\_\_\_\_. Ilustrada - Fox exibe três vezes comunicado de alerta sobre "Os Simpsons" - 08/12/2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u29303.shtml>>>. Acesso em: 01 dez. 2018

\_\_\_\_\_. Brasil - Riotur diz que processará produtora de "Os Simpsons" - 06/04/2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u31065.shtml>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Ilustrada - Episódio dos Simpsons no Brasil concorre a prêmio nos EUA - 07/02/2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u30561.shtml>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

G1 - Parque temático dos Simpsons é inaugurado em Orlando - notícias em Turismo e Viagem. Disponível em: <<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/08/parque-tematico-dos-simpsons-e-inaugurado-em-orlando.html>>. Acesso em: 01 ago. 2018

IMAGEM DA FAMÍLIA Simpsons sentada no sofá para assistir televisão. Disponível em: <<http://br.web.img2.acsta.net/newsv7/15/07/31/13/59/590720.jpg>>. Acesso em: 24 ago. 2018

IMBD. Os Simpsons (1989-). Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0096697/mediaviewer/rm1730745600>>. Acesso em: 01 dez. 2018

INTERNATIONAL BACCALAUREATE®. International Education - Disponível em: <<https://www.ibo.org/>>. Acesso em: 01 dez. 2018

\_\_\_\_\_. Diploma Programme. Disponível em: <<https://www.ibo.org/programmes/diploma-programme/>>>. Acesso em: 01 dez. 2018

\_\_\_\_\_. Studying society in the DP. Disponível em: <<https://www.ibo.org/programmes/diploma-programme/curriculum/individuals-and-societies/>>. Acesso em: 01 dez. 2018

\_\_\_\_\_. Geography in the DP - Disponível em: <<https://www.ibo.org/programmes/diploma-programme/curriculum/individuals-and-societies/geography/>>. Acesso em: 01 dez. 2018

MOUNT KILIMANJARO NATIONAL PARK VIDEOS – Tanzania Tourism. Disponível em: <<https://www.tanzaniatourism.go.tz/multimedia/videos/mount-kilimanjaro-national-park>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MUNDO EDUCAÇÃO. Regionalização Norte-Sul. O mundo na Regionalização Norte-Sul. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/regionalizacao-norte-sul.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2018

O REI LEÃO. O Rei Leão 2. Disponível em: <[http://oreileao.com.br/?page\\_id=1246](http://oreileao.com.br/?page_id=1246)>. Acesso em: 01 dez. 2018

OS MENINOS DO BRASIL (Capa do DVD) Disponível em: <[https://http2.mlstatic.com/dvd-os-meninos-do-brasil-1978-gregory-peck-D\\_NQ\\_NP\\_8957-MLB20009986489\\_112013-F.jpg](https://http2.mlstatic.com/dvd-os-meninos-do-brasil-1978-gregory-peck-D_NQ_NP_8957-MLB20009986489_112013-F.jpg)>. Acesso em: 01 dez. 2018.

PIXACLUB. Blame It on Lisa - Season 13 - The Simpsons. Disponível em: <<http://pixa.club/en/the-simpsons/season-13/epizod-15-blame-it-on-lisa>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Goo Goo Gai Pan - Season 16 - The Simpsons. Disponível em: <<http://pixa.club/en/the-simpsons/season-16/epizod-12-goo-goo-gai-pan>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

SMITHSONINA. Matt Groening Reveals the Location of the Real Springfield | Arts & Culture | Disponível em: <[https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/matt-groening-reveals-the-location-of-the-real-springfield-60583379/?utm\\_campaign=20120410&utm\\_medium=socialmedia&utm\\_source=twitter.com&utm\\_content=retinamattgroeningthesimpsons](https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/matt-groening-reveals-the-location-of-the-real-springfield-60583379/?utm_campaign=20120410&utm_medium=socialmedia&utm_source=twitter.com&utm_content=retinamattgroeningthesimpsons)> Acesso em: 01 ago. 2018.

SUPERTEXTOS. Viva o Rio dos Simpsons. Disponível em: <<https://supertextos.wordpress.com/2011/12/23/viva-o-rio-dos-simpsons/>>. Acesso em: 10 ago. 2018

THE GLOBALIZATION OF THE SIMPSONS: A Study of Satire in International Media. Disponível em: <<https://medium.com/@benkurzrock/the-globalization-of-the-simpsons-a-study-of-satire-in-international-media-e0c0bf5aace1>>. Acesso em: 01 dez. 2018

"THE SIMPSONS ARE GOING TO...!": A Map of Every Simpsons Destination, Over 500 Episodes. Disponível em: <[http://www.slate.com/blogs/browbeat/2012/02/17/\\_the\\_simpsons\\_are\\_going\\_to\\_a\\_map\\_of\\_every\\_simpsons\\_destination\\_over\\_500\\_episodes.html](http://www.slate.com/blogs/browbeat/2012/02/17/_the_simpsons_are_going_to_a_map_of_every_simpsons_destination_over_500_episodes.html)>>. Acesso em: 01 dez. 2018

THE SIMPSONS: Interactive Map of Springfield. Disponível em: <<http://adn.blam.be/springfield/>>. Acessado em: 01 dez. 2018

TIMES MAGAZINE. Capa da Revista. Disponível em: <[http://img.timeinc.net/time/magazine/archive/covers/1990/1101901231\\_400.jpg](http://img.timeinc.net/time/magazine/archive/covers/1990/1101901231_400.jpg)>. Acesso em: 01 dez. 2018.

TREM DO CORCOVADO – Historia. Disponível em: <<http://www.tremdocorcovado.rio/historia.html>>. Acesso: 01 dez. 2018

VICTORIA FALLS – Largest waterfall in the world. Disponível em: <<https://victoriafallstourism.org/>>. Acesso: 01 dez. 2018.

WATCH THE SIMPSONS Season 12 Episode 17 – Simpson Safari full episodes cartoon online. Disponível em: <<https://watchcartoonsonline.la/watch/the-simpsons-season-12-episode-17-simpson-safari>>. Acesso em: 06 jun. 2018

WIKISIMPSONS. Apu Nahasapeemapetilon. Disponível em: <[http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Apu\\_Nahasapeemapetilon](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Apu_Nahasapeemapetilon)>>. Acesso em: 24 ago. 2018

\_\_\_\_\_. Homer Jay Simpson. Disponível em: <[http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Homer\\_Jay\\_Simpson](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Homer_Jay_Simpson)>. Acesso em: 01 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Marge Simpson. Disponível em: <[http://pt-br.simpsons.wikia.com/wiki/Marge\\_Simpson](http://pt-br.simpsons.wikia.com/wiki/Marge_Simpson)>. Acesso em: 01 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Bart Simpson. Disponível em: <[http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Bart\\_Simpson](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Bart_Simpson)>. Acesso em: 01 dez. 2018

\_\_\_\_\_. Lisa Simpson. Disponível em: <[http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Lisa\\_Simpson](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Lisa_Simpson)>. Acesso em: 01 dez. 2018

\_\_\_\_\_. Maggie Simpson. Disponível em: <[http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Maggie\\_Simpson](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Maggie_Simpson)>. Acesso em: 01 dez. 2018.

WORDITOUT. Identifique os símbolos que estariam no seu panorama geral inicial (positivos) – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3468384](http://worditout.com/word-cloud/3468384)>. Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. Identifique os símbolos que estariam no seu panorama geral inicial (negativos) – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3468643](http://worditout.com/word-cloud/3468643)>. Acessado em: 14 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Pontos turísticos brasileiros – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3471343](http://worditout.com/word-cloud/3471343)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. O que achou do episódio sobre o Brasil? – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3471513](http://worditout.com/word-cloud/3471513)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. Quais foram os elementos/símbolos que lhe trouxeram estranheza/surpresa sobre o Brasil? – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3471631](http://worditout.com/word-cloud/3471631)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. O que faltou e/ou você mudaria/acrescentaria sobre o Brasil? – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3471712](http://worditout.com/word-cloud/3471712)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. Qual seria a imagem síntese da África? Além desta, quais seriam os outros símbolos da região? – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3472283](http://worditout.com/word-cloud/3472283)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. Quais foram as últimas notícias sobre a África? Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3472311](http://worditout.com/word-cloud/3472311)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. O que você acha que vai ser mostrado neste episódio sobre a África? – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3472332](http://worditout.com/word-cloud/3472332)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. Quais foram os símbolos que você reconheceu no episódio sobre a África? – World Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3472455](http://worditout.com/word-cloud/3472455)>. Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. Algum estranhamento/ não entendimento/ surpresa de alguma referência no episódio sobre a África? – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3472631](http://worditout.com/word-cloud/3472631)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. Quais foram as ausências sentidas sobre a África? – Word Cloud. Disponível em:<[worditout.com/word-cloud/3569125](http://worditout.com/word-cloud/3569125) > Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. Qual seria a imagem síntese da China? Além desta, quais seriam os outros símbolos da região? – Word Cloud. Disponível em:<[worditout.com/word-cloud/3475640](http://worditout.com/word-cloud/3475640)> Acessado em: 14 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Quais foram as últimas notícias sobre a China? – Word Cloud. Disponível em:<[worditout.com/word-cloud/3475641](http://worditout.com/word-cloud/3475641)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_. O que você acha que vai ser mostrado neste episódio sobre a China? – Word Cloud. Disponível em:<[worditout.com/word-cloud/3475643](http://worditout.com/word-cloud/3475643)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_.Quais foram os símbolos que você reconheceu no episódio sobre a China? – Word Cloud. Disponível em:<[worditout.com/word-cloud/3481513](http://worditout.com/word-cloud/3481513)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_.Alguns estranhamento/ não entendimento/ surpresa de alguma referência no episódio sobre a China? – Word Cloud. Disponível em: <[worditout.com/word-cloud/3481521](http://worditout.com/word-cloud/3481521)> Acessado em: 14 nov. 2018

\_\_\_\_\_.Quais foram as ausências sentidas sobre a China? – Word Cloud. Disponível em:<[worditout.com/word-cloud/3481544](http://worditout.com/word-cloud/3481544)> Acessado em: 14 nov. 2018

YOUTUBE. The Problem With Apu - Official Trailer | truTV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zGzvEqBvkP8>>. Acesso em: 01 ago. 2018

\_\_\_\_\_. The Simpsons intro since the 90'. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=7&v=C6oSzWHwKtk](https://www.youtube.com/watch?time_continue=7&v=C6oSzWHwKtk)>. Acesso em: 01 dez. 2018

\_\_\_\_\_. Alô Amigos - desenhos animados em português completos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I-u3K2XZN4>>. Acesso: 10 dez. 2018

\_\_\_\_\_. 007 Moonraker - Roger Moore Vs. Richard Kiel ("Sugarloaf Mountain" Rio de Janeiro). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3CnkR3VLgI4>>. Acesso: 15 dez. 2018